

Percursos de vida dos jovens após a saída de Lares de Infância e Juventude



Co-financiado pelo FSE





FICHA TÉCNICA

Título

Percursos de Vida dos Jovens Após a Saída dos Lares de Infância e Juventude

Propriedade

INSTITUTO DA SEGURANÇA SOCIAL, I. P.
Rua Rosa Araújo, 43 | 1250-194 Lisboa
Tel.: (00351) 213 102 000 | Fax: (00351) 213 102 090
E-mail: iss@seg-social.pt

Autoria do estudo

Centro de Estudos Territoriais
Ed. ISCTE
Av. Das Forças Armadas
1649-026 LISBOA

Coordenação

Madalena Paiva Gomes

Equipa técnica

Dulce Moura
Ana Guerra
Sónia Costa

Consultoria

Isabel Guerra

(O texto é da exclusiva responsabilidade dos autores)

Data

Dezembro 2005

Design e Paginação

Luís Santos

Impressão

???

Revisão Gráfica

Filipa Alvarenga
Instituto da Segurança Social, I. P.

Tiragem

1.000 exemplares

Depósito Legal

???

ISBN

972-99986-2-0

Nota de Apresentação	4
CAPÍTULO 1. OBJECTIVOS E METODOLOGIA	5
1. Objectivos gerais e específicos	6
2. Metodologia	7
CAPÍTULO 2. REFERÊNCIAS TEÓRICAS E CONCEPTUAIS	11
1. Risco, família, intervenção	12
2. Espaço de acolhimento e educação	16
3. Instituições e famílias	22
4. Automização social. Trajectória de formação e emprego	24
CAPÍTULO 3. CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	26
CAPÍTULO 4. ANTES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO	31
1. O percurso da família à instituição	32
2. A decisão pela institucionalização	40
3. Percursos escolares antes da institucionalização	42
CAPÍTULO 5. DURANTE A INSTITUCIONALIZAÇÃO	43
1. O acolhimento na instituição	44
2. A vida quotidiana na instituição	49
2.1. As Regras	49
2.1.1. Aceitar as regras	49
2.1.2. Desobedecer às regras	51
2.1.3. Comunicação e diálogo. Discutir as regras	52
2.1.4. As regras no percurso dos jovens	55
2.2. Actividades	55
2.2.1. Actividades informais	57
2.3. Escola, formação e emprego	57
3. Vida pessoal e relacional	61
3.1. Projecto de vida	61
3.1.1. Sentimentos em relação à instituição	62
3.1.2. Vontade de fugir	63



3.2 Vida relacional com os adultos	63
3.2.1. Com os técnicos da instituição	63
3.2.2. Com a família	65
3.2.3. Com outros jovens da instituição	66
3.2.4. Com outros jovens fora da instituição	67
CAPÍTULO 6 . DEPOIS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO	68
1. Momento da saída	69
2. Sentimentos após a saída	71
3. Autonomização pessoal, escolar, profissional	74
3.1. Relação com a instituição depois da saída	74
3.2. Relação com amigos / família	75
3.3. Vida escolar e profissional	76
3.4. Projectos pessoais, expectativas	77
CAPÍTULO 7 . REFLEXÃO CRÍTICA E PROPOSTAS	80
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	86
<i>ANEXOS</i>	90
1. Guião de entrevista	91
2. Modelos, problemas e relações familiares	103





Nota de Apresentação







Nota de Apresentação

Percursos de Vida dos Jovens Após a Saída dos Lares de Infância e Juventude

O Estudo sobre os Percursos de Vida dos Jovens Após a Saída dos Lares de Infância e Juventude resulta de um trabalho elaborado pelo Centro de Estudos Territoriais (CET) do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa para o Instituto da Segurança Social, IP, com financiamento do Programa Operacional de Assistência Técnica, Fundo Social Europeu.

O objectivo que conduziu à realização do estudo visou caracterizar o percurso de vida de jovens que estiveram institucionalizados após a sua saída dos lares para crianças e jovens, procurando aprofundar a forma como decorreram os processos de autonomização familiar, social e profissional. Este estudo teve por base uma metodologia qualitativa - entrevistas aprofundadas a 25 jovens que estiveram institucionalizados.

O Estudo está organizado em sete grandes Capítulos onde para além da definição dos objectivos e da metodologia adoptada (Capítulo Um), das referências teóricas e conceptuais (Capítulo Dois) e da caracterização dos jovens entrevistados (Capítulo Três), o estudo traça o percurso destes jovens antes da institucionalização, nomeadamente o percurso da família até à instituição, a decisão por esta opção e os percursos escolares durante esta fase (Capítulo Quatro). No Capítulo Cinco o Estudo caracteriza o processo de institucionalização em si, nomeadamente a forma como se deu o acolhimento na instituição, a vida quotidiana (as regras, as actividades desenvolvidas, e a relação com escola, a formação e até o emprego), a vida pessoal e relacional desses jovens (os projectos de vida, a relação com os adultos - técnicos, família jovens de dentro e fora da instituição). O Capítulo Seis caracteriza o processo de desinstitucionalização, nomeadamente o momento da saída, os sentimentos gerados e o processo de autonomização pessoal, escolar e profissional.

O Estudo encerra com uma reflexão crítica (Capítulo Sete) em matéria de políticas de alteração do acolhimento institucional de crianças e jovens.





Capítulo I

Objetivos e Metodologia





Capítulo I

Objectivos e Metodologia

1. Objectivos gerais e específicos

A contratualização desta investigação tinha como objecto central a análise do “**percurso de vida do jovem institucionalizado após a sua saída dos Lares de Infância e Juventude**”, procurando conhecer o seu “**processo de autonomização familiar, social e profissional, assim como as suas expectativas sobre o futuro**”.

Neste esforço de compreensão do processo de institucionalização e autonomização dos jovens, o trabalho centrou-se em **dois objectivos gerais**:

- análise dos factores e dos processos que participam na construção das identidades e trajectórias dos jovens que viveram um contexto de institucionalização, assim como as suas representações e expectativas face ao seu projecto e percurso pessoal, relacional, educativo e profissional;
- identificação de potenciais factores propiciadores de inclusão pessoal, social e profissional no processo de internamento e autonomização, partindo de uma análise compreensiva dos discursos e das trajectórias de jovens após a saída da instituição.

Para a operacionalização dos objectivos gerais definiram-se **quatro objectivos específicos**:

- I (*acolhimento / integração institucional*) - compreender os tempos e os modos de integração do jovem na instituição, articulados com a diversidade de 'histórias', representações e projectos;
- II (*institucionalização*) - analisar os factores de construção da identidade pessoal e familiar do jovem, estruturas de sociabilidade e de relação, processos escolares e profissionais, face a experiências sociais e institucionais diferenciadas;
- III (*desinstitucionalização / autonomização*) - compreender os processos de autonomização pessoal, social e profissional, assim como expectativas e possibilidades de agir do jovem sobre o seu projecto para o futuro e a sua efectiva inserção na vida activa;
- IV (*propostas e mudanças*) - identificar projectos e propostas, espaços de possibilidade e reforço da integração do jovem nas estruturas sociais (família, amigos, escola, formação, emprego,...) no tempo e nos modos do processo de autonomização.

2. Metodologia

¹ O compromisso inicial era realizar 30 entrevistas. No entanto, face à dificuldade em ser disponibilizada, a tempo do projecto, uma lista do distrito de Lisboa que permitisse encontrar os 10 jovens propostos, a equipa seguiu a sugestão da entidade contratante e equilibrou a amostra pelos 5 distritos - 5 jovens em cada um.

Foram realizadas entrevistas não directivas, biográficas, a 25 jovens que estiveram institucionalizados, estando neste momento num período de transição/autonomização¹.

Esses jovens foram previamente identificados pela instituição contratante em 5 distritos: Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Évora e Santarém.

Interessa assinalar dois constrangimentos que determinaram a metodologia e a 'amostra' utilizada.

- Por um lado, havendo uma listagem pré-determinada de jovens com um número superior ao necessário, a selecção foi feita de modo aleatório, dependendo, essencialmente, da disponibilidade de cada jovem (ver Quadro 1 com caracterização geral dos entrevistados).

- Por outro lado, o guião da entrevista foi previamente elaborado e entregue pela entidade contratante no início do estudo, tendo sido feita uma reformulação, garantindo as dimensões do guião inicial (ver Anexo 1 com a última versão do guião).

Linhas fundamentais da versão final do guião da entrevista aos jovens:

I. Caracterização geral do entrevistado no momento actual

Género/ Estado civil actual/ N° de filhos/ Escolaridade/ Ocupação profissional

II. Caracterização da situação anterior ao acolhimento em lar

Aferir, de forma breve, os motivos que levaram ao acolhimento institucional, atendendo à caracterização do agregado familiar de origem

III. Avaliação do percurso na instituição

Caracterizar a auto-percepção sobre a forma como no quotidiano institucional foi sendo preparado o processo de autonomização; caracterizar o percurso escolar dos jovens; aferir o quadro da aprendizagem ao longo da vida; caracterizar a auto-percepção do entrevistado da proximidade entre a vivência em lar e a vivência num ambiente familiar.



IV. Da cessação do acolhimento institucional ao presente - processo de autonomização

Caracterizar a passagem da institucionalização à integração social e familiar, induzindo a comparação entre a vida em instituição e a experiência de vida autónoma, e aferindo dificuldades e potencialidades sentidas no processo de autonomização; caracterizar o percurso de vida autónomo até à situação presente ao nível das várias dimensões: pessoal, escolar, familiar e social; caracterizar o processo de inclusão sócio-profissional dos jovens e suas representações e expectativas face ao emprego.

As entrevistas aos jovens ocuparam o tempo fundamental do estudo e, posteriormente, foi feita a análise das trajectórias (objectivação de itinerários), através do material fornecido pelos discursos biográficos (“life history approach”)². As etapas metodológicas foram, desde o início, esquematizadas:

- contactar o jovem e explicar os objectivos do estudo;
- desenvolver uma aproximação relacional, de observação sociológica e de abordagem ao jovem pela pessoa que o ia entrevistar;
- organização de um contexto adequado para observação e realização da entrevista;
- registar a entrevista biográfica e fazer a sua transcrição integral e posteriormente a sinopse para a análise do seu conteúdo.

Através das entrevistas biográficas, foi possível fazer uma **reconstituição subjectiva** dos percursos dos jovens (*a posteriori*, passando pelo filtro da memória), e implicando três ordens de realidades (Bertaux, 1997):

- referente, a realidade histórico empírica da história vivida que corresponde ao percurso biográfico;
- significado, realidade psíquica e semântica, constituída pelo que o indivíduo pensa retrospectivamente; e
- significante, a realidade discursiva, a narração tal como ela é produzida no quadro do diálogo da entrevista.

Esta opção pelo método qualitativo permitiu ao entrevistado falar da sua própria vida, privilegiando uma estrutura de discurso cronológico, dando conta da sua trajectória, numa visão pessoal.

² Foram contactadas as seguintes instituições para serem entrevistadas: Casa Pia, Comissão Nacional de Protecção das Crianças e Jovens em Risco e Universidade Católica. As suas propostas de datas ultrapassavam o prazo do projecto - 3 meses - pelo que, de acordo com a entidade contratante, fizeram-se substituir as entrevistas por recolha e análise documental, nomeadamente textos de alguns especialistas e responsáveis de serviços que iam ser entrevistados.



A **análise das trajetórias de vida** (*life course studies*) parte do pressuposto essencial de que, ao longo do tempo, os indivíduos vão desenvolvendo o seu percurso de vida de forma dinâmica, em função do passado e das perspectivas futuras, num processo de relação e influência entre o indivíduo e a mudança social. Nesta análise de trajetórias, algumas análises causais procuram identificar o conjunto dos **factores individuais, circunstanciais e estruturais**, que influenciam variáveis dependentes, como a pobreza, a exclusão do mercado de trabalho ou o risco e a delinquência.

Outras vertentes da análise centram-se nas “**estratégias de vida**”, debruçando-se nos meios e recursos activados pelos indivíduos para resolverem os seus problemas e obstáculos dos seus percursos. Nesta concepção, **a noção de projecto de vida assenta no princípio da capacidade de acção racional do sujeito que associa as práticas às atitudes, representações e dispositivos individuais**, agindo sempre de forma “personalizada”.

A abordagem proposta neste projecto é sobretudo dialéctica, pressupondo que para reconstruir e analisar trajetórias de indivíduos que estiveram institucionalizados, interessa **reter essas trajetórias na articulação entre as instituições que os enquadraram ao longo do tempo e dos espaços sociais**. Isto é, a análise propõe aprofundar as trajetórias a partir da sua estruturação, numa relação dinâmica entre projectos de vida e normas (constrangimentos e possibilidades) culturais e institucionais que evoluem no percurso do jovem.

A compreensão desses projectos exige a discussão de três dimensões fundamentais: circunstâncias, motivos e resultados da acção, assim como a articulação das normas (estruturas) com a acção (agentes).

Também é importante discutir a **linearidade das trajetórias de vida**, geralmente organizadas de uma forma predefinida (exemplo: estudar, trabalhar, casar). Ao longo da vida, os vários campos de acção articulam-se de forma mais complexa, no espaço e no tempo, e os indivíduos assumem vários papéis e identidades sociais (face a normas culturais e institucionais e experiências sociais diferenciadas), que pressupõem lógicas de acção diferenciadas. Fazem-no, por vezes, de forma sucessiva (sendo importante perceber os mecanismos de passagem de um ao outro), ou simultânea (onde se evidencia a importância de compreender as articulações ou as contradições que podem originar constrangimentos à acção).

Neste âmbito, as vicissitudes do contexto e projectos de vida dos jovens não são indissociáveis das suas famílias e, mais tarde, das instituições que os enquadram, e o processo de construção identitária sofre as influências desse contexto, frequentemente turbulento, “moldando” e condicionando a sua autonomia e estratégia individual.



A capacidade de gerar identidades pessoais, sociais e colectivas saudáveis é, em larga medida, tributária das oportunidades materiais e sociais mas, sobretudo, afectivas e simbólicas desse contexto de desenvolvimento.

A observação dos campos relacionais que são o contexto de desenvolvimento de uma criança ou **jovem, são** desde logo essenciais:

- as razões da institucionalização e a potencial derrota de um projecto de vida familiar “normal”;
- **as instituições onde o jovem se integrou ao longo da vida** (no sentido alargado das unidades de base nas quais o indivíduo viveu ou se relacionou durante o seu percurso), podendo integrar os motivos porque entrou, a sua relação com a instituição de acolhimento, a escola, espaço de formação/trabalho, relação com outras instituições ou serviços que não integrou, relação com a família, etc.; ou ainda,
- **os diferentes actores** (pessoas ou instituições) com que o indivíduo manteve (ou mantém) relações particulares (discutidos na perspectiva da sua integração como redes sociais que podem favorecer ou orientar a sua trajectória de vida).

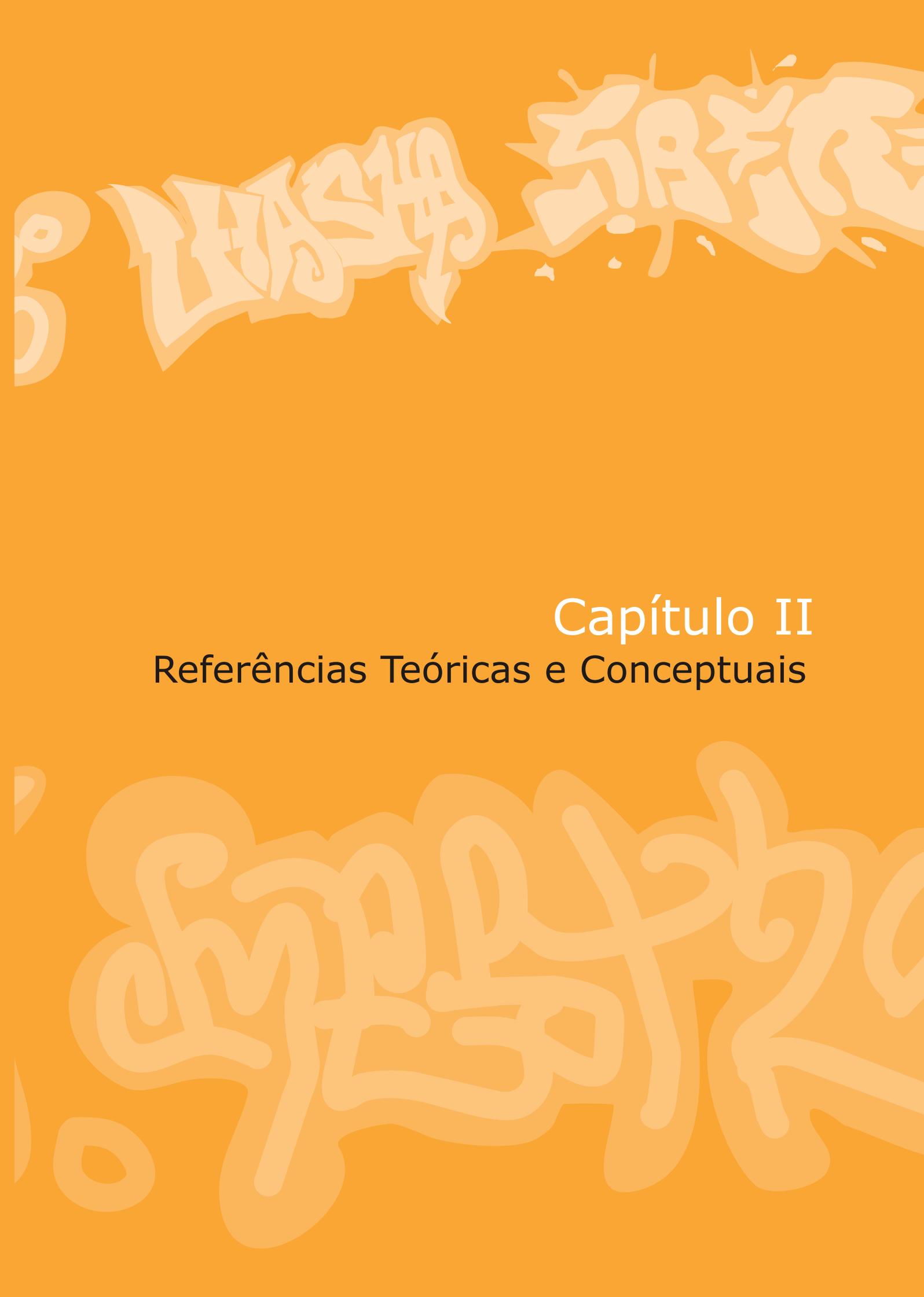
Na construção da identidade temos que ter em conta dois momentos do fenómeno identitário. Por um lado, temos uma *apreensão objectiva*, o conjunto de características que permitem ao actor social ser identificado pelo "exterior". Neste sentido, a identidade resulta da posição do indivíduo na cultura, na sociedade e pela sua pertença em diferentes categorias biossociais (estado civil, sexo, idade, pertença étnica, nacionalidade, profissão, papéis sociais,...). Este tipo de identidade é designado por identidade social.

O segundo momento da construção identitária é a *percepção subjectiva* que o indivíduo tem da sua individualidade. Esta inclui a consciência do *eu*, e a sua definição.

No entanto, não podemos dissociar do fenómeno identitário estes dois momentos porque se, por um lado, a *identidade pessoal* constitui a apropriação subjectiva da identidade social, por outro lado, a *consciência do actor social* é necessariamente marcada pelas categorias de pertença e pela sua relação com os outros.

A identidade resulta, portanto, das relações complexas que se tecem entre a definição exterior do *eu* e a percepção interior, entre o objectivo e o subjectivo, entre os outros e o *eu*, entre o social e o pessoal. Segundo o ponto de vista que cada um adopte, podemos colocar um em primeiro plano em relação ao outro, ou vice-versa.



The background is a solid orange color. At the top, there is a horizontal line of stylized white graffiti text. At the bottom, there is a larger, more complex piece of stylized white graffiti text. The text in the center is white and reads:

Capítulo II
Referências Teóricas e Conceptuais



Capítulo II

Referências Teóricas e Conceptuais

1. Risco, família, intervenção

Situando-se o estudo a partir de um grupo etário muito jovem, não é de estranhar que se encontre na família e nas problemáticas transgeracionais a génese de situações de risco que levaram à institucionalização destes jovens.

O entendimento das 'competências familiares' em relação à criança/jovem, e a relação entre o seu funcionamento e o controle do risco são essenciais na análise do período que antecede a institucionalização, quando o equilíbrio e a aproximação à criança/jovem se faz essencialmente pelos pais. É determinante o conhecimento do modelo de relação que está estabelecido na família, seja uma 'parentalidade adequada' (capacidade de empatia com a criança/jovem, reconhecimento da sua individualidade), ou uma 'parentalidade parcial' onde aumenta o risco (atitudes parentais disfuncionais: agressões físicas, negligências ligeiras, insegurança psicológica), que se agrava com a incapacidade dos pais em reconhecer essa situação e em conseguir trabalhar com técnicos competentes, ou ainda quando se desenvolve a 'disparentalidade' atribuída às situações de maus-tratos físicos, abusos sexuais, crueldades mentais ou negligências graves, em contextos familiares.

As situações crescentes de risco remetem para uma multiplicidade de factores que se associam a um ambiente socialmente instável, a condições de vida precárias, a novas formas de vivência e experimentação sexual, a manifestações de intolerância ou a comportamentos marginais.

De facto, na intervenção e institucionalização em idade precoce, predominam as situações de internamento por **negligência, incapacidade parental e/ou maus tratos**, o que evidencia a necessidade de reforçar a análise do papel da parentalidade enquanto factor de risco e motivação para a institucionalização.

Neste domínio, alguns estudos elaborados por especialistas³ permitem estabelecer **tipologias, em que o nível de gravidade atribuído aos actos de maus tratos parentais se rege por uma hierarquia**: abuso físico, abuso sexual, comportamentos parentais promotores de delinquência, falta de supervisão, mau trato emocional, uso de drogas e álcool, falta de resposta às necessidades físicas, negligência na educação e códigos de conduta parentais desviantes.

³ Estudo americano referido no artigo "Mau Trato e Negligência Parental" - Contributos para a definição social dos conceitos, da autoria de Manuela Calheiros e Maria Benedita Monteiro (2000) in Sociologia Problemas e Práticas, nº34, CIES, Celta, Oeiras.



Outros trabalhos ainda nesta área classificam **o tipo de actos que podem colocar a criança em situação de risco**: a interação verbal agressiva com a criança, o abandono familiar, os métodos de educação coercivos/punitivos, a agressão e violência física, o abuso sexual, as omissões na alimentação e na saúde infantil ou a exposição a situações que colocam em risco a segurança da criança.

Diferentes modelos, uns mais teóricos e outros mais instrumentais, procuram compreender precisamente a articulação de um conjunto vasto de factores no percurso anterior à institucionalização dos jovens. Esses factores são estudados, quer enquanto antecedentes para a decisão de institucionalização, quer determinantes para a orientação de metodologias de transição da criança/jovem do seu ambiente familiar.

Um gráfico apresentado em *Guidance on the Assessment Framework*⁴ articula três níveis fundamentais onde a exposição ao risco e a ausência de respostas estruturantes põe em causa o equilíbrio da criança ou do jovem na família:

- a capacidade parental;
- as necessidades do desenvolvimento infantil; e
- os factores familiares e do meio.

⁴ 2000, The Stationery Office - Department of Health, London (DoH internet web site: <http://www.open.gov.uk/doh/quality.htm>)

Figura 1 - Dimensões de protecção da criança

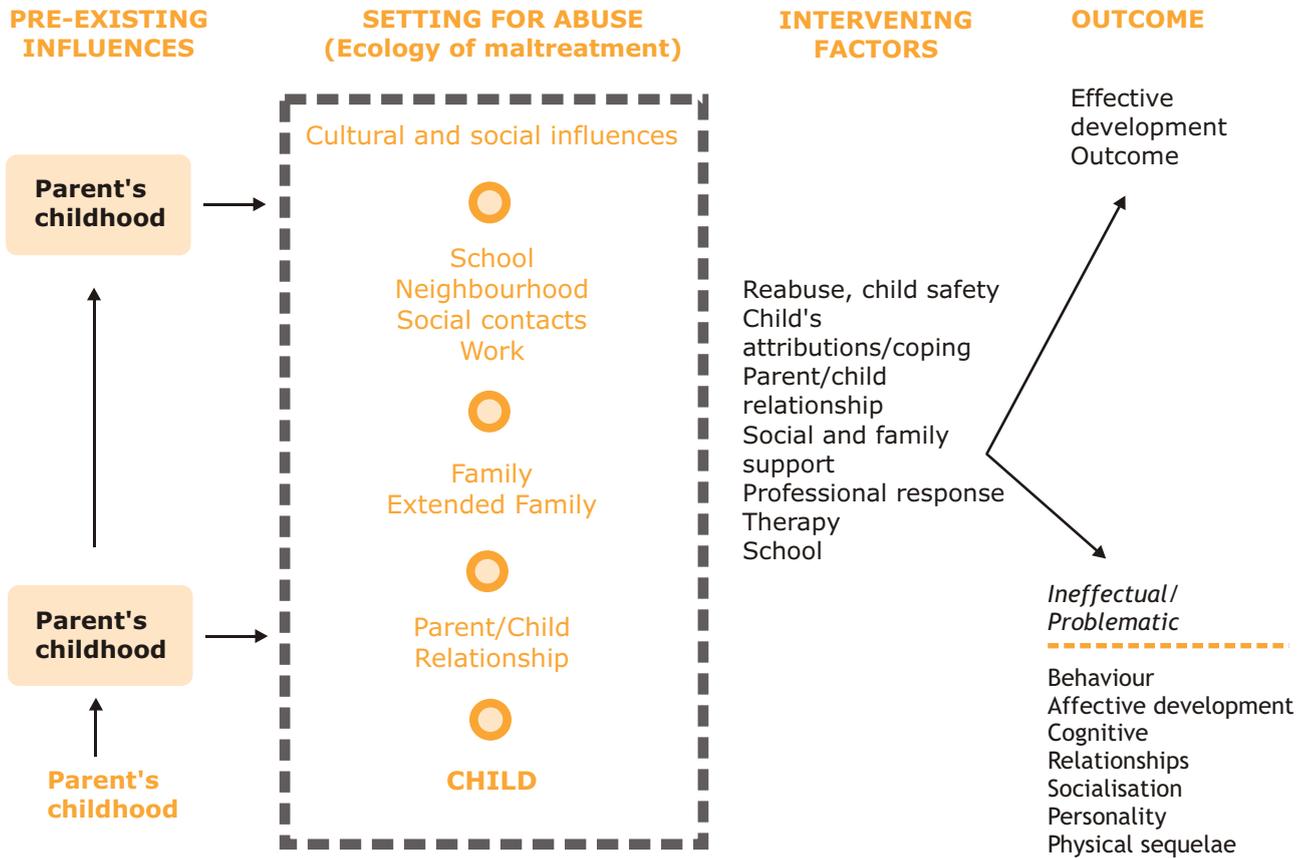


Fonte: *Guidance on the Assessment Framework*, Department of Health et al, 2000

⁵ Child Sexual Abuse. Informing Practice from Research. Radcliffe Medical Press, Abingdon, 1999, citado em *Guidance on the Assessment Framework*, Department of Health et al, 2000

Autores como Jones D. e Ramchandani P⁵. desenvolvem modelos da teoria psicossocial, onde discutem, de um modo sistémico, os factores de influência e de maus-tratos que concorrem para a intervenção/institucionalização da criança e jovem, isto é, “a developmental and ecological perspective on child maltreatment”:

Figura 2 - Dimensões de protecção da criança



Fonte: Guidance on the Assessment Framework, Department of Health et al, 2000

A apresentação das duas figuras anteriores vem reforçar a importância do conjunto de factores que interagem no desenvolvimento da 'incapacidade' das famílias (estabilidade e formas de composição familiar; organização e equilíbrio familiar; condições de vida) ao nível das suas funções microsociológicas, segundo Parsons⁶, a **socialização da criança e a estabilização da personalidade do adulto** (in Kellerhals, 1990), ou ainda a sua **função instrumental** (relação do grupo doméstico com o exterior, para extrair recursos e redefinir objectivos) e **expressiva** (assegurando a coesão do grupo).

⁶ Em contraposição com o estado do desenvolvimento das sociedades industriais norte-americanas e europeias nas quais Parsons afirma que a família não exerce no plano macrosociológico mais que as funções de reprodução e de identificação social da criança.



⁷ In Monteiro, M. Benedita et al, idem, p.51

A **percepção do ambiente familiar** tem sido, inclusive, operacionalizada pela adaptação de escalas compostas como a Family Environment Scale (Moos & Moos, 1981)⁷:

1. Relações interpessoais:

- Coesão (capacidade de suporte entre os membros)
- Expressividade (liberdade na expressão de emoções)
- Conflito (hostilidades expressas)

2. Crescimento pessoal:

- Independência (assertividade, auto-suficiência e tomada de decisão)
- Orientação para o sucesso
- Orientação para actividades intelectuais e culturais
- Orientação para as actividades recreativas
- Orientação religiosa e moral

3. Manutenção do sistema familiar:

- Organização (planificação e clareza das regras)
- Controle (rigidez das práticas familiares)

Muitos autores, para explicar a debilidade com que as famílias de jovens se demitem do poder parental, enfatizam a impossibilidade do actor exercer uma responsabilidade sobre os outros (o adulto pai/mãe sobre a criança/jovem) quando desenvolve um sentimento de indiferença perante a sua própria sobrevivência, numa interiorização constante do insucesso, de incapacidades ou do impedimento face a oportunidades, e um manifesto desinteresse pela sua auto-preservação (auto-estima/ auto-confiança, auto-controlo, auto-valorização).

Analisando os discursos e o **modelo de controlo** dos pais antes da institucionalização, é necessário ter em conta que ele tem por princípio básico a emergência e o desenvolvimento desses controlos através dos laços que os indivíduos estabelecem com os 'outros' e com as instituições e em situações de fraca intensidade desses laços sociais, o sentimento de integração e a acção dos controlos internos e externos também se fragiliza e por vezes anula-se na relação de parentalidade, introduzindo o desvio e o risco como possibilidade de acção.

2. Espaço de acolhimento e educação

Durante muitos anos, as instituições fechadas de educação de crianças e jovens em Portugal assumiram duas formas fundamentais. Por um lado, os internatos, que serviam a população estudantil rural e/ou de fracos recursos ou situações especiais como os colégios militares e, por outro lado, instituições de acolhimento de jovens, sem adultos capazes de assegurarem a sua sobrevivência, por situações de pobreza ou orfandade, integrando ainda crianças e jovens com comportamentos desviantes. Eram instituições geralmente afastadas dos espaços urbanos, o que permitia o desenvolvimento de objectivos como a aprendizagem de actividades rurais ou o reforço da disciplina.

Pedro Strecht (2003:100) referencia esta realidade: “*Ainda há poucos anos, e salvo raras excepções, o panorama era desolador. Centros instalados em edifícios desadequados, velhos ou antiquados, que espelhavam o crónico desinvestimento do estado nesta área.*”

Por outro lado, percebia-se nesses locais a sua história e evolução: ora a influência da Igreja (centros em antigos conventos, por exemplo), ora a organização asilar do Estado Novo (edifícios grandes, frios e de arquitectura prisional). A pobreza dos espaços físicos mantinha e agravava o grau de privação extrema a que estes jovens são sujeitos?”.

Essas instituições, umas mais educativas e instrutivas, outras mais dedicadas à guarda das crianças e jovens e ao ensino de uma profissão, seguiam o 'projecto educativo' tradicional, fazendo prevalecer o projecto colectivo sobre o projecto do indivíduo, ou, citando Foucault, fazendo '*surveiller et punir*'.

As instituições de acolhimento de crianças e jovens, nessa perspectiva, ajustam-se ao conceito de instituições totais apresentado pelo sociólogo Erving Goffman. Segundo este, as instituições totais caracterizam-se por “*um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por um período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.*”⁸

⁸ Goffman:2005

⁹ Idem

¹⁰ Idem

Segundo Goffman, o que distingue essencialmente as instituições totais é “*a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida: dormir, brincar e trabalhar*”⁹, visto que todas as actividades “*são realizadas no mesmo local e sob uma única autoridade*”¹⁰. Por outro lado, “*cada fase da actividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. (...) Todas as actividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma actividade leva, em tempo*”



11 Idem

12 Idem

13 Idem

14 Idem

predeterminado, à seguinte e toda a sequência de actividades é imposta de cima, por um sistema de regras explícitas e por um grupo de funcionários.”¹¹

Ainda segundo o mesmo autor, nas instituições totais podemos verificar uma divisão distinta: por um lado, “um grande grupo controlado” denominado “grupo dos internados”, e “uma pequena equipa de supervisão”.

Contudo, o tempo de permanência na instituição é distinto, os internados “*vivem na instituição e têm um contacto restrito com o mundo existente fora das suas paredes*”, a equipa dirigente por sua vez “*trabalha num sistema de oito horas por dia e está integrada no mundo externo.*”¹²

Resultado da uniformização das regras e do tratamento entre os internados, bem como a barreira que as instituições colocam entre o indivíduo e o mundo externo, conduz à “*mutilação do eu*”¹³. Um exemplo claro dessa mutilação é a perda do nome e a sua substituição por um número.

Um outro aspecto importante a ter em consideração é a **autoridade** e a forma de ser exercida. Para Goffman, a autoridade nas instituições totais dirige-se por um grupo de itens de conduta, tais como comportamento e maneiras. O internado é, frequentemente, alvo de julgamentos oficiais e da rede envolvente de coerção.

O autor salienta mesmo alguns aspectos dessa autoridade: “*as regras estão muitas vezes ligadas a uma obrigação de executar a actividade regulada em uníssono com grupos de outros internados (...) essas regras ocorrem num sistema de autoridade escalonada: qualquer pessoa da classe dirigente tem alguns direitos para impor disciplina a qualquer pessoa da classe de internados, o que aumenta nitidamente a possibilidade de sanção.*”¹⁴

Nesta perspectiva, a autoridade e a obediência são, para a maior parte dos jovens, uma 'impostura', ou uma 'violência', e nesta concepção de 'autoridade', e retomando um conceito de Jacques Pain (1992), não se discute a **noção de 'autorização', enquanto autoridade negociada, contractual, autorizada por cada um e por todos.**

As **regras** são, como já referido anteriormente, um dos elementos básicos da organização das instituições totais. “*As regras da casa são um conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõe as principais exigências quanto à conduta do internado.*



15 Idem

Tais regras especificam a austera rotina diária do internado “por outro lado existe um pequeno número de prémios ou privilégios obtidos em troca de obediência à equipa dirigente”¹⁵.

Paralelamente ao sistema de privilégios encontram-se os **castigos**, “*definidos como consequência da desobediência às regras.*” O mesmo autor refere que “*de modo geral, os castigos enfrentados nas instituições totais são mais severos do que qualquer coisa já encontrada pelo internado na sua vida fora da instituição.*”

A **valorização dos jovens** e do seu **projecto de autonomia**, o desenvolvimento da **escolaridade** obrigatória ou o estabelecimento de **novas relações de parentalidade**, são alguns dos factores que vão pôr em causa essas orientações tradicionais.

A instituição, como lugar de educação, assistiu a uma reformulação das suas funções no final do séc.XX. Por um lado, deve encontrar-se, hoje, mais aberta a ser socializada pelos jovens, através das suas preferências educativas e culturais. Por outro lado, deve tornar-se um lugar de transmissão, produção e reprodução cultural dos saberes e das ansiedades engendradas pela sociedade de consumo e pelas "culturas efémeras", referentes aos estilos de vida e ao tempo ocupacional e vivencial.

Neste breve debate, que pretende discutir as concepções e funções da instituição enquanto espaço de educação, é importante referenciar ainda a necessidade de desenvolvimento dos métodos activos que privilegiam as relações humanas e o bem-estar físico e psicológico do indivíduo, executados por serviços, como apoio psicopedagógico, orientação profissional, acção social, psicologia infanto-juvenil, terapia escolar e ateliers pedagógicos.

O microssistema institucional assiste a uma diversidade de cenários que influenciam a vida da criança, entre eles, as 'novas' expectativas de rendimento escolar, a importância atribuída pela instituição ao sucesso escolar, a percepção institucional da positividade da criança, a avaliação das relações entre a instituição e a criança. É a instituição que forma o indivíduo, mas, principalmente, é ela que lhe fornece os instrumentos operativos que lhe permitem apreender as normas e valores da realidade social que o circunda, bem como as representações da respectiva condição de classe.

Neste sentido, **o desafio da instituição é agora educar** ou, segundo Kellerhals e Montandon (1991), intervir em quatro domínios fundamentais:

- aquisição das atitudes necessárias para participar na produção social (os saberes);
- interiorização das crenças e dos valores que cimentam a acção moral (a moral);

- 
- aquisição de normas e ritos que regulam as relações interpessoais (técnicas de interacção); e
 - manejo dos signos e dos símbolos de identidade social (os marcadores de identidade).

Nesta perspectiva de aproximação estrutural da instituição, a sua actuação passa cada vez mais por duas dimensões relacionadas:

1. a **permissividade/contrato**, onde são usados como indicadores os contratos e limites impostos às actividades da criança, a responsabilidade que exigem desta, o rigor com que as regras são aplicadas, a forma com que interferem na vida da criança bem como os modos de exercício do poder paternal; e
2. o **carinho/hostilidade**, que usam como indicadores: o empenho no bem-estar dos seus filhos, a resposta aos seus desejos, o tempo que consagram às actividades que as crianças/jovens escolhem, o entusiasmo que mostram pelos seus feitos e, finalmente, a sensibilidades aos seus estados emocionais.

A literatura sobre o desenvolvimento humano sempre se interrogou sobre **o peso do sujeito e das instâncias de socialização na construção identitária**. Nas **posições mais individualistas** por oposição às 'societais', é dado à criança um papel primordial na construção do seu *eu*, podendo superar alguns potenciais *handicaps* do meio envolvente.

Mas na **abordagem "societal"**, a autonomia, o sentimento de responsabilidade e a representação de si surgem como reflexo dos processos de socialização. Em ambas as posições, a instituição tem um papel essencial, e os progressos, no plano da socialização, manifestar-se-ão, assim, entre o valor reconhecido pelos mais jovens às consequências de um acto e o valor que lhe é atribuído socialmente, o que remete para a importância da relação entre o cognitivo e o social, ou ao autocontrolo e à construção identitária numa relação entre o actor e o sistema.

Ainda neste sentido, Tap (1991) propõe o agrupamento dos processos de socialização em duas categorias articuladas - a integração psíquica e a integração social:

- A **integração psíquica, interna e centrípeta**, consiste na interiorização das características e exigências sociais e culturais, estando-lhe também inerentes três processos: a **identificação**, que se refere à capacidade de identificar os actores sociais e de se identificar com eles; a **interiorização**, que consiste na capacidade de interiorizar as características dos actores sociais, traduzindo uma inscrição posicional interna; e a **apropriação**, que se refere à capacidade de apropriar as características dos actores sociais, diferindo da interiorização por se tratar de uma articulação cooperativa dos sistemas interiorizados.



- A **integração social**, externa e centrífuga, compreende três processos pelos quais o sujeito entra nas relações e nas redes sociais: a iniciação, que diz respeito às aprendizagens e consumos necessários para entrar no sistema, a inserção, que se refere à inscrição posicional no mesmo sistema, e a integração propriamente dita, que consiste na articulação cooperante das diferenças e das semelhanças com os outros membros do sistema.

O autor considera que a **integração social** não pode ocorrer nem exclusivamente pela **assimilação**, através da qual o indivíduo perderia a sua identidade, nem apenas pela **diferenciação individualista**, que leva à discriminação e à exclusão.

Assim, defende-se uma **integração social ideal na articulação das diferenças e das semelhanças entre parceiros autónomos e activos**. Uma instituição integradora daria margem para a liberdade e realização pessoal, com espaço para os processos de personalização, inerentes ao processo de socialização, o que põe em causa características das instituições tradicionais: a grande dimensão de algumas instituições, o 'fechamento' do trabalho na instituição ou a uniformização das regras.

Fazendo um paralelo com a situação das instituições de acolhimento de crianças e jovens em Portugal, é possível observar o papel destacado da dimensão das instituições, pois segundo informação fornecida pelo Instituto de Segurança Social, I.P.¹⁶, continuam a predominar **grandes instituições**: 44,5% com mais de 30 jovens e apenas 27% de 1 a 15 jovens.

¹⁶ Cada instituição recebe um subsídio por jovem, em média 420,47 €, mas que, face a situações específicas, pode subir três vezes esse valor (valor de referência: ano 2005).

Quadro 1: Jovens por instituição com subsídio ISS, I.P. 2005

Nº de utentes	Nº de instituições	%
De 1 a 15 jovens	59	27.1
De 16 a 30 jovens	62	28.4
Mais de 30 jovens	97	44.5
Total	218	100

Fonte: SIF/SAP - Orçamento de Gestão Corrente 31.08.2005



Pedro Strecht (2003:100) chama a atenção para esta questão, que diferencia a intervenção em Portugal: “(...) continuam a encher as instituições que oferecem suporte residencial e educativo em regime de internato, e cujo trajecto de vida será esse até, pelo menos, aos 18 anos. Em Portugal atingem um número superior a 20 000, numa realidade negra que nos coloca no último lugar entre países da União Europeia (...) ausência de recursos educativos e de ocupação de tempos livres; ausência de assistência médica imprescindível e de uma ridícula proporção entre adultos e adolescentes, que nalguns casos era de 1/18 quando noutros países que conheci eram de 1/1.”



3. Instituições e famílias

Na abordagem da problemática dos jovens é fundamental falar das estruturas familiares, não apenas pela sua composição, recomposição ou organização, mas pelo seu papel enquanto estrutura de autoridade e controlo social. Generaliza-se a denúncia do 'fracasso das famílias', incapazes de exercerem um acompanhamento aos jovens e de lhe inculcarem o sentido de autocontrolo social, e a progressiva instabilidade intrafamiliar faz com que os pais, representantes do 'poder' e da 'autoridade' na família, vejam geralmente o seu papel ser substituído, ou promovam essa substituição, mesmo que parcialmente, pela escola.

A crise do modelo parental de educação, uma das dimensões fundamentais do desenvolvimento de laços e vinculação social dos jovens, afecta também as crianças mais pequenas, exigindo cada vez mais uma acção concertada de algumas instituições como forma e meio de recomposição das relações familiares e de melhoria da 'esperança de vida social' dessas crianças e jovens.

O estudo dos factores de construção da identidade pessoal e social das crianças e jovens, das suas práticas desviantes ou das suas sociabilidades em grupos, remete a um aprofundamento da trajectória e características das famílias, e das suas interacções com a criança ou com o jovem antes, durante e depois do período de institucionalização.

O laço entre a criança/ jovem, os pais e a instituição de acolhimento são relações pouco estudadas e, principalmente, sobre as quais a intervenção tem sido experimental nos últimos anos.

O debate sobre **o lugar e a função das instituições no dispositivo da parentalidade** traz à discussão a questão da sua natureza de co-residência ou parentalidade.

O desafio para as instituições é desenvolverem um projecto com as famílias, de modo a que:

- esse desafio esteja contemplado nos objectivos da instituição;
- se desenvolvam referenciais teóricos para um trabalho consistente;
- se entenda quem deve e pode fazer esse trabalho com as famílias;
- se definam quais são os objectivos e os modelos de intervenção com as famílias.

Em França, a *Association Régionale des Internats Éducatifs Spécialisés*¹⁷ discute o trabalho com os pais: “*Les placements sont autoritaires et se font dans la violence, les admissions sont trop rapides, les visites imposées. Quel travail faire dans ces conditions ? Quel*

¹⁷ http://aries.idf.free.fr/travail_avec_les_familles.htm



travail faire avec des parents maltraitant, alcooliques ou pervers? Faire intervenir la famille élargie? Dans tous les cas il faut se demander pourquoi fait-on ce travail avec la famille, pas seulement par 'bon cœur' mais pour éviter la reproduction!"

As questões colocam-se no **modelo de trabalho institucional com as famílias**: *“accueillir les parents au quotidien regule les projections. Le problème se situe entre ces deux alternatives 'est-ce qu'on se laisse happer ou est ce qu'on est sur la défensive ? Faut il systématiquement protéger l'institution en évitant les contacts avec les parents ? Ne pourrait-on pas adapter la règle en fonction de chaque situation ? Une autre question se pose alors aux participants: Quelle est la place des pères dans ce travail ? Est ce plus difficile de faire entrer les pères dans ce lieu du 'domestique'?"*

Alguns modelos de intervenção com famílias de crianças e jovens institucionalizados foram já implementados:

- **trabalhos colectivos com os pais**, encontros em torno de um tema *“les parents racontent leur enfance, partagent leurs difficultés, leurs valeurs éducatives, leurs expériences. Cela permet d'avoir des résultats qu'on n'obtient pas toujours dans d'autres lieux, entretiens, audiences, etc.”*; ou
- **co-educação parental** *“les parents puissent venir dans les établissements en fonction de leurs disponibilités, qu'ils puissent installer leur enfant dans le foyer, l'accompagner le plus possible dans le quotidien, éviter le 'rapt' que constitue le placement. Lorsque les parents sont en accord avec la mesure les enfants le sont aussi et alors on peut commencer à parler du retour de l'enfant dans sa famille c'est là le paradoxe”*; ou
- **trabalho com os pais centrado na criança institucionalizada** *“l'entrée se fait à partir des difficultés de l'enfant et non celles de la famille C'est au départ beaucoup plus confortable. C'est le 'soin' qui donne le ton. Pourtant les parents ne sont pas toujours prêts. Le travail est individualise, il se fait à la demande, selon les besoins. Les parents ont accès aux lieux de vie des enfants, ils sont accueillis par l'équipe régulièrement il s'agit de rendre compte à la famille du travail fait avec l'enfant. L'intervention de la famille dans le quotidien de l'enfant à l'intérieur de l'institution implique un travail sur la 'bonne distance professionnels ont souvent peur de l'envahissement des familles, ce qui se révèle presque toujours faux dans les faits.”*



4. Automização social. Trajectória de formação e emprego

A condição juvenil, na actualidade, é fortemente marcada pela incerteza e indefinição do futuro. Esta indefinição resulta do prolongamento da adolescência e o adiamento da vida adulta, imposto pela sociedade.

A partir daqui, podemos admitir que os riscos a que os jovens estão sujeitos são muito maiores, não só em termos de imprevisibilidade do futuro profissional, como também ao nível das relações sociais.

Na generalidade, os riscos da sociedade agravaram-se com a crescente individualização e a dissolução ou debilitação dos laços comunais ou societais, encontrando-se o jovem cada vez menos suportado pelas instituições sociais, sobretudo nas questões ligadas ao emprego e à inserção na vida profissional.

Esta problemática atravessa diferentes estratos e grupos sociais, pelo que se pode designar como um aspecto de mudança social global. Contudo, as dificuldades de inserção profissional são ainda maiores para os jovens que não possuem habilitações ou que transportam um 'estigma' criado pela própria sociedade.

A noção de transição para a vida adulta engloba não só a inserção profissional ou a entrada no mercado de trabalho, como também uma outra série de 'características socialmente atribuídas ao estatuto de adulto'.

O **acesso à maturidade ou idade adulta** é principalmente determinado pelo ingresso na vida activa, isto é, pela emancipação económica e familiar, sendo estas adquiridas pelo exercício de uma actividade profissional e pela constituição da sua própria família ou agregado familiar.

Por outras palavras, esse acesso é determinado principalmente pelo início de uma ocupação profissional e completa-se pela aquisição de uma **autonomia social**, que se traduz não só na emancipação ao nível económico, como também habitacional da família de origem através da constituição do seu próprio agregado.

De acordo com alguns autores, a transição para a vida adulta ou activa não pode ser vista como um processo linear, isto é, o mesmo é dizer-se que não existe uma única forma de transição, mas sim, formas, apontando-se para o facto de os modos de existência juvenil serem caracterizados por uma série de rupturas (descontinuidades) e percursos bastante diferentes uns dos outros.



Assim sendo, é a própria juventude que não deve ser considerada como um fenómeno sociologicamente homogéneo. De facto, falar-se em juventude como unidade é restritivo, sendo preferível distinguir juventudes, procurando ter presente a sua diversidade, nomeadamente, entre aqueles que abandonam os estudos mais cedo e começam a exercer uma actividade profissional e os que, adiando a inserção no mercado de trabalho continuam a ser estudantes.

Desta forma, a juventude deixa de ser encarada apenas como um conjunto social homogéneo, ou constituído por indivíduos pertencentes a uma certa fase de vida, mas também como conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens.

Tal como acontece na perspectiva sociológica, também nas teorias da psicologia a demarcação do indivíduo do seio familiar, o acesso ao mercado de trabalho, o abandono ou término dos estudos ou o início de uma vida em casal são alguns dos factores que determinam a transição para a vida adulta. No entanto, esta desmarcação de laços e posições antigas opera-se entre duas realidades: a representação do eu e as imagens parentais interiorizadas.

No fundo, trata-se de um estado de tomada de consciência dos tempos e dos ritmos de passagem. Este corte com a infância conduz o adolescente a emancipar-se da tutela e assegurar a formação das relações interpessoais estáveis, características do estado adulto. Neste contexto, assume um papel relevante a formação da identidade sexual, unificadora das relações sociais.

Parece-nos razoável a indução que propõe a impossibilidade do actor exercer uma responsabilidade sobre os outros quando é manifesto um desinteresse pela sua auto-preservação (auto-estima, auto-confiança, auto-controlo, auto-valorização).

O actor social nestas condições desenvolve um sentimento de indiferença perante a sua própria sobrevivência, e constitui um 'eu' que se afasta da sociedade que o expulsou ou recusou, através de uma interiorização constante do insucesso, de incapacidades ou do impedimento face a oportunidades. Desta forma, sucede-se uma desmarcação individual, ainda que tendencialmente seja feita em grupo, do mundo valorizado pela norma social, mas que o desvaloriza a si.







Capítulo III

Caracterização dos entrevistados





Capítulo III

Caracterização dos entrevistados

No âmbito do estudo, cujos resultados aqui se apresentam, foram entrevistados **vinte e cinco jovens** que estiveram institucionalizados, encontrando-se no tempo do projecto em processo de autonomização (vida autónoma fora da instituição).

As questões que atravessaram esta pesquisa foram as seguintes:

- Quais os factores e os processos que participam na construção das identidades e trajectórias destes jovens?
- Quais as suas representações e expectativas face ao seu projecto e percurso pessoal, relacional, educativo e profissional?
- Como identificam potenciais factores propiciadores da sua inclusão pessoal, social e profissional no processo de internamento e autonomização?

O guião e a condução da entrevista seguiram a lógica do seu percurso de vida:

- período antes do acolhimento e integração institucional;
- institucionalização; e
- desinstitucionalização/ autonomização.

Também a organização do Relatório obedeceu a essa arquitectura das trajectórias de vida, sendo fundamental iniciar o percurso por uma breve caracterização socio-demográfica dos 25 jovens entrevistados e do seu trajecto institucional.

Dos vinte e cinco entrevistados, catorze são do sexo feminino e onze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e os 34 anos.

Quadro 2 - Idade dos Entrevistados

Idade	Nº Entrevistados
16	1
19 - 21	8
22 - 24	6
25 - 27	4
28 - 30	5
34	1
Total	25

Quadro 3 - Caracterização Socio-Demográfica dos Entrevistados

	Distrito (Instituição)	Sexo	Idade	Escolaridade	Ocupação	Profissão
Ent_01	Évora	F	25	12º ano profissional	Trabalhador	Trabalha numa creche
Ent_02	Évora	M	23	12º ano	Trabalhador	Assistência telemóveis
Ent_03	Évora	M	19	11º ano incompleto	Desemprego	-
Ent_04	Évora	F	29	licenciatura em enfermagem	Trabalhador	Enfermeira
Ent_05	Évora	M	28	freq. universitária	Estudante	-
Ent_06	Lisboa	M	24	9º ano	Trabalhador	Porteiro no parque
Ent_07	Lisboa	M	22	9º ano profissional	Trabalhador	-
Ent_08	Lisboa	M	23	9º ano	Trabalhador	Mecânico pintor
Ent_09	Lisboa	M	19	6º ano	Trabalhador	Empregado mesa
Ent_10	Lisboa	F	25	9º ano	Trabalhador	Trabalha café
Ent_11	Porto	F	27	12º ano	Trabalhador	Esteticista
Ent_12	Porto	F	34	8º ano incompleto	Desemprego	-
Ent_13	Porto	F	28	12º incompleto	Trabalhador	Trabalha empresa
Ent_14	Porto	M	19	9º ano	Trabalhador	Trabalha num café
Ent_15	Porto	M	28	12º ano	Trabalhador	Polícia de intervenção
Ent_16	Santarém	F	23	10º ano	Desemprego	-
Ent_17	Santarém	F	16	frequenta o 10º ano	Estudante	Estudante
Ent_18	Santarém	F	24	12º ano hotelaria	Trabalhador	Trabalha num hotel
Ent_19	Santarém	F	20	12º ano	Trabalhador	Cozinheira
Ent_20	Santarém	F	20	10º ano	Trabalhador	Empreg. supermercado
Ent_21	Viana do C.	F	20	12º ano	Trabalhador	Vigilante de lar
Ent_22	Viana do C.	M	21	9º ano	Trabalhador	Estudador
Ent_23	Viana do C.	F	25	freq. universitária	Desemprego	-
Ent_24	Viana do C.	M	21	9º ano	Trabalhador	Manobrador máquinas
Ent_25	Viana do C.	F	30	licenciatura em educadora	Trabalhador	Educadora de infância

Os níveis de escolaridade dos entrevistados são médios (12 entrevistados têm entre o 10º e 12º ano), embora se verifique um número significativo de jovens com o 8º e 9º ano (10 entrevistados)¹⁸. Maioritariamente, os jovens estão empregados (19 entrevistados), detendo profissões, de um modo geral, pouco qualificadas.

Quadro 4 - Escolaridade dos Entrevistados

Escolaridade	Nº Entrevistados
Licenciatura	2
Frequência ensino superior	1
12º ano	7
10º e 11º anos	5
8º e 9º anos	10
Total	25

Quadro 5 - Ocupação dos Entrevistados

Ocupação	Nº Entrevistados
Trabalhador	19
Desempregado	4
Estudante	2
Total	25

¹⁸ Durante a entrevista, quer os jovens que têm do 10º ao 12º ano, quer os que possuem ou frequentam o ensino superior, consideram-se excepções na instituição que frequentaram, pois segundo a sua reflexão, eram raras as situações de jovens que tivessem atingido níveis tão elevados. Há que destacar que a lista de jovens entrevistados não correspondeu a critérios internos ao projecto, tendo sido uma resposta a uma solicitação da entidade contratante.

Quanto ao tempo de permanência na instituição, predomina o tempo longo, de 11 a 15 anos, o que significa que pelo menos dois terços da vida do jovem foi passada em regime de institucionalização. A dimensão predominante das instituições é a grande instituição (tendo em conta o número de jovens internos).

Os quadros seguintes reportam-se a uma caracterização por entrevistado, assim como a uma análise de conjunto dos percursos institucionais.

Quadro 6 - Percurso Institucional dos Entrevistados

	Distrito (1)	Nº Anos na Instituição	Período na Instituição	Pecurso e Nº Jovens Instituição (1)
Ent_01	Évora	14	4 - 18	Sempre na mesma instituição = 39 jovens
Ent_02	Évora	17	4 - 21	Três unidades = 2 famílias de acolhimento (4 aos 7) + instituição (dos 7 aos 21) = 69 jovens
Ent_03	Évora	11	6 - 18	Sempre na mesma instituição = 69 jovens
Ent_04	Évora	18	7 - 25	Duas unidades = 30 jovens (Lar) + poucos jovens (Transição)
Ent_05	Évora	12	10 - 12	Sempre na mesma instituição = 67 jovens
Ent_06	Lisboa	14	7 - 21	Três unidades = 2 centros de acolhimento (1 ano) + instituição = 18 jovens
Ent_07	Lisboa	10	8 - 18	Duas unidades = 20 jovens (Lar) + 6 jovens (Transição)
Ent_08	Lisboa	10	6 - 16	Duas unidades = 20 jovens (Lar) + 6 jovens (Transição)
Ent_09	Lisboa	2	16 - 18	Sempre a mesma instituição (Centro de Acolhimento de Emergência) = 15 jovens
Ent_10	Lisboa	9	9 - 18	Sempre a mesma instituição = 20 jovens
Ent_11	Porto	2	12 - 14	Sempre na mesma instituição = 64 jovens
Ent_12	Porto	12	5 - 17	Sempre na mesma instituição = 64 jovens
Ent_13	Porto	14	8 - 22	Sempre na mesma instituição = 30 jovens
Ent_14	Porto	5	13 - 18	Sempre na mesma instituição = 59 jovens
Ent_15	Porto	11	9 - 20	Sempre na mesma instituição = 66 jovens
Ent_16	Santarém	9	9 - 18	Sempre na mesma instituição = 30 jovens
Ent_17	Santarém	4	7 - 11	Sempre na mesma instituição = 36 jovens
Ent_18	Santarém	10	11 - 21	Sempre na mesma instituição = 25 jovens
Ent_19	Santarém	13	5 - 18	Sempre na mesma instituição = 36 jovens
Ent_20	Santarém	10	8 - 18	Sempre na mesma instituição = 16 jovens
Ent_21	Viana do C.	6	12 - 18	Sempre na mesma instituição = 35 jovens
Ent_22	Viana do C.	16	2 - 18	Sempre na mesma instituição = 29 jovens
Ent_23	Viana do C.	11	11 - 22	Sempre na mesma instituição = 50 jovens
Ent_24	Viana do C.	6	12 - 18	Sempre na mesma instituição = 29 jovens
Ent_25	Viana do C.	15	7 - 22	Sempre na mesma instituição = 50 jovens

(1) Ao longo da entrevista os jovens referem o número de jovens na instituição, sublinhando em diversos casos que houve algumas mudanças do número de jovens durante a institucionalização e sobretudo desde a sua saída. Considerou-se a dimensão da instituição pelo número médio actual de jovens segundo dados fornecidos pela Segurança Social, pois existe uma aproximação entre o número indicado pelos entrevistados e o que nos foi fornecido pelos serviços.

Quadro 7 - Período de Institucionalização

Anos na Instituição	Nº Jovens
1 a 5 anos	4
6 a 10 anos	8
11 a 15 anos	10
mais de 16 anos	3
Total	25

Quadro 8 - Dimensão das Instituições

Dimensão da Instituição	Nº Entrevistados
11 a 20 jovens	7*
21 a 30 jovens	5
31 a 40 jovens	4
41 a 50 jovens	2
51 jovens	7
Total	25

* E_04; 06; 07; 08; 09; 10; 20.



Figura 3: Período de Institucionalização

Idade	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34
Ent_1										14 anos																						
Ent_2												17 anos																				
Ent_3												11 anos																				
Ent_4													18 anos																			
Ent_5													12 anos																			
Ent_6													14 anos																			
Ent_7													10 anos																			
Ent_8													10 anos																			
Ent_9															2 anos																	
Ent_10													9 anos																			
Ent_11													2 anos																			
Ent_12													12 anos																			
Ent_13													14 anos																			
Ent_14													5 anos																			
Ent_15													10 anos																			
Ent_16													9 anos																			
Ent_17													4 ano																			
Ent_18													10 anos																			
Ent_19													13 anos																			
Ent_20													10 anos																			
Ent_21													6 anos																			
Ent_22													16 anos																			
Ent_23													11 anos																			
Ent_24													6 anos																			
Ent_25													15 anos																			







Capítulo IV

Antes da Institucionalização





Capítulo IV

Antes da Institucionalização

1. O percurso da família à instituição

No percurso da família à instituição, são múltiplos os factores de risco que condicionam a trajetória individual dos jovens entrevistados, expondo-os a situações de desinserção, exclusão e até de perigo para a sua integridade emocional, social e física. Muitos dos jovens entrevistados revelam um percurso biográfico antes da institucionalização, onde predomina a intensidade e a extensividade desses factores.

Essa multiplicidade de factores de risco encontra-se presente nas 25 entrevistas realizadas, segundo **três situações-tipo**, que concentram as motivações essenciais para a institucionalização dos jovens:

- ausência de uma parentalidade capacitada (19 entrevistas)¹⁹;
- situações de carência socio-económica na família (4 entrevistas)²⁰;
- comportamentos desviantes por parte dos jovens (2 entrevistas)²¹.

¹⁹ L_01 a 03, L_05, E_01 a 03, P_01 a 03, P_05, S_02 a 05, VC_01 a 04.

²⁰ E_04, E_05, VC_05 e S_02

²¹ L_04 e P_04

No primeiro caso, os factores de risco concentram-se na ideia da ausência de uma **parentalidade capacitada**, determinando uma alteração significativa dos referentes emocionais e relacionais da criança/jovem. Os pais, frequentemente ausentes, quer física, quer emocionalmente, representam a impossibilidade dos jovens se identificarem com padrões parentais de referência, crescendo frequentemente confrontados, como refere Pedro Strecht (2003) com padrões extremos da escala da relação afectiva: ou ausência, ou presença de qualidade distorcida que aumentam a sua necessidade de organização defensiva por denegação ou idealização;

Porque o meu pai morreu e a minha mãe entretanto deixou-me sozinho... completamente sozinho. Deixou-me com um tio, e esse meu tio como não queria tomar conta de mim deixou-me assim ao Deus dará! Também foi mais doença dela, é mais a ver com a droga, e então isso ...

(Ent 19 S_04)

As relações eram boas, a minha mãe gostava de mim... gostava de mim... mas ainda bem que... Não tinha condições psicológicas! Agora é que me apercebo, na altura sei que ela gostava de mim... à maneira dela! À maneira dela!

Eu tinha quatro anos, eu lembro-me perfeitamente, porque eu tinha uma avó... na altura já tinha setenta e tal anos agora já tem quase cem e ainda é viva e a minha mãe ia-me lá deixar, para fazer... enfim, a vida dela! É assim e a minha avó é que foi pedir, porque não tinha condições, na altura já tinha setenta e tal anos, já era assim... um bocadinho, pronto...

(Ent 01 E_01)



A segunda situação corresponde a uma constatação dos factores de risco relacionados essencialmente com a **pobreza, a incapacidade económica da família e existência de condições de vida precárias** de vida;

Lembro-me, lembro-me porque na altura disseram-me, nós éramos uma família muito grande...tenho cinco irmãos e mais duas irmãs, uma família pobre e depois na altura pronto, poucos recursos, a minha professora, acho que foi a minha professora, na altura da escola primária, com a minha irmã trataram das coisas e pronto fui para a instituição.

(Ent 04 E_04)

Vivia com a minha mãe, com a minha mãe e com as minhas irmãs, as minhas irmãs já estavam na instituição. O meu pai morreu e elas entraram logo, eu fiquei com a minha mãe, depois entretanto acharam que eu também devia e...entrei. Sou a mais nova. Mais nova dos cinco irmãos. A minha mãe entretanto também teve uma boa proposta de trabalho, ia trabalhar mais tempo, fazia com que eu passasse menos tempo com ela, então...foi mais nessa idade, o trabalho dela, ela precisava...

(Ent 25 V_05)

A minha mãe era muito jovem coitadinha, pronto, acontece, suicidou-se! (...) O meu pai trabalhava, ele trabalhava dia e noite, ele levantava-se as quatro e chegava às oito, era uma coisa! Mesmo! (...) Pronto, fiquei sem mãe, o meu pai também se fartava de trabalhar, porque éramos três crianças mais a minha mãe que tinha ficado connosco em casa não é ele fartava-se de trabalhar, de noite, e não tinha hipótese de ficar connosco, de qualquer maneira nós éramos muito pobres não tínhamos condições mesmo que quiséssemos.

(Ent 17 S_02)

Até praticamente à entrada para a dita instituição, tive uma infância normal apesar de o meu pai ter falecido aos 4 anos, tive uma infância normal (...) Vivia com a minha mãe. As condições económicas não eram as mais favoráveis. Quando eu nasci a minha mãe já tinha alguma idade e a minha mãe tinha alguns problemas de saúde e as coisas não se estavam a conciliar muito bem (...) uma prima do meu pai (...) indicou isso à minha mãe, pronto sugeriu isso à minha mãe e a minha mãe dentro das circunstâncias se calhar viu que o melhor era eu vir para aqui, dado que as condições não eram as mais favoráveis, a situação de saúde dela não era mais indicada, pronto foi por isso que eu vim para aqui.

(Ent 05 E_05)

Por último, a terceira situação de risco, que conduz à situação de retirada da família da criança ou do jovem, está associada, sobretudo, aos seus **comportamentos desviantes e marginais**, dos quais podem resultar consequências graves na sua trajectória e no seu comportamento individual e social;

Andava na escola (com 16 anos tinha feito o 4º ano!) mas ia mal. Andava com más companhias, faltava, não ia à escola...para namorar, para jogar à bola, para estar com os amigos, para ir para o centro comercial (...)

(Ent 09 L_04)

Foi por causa da idade, foi influenciado...nunca cometi assim nada de grave, não, estava num grupo que roubava carros e isso, mas eu nunca tinha feito nada... Foi influenciado. Influenciado, prometeram-me coisas e eu pronto influenciado por o que eles me disseram juntei-me ao grupo. Podiam gozar, talvez nas minhas costas: 'Olha, pronto já ganhávamos aqui um puto!' ou 'Faz aquilo como um pau mandado.' Podia ser isso! Fazia aquilo que eles me pediam. Conbeci-os na rua.

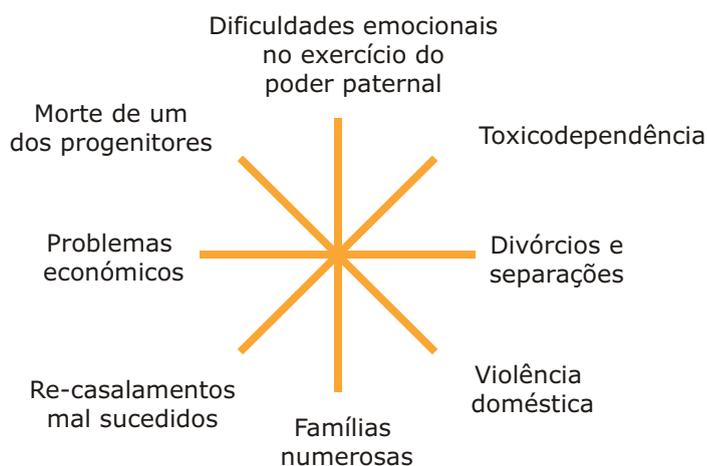
Já mais crescido, quando eu estive a morar com a minha mãe e com o meu padrasto eu fugia de casa, não gostava de estar lá e fugia de casa e vinha à boleia para o Porto... À terceira vez que eu tentei fugir tive azar de ser um amigo dele e ter-me levado lá a casa. Até entrar no colégio em Setembro, entrei em Setembro no colégio.

(Ent 14 P_04)



Ao longo das entrevistas surgem frequentemente a conjugação de factores de risco no mesmo agregado e repercutindo-se sobre a mesma criança, o que não só provoca como agrava as situações contínuas e circunstâncias de risco no seu percurso de vida.

Figura 4 - Razões da institucionalização



A **dissociação familiar** é um dos aspectos marcantes das famílias dos jovens entrevistados, e alguns factores associados a essa dissociação, como desemprego, precariedade no trabalho, carências profundas e baixa escolaridade dos indivíduos estão, frequentemente, na origem de situações de desinserção das famílias.

Essa degradação e desqualificação de algumas famílias com baixos rendimentos, baixa escolaridade e falta de tempo diário dedicado aos filhos, originam, frequentemente, dificuldade em acompanhar a socialização da criança, assim como criam distâncias afectivas e sinais precoces de autonomia dos menores.

As percepções, os sentimentos, os valores e os princípios com que os entrevistados acompanham as imagens da educação da sua infância ou a adolescência antes da institucionalização, circulam num **cenário de diversidades e adversidades**.

Porque fui para lá? Foi porque... eu morava em França com os meus pais e a minha mãe abandonou-me com dois anos... pelo que sei, ela abandonou-me com dois anos, e o meu pai fugiu comigo para cá para Portugal, e depois estive ali a dormir ali debaixo da ponte ... um bom tempo, o meu pai andou à procura de uma instituição, não conseguia, e não conseguia... estávamos lá a dormir, eu era pequenino, lembro-me de sair fora da tenda, vinha cá fora fazer xixi estava a chover, e eu molbava-me todo... Frio... depois passou lá um agente da polícia e perguntou ao meu pai se não gostava de me meter numa instituição, e o meu pai disse que sim, que tinha andado à procura... e pronto foi a maneira mais certa de ir para o lar...

(Ent 22 VC_02)

Discutiam, o meu pai batia na minha mãe, claro que nós vivemos isso, não vivemos o dia-a-dia porque nós fomos para o colégio graças a deus, mas eles davam-se mal, o meu pai batia-lhe... os meus irmãos dizem que ele a mim não me batia porque eu era filha querida, mas claro que tinha que dar, não é? Até eu gosto muito da minha filha mas de vez em quando dou-lhe porque ela merece, não é? E gosto muito dela! Não vou estar a fazer-lhe festinha se não ela amanhã o que é que vai acontecer, ela não me vai respeitar! Não (...) porque ele não conhecia bem a história da minha mãe e do meu pai, sabia que a minha mãe levou, mas às vezes ela também merecia! Agora ela merecia mesmo, que a minha mãe agora está insuportável! Mas sabem que a minha mãe bebe, insulta, e quantas vezes me pôs fora de casa! E é assim qualquer pessoa que conhece a nossa família que não é o melhor sítio para a minha filha estar, não é, não vale a pena!

(Ent 12 P_02)

A própria **instabilidade conjugal**, durante muito tempo associada apenas ao divórcio, face às novas formas familiares como a união de facto, ganha maior complexidade, pondo em causa as formas tradicionais da família e conduzindo à multiplicação de uniões e de rupturas: separações sem divórcio, novas relações e novos filhos.

Para o jovem, a família transforma-se frequentemente em 'bifocal'. No caso de um dos pais voltar a reconstituir a família, agregando novos actores que podem ser um novo pai ou uma mãe, filhos do outro cônjuge e também os meios-irmãos.

Por exemplo nunca fui maltratada, nunca me bateram, nunca me abusaram, nem nada do género, mas se calhar houve coisas psicológicas se calhar muito mais fortes! Isto está a gravar mas quero lá saber... a minha mãe fazia vida sei lá como, ganhava dinheiro sei lá como, o companheiro não fazia nada, vivia às custas dela, drogava-se... e eu na altura não percebia! A minha mãe tinha mais filhos mais velhos do que eu, só que eu não conheci todos, viviam com outras famílias. [Não sabe se algum dos seus irmãos também esteve institucionalizado?] Acho que uma esteve, mais velha do que eu, em Setúbal, portanto é assim eu conheci um irmão que tem 37, conheci uma irmã que tem trinta e... é assim, é uma história complicada... enfim conheci mais duas irmãs...

(Ent 01 E_01)

Tinha uma irmã mas a minha irmã não morava lá connosco. A minha irmã foi toxicod dependente e então nas condições que ela estava a minha mãe não queria ela lá em casa. Portanto... É mais velha, tem 33, 34 anos... A partir dos 4 anos, o meu padrasto apareceu, não sei o que é que se passou, apareceu e até hoje. A minha irmã mais velha é filha do meu padrasto. Podemos dizer que não porque o meu padrasto era alcoólico... depois havia violências, deitava-se à porrada à minha mãe... Metia-me no meio, para não tocar na minha mãe, comia eu. Os meus três sobrinhos mais pequenos estão numa instituição, a minha sobrinha mais velha está com o meu tio, tem 20 anos, o meu sobrinho está numa instituição... e está a tirar um curso. Três são do mesmo pai, dois não.

(Ent 14 L_04)

Nas situações recorrentes de **recomposição familiar** põe-se uma questão diferente quanto aos papéis, deveres e obrigações de cada um dos jovens, tanto ao nível do lar recomposto, como ao nível da rede familiar.

E numa sociedade onde o modelo nuclear é, ainda, estatisticamente predominante e constitui ainda a norma, estas 'novas' famílias não dispõem de modelos de conduta pré-estabelecidos para gerir aquilo que lhes é específico.



Na ausência de regras instituídas e legitimadas, estas famílias são, de alguma forma, entregues a elas mesmas e obrigadas a 'inventar' modelos de regulação adaptadas à sua situação complexa. (in Singly, 1992).

O meu pai está em Cabo Verde, já não o vejo desde os 3 anos... também nunca lá fui e ele nunca cá veio a Portugal e a minha mãe morreu quando eu tinha três anos. E depois quando eu... tinha três anos e qualquer coisa, quase os quatro anos vim para Portugal morar com a minha tia, ela nessa altura não tinha filhos, e então vim eu e o meu irmão que eu tenho um irmão mais velho, tem agora 21. O companheiro dela e mais dois sobrinhos do companheiro dela, que nessa altura também os pais deles morreram... e então pronto, éramos os quatro órfão, não é? Nós não éramos órfãos de pai mas éramos órfãos de mãe e os sobrinhos dele (...) houve uma vez que o filho dela, porque ela agora tem filhos, além de nos ter criado a nós os quatro, tem dois filhos...

(Ent 03 E_03)

A **morte de um dos pais**, e o facto de serem **famílias numerosas**, surgem ainda como outras das importantes causas directas da exposição ao risco e da sua consequente institucionalização. São jovens que, frequente, e precocemente, foram crianças que ficaram reduzidas a serem 'filhos de ninguém' por morte ou desaparecimento de familiares.

O meu pai já faleceu, com a minha mãe não tenho porque entretanto aconteceu uma coisa que eu nem gosto de pensar nela, e pronto... eu acho que ela é a culpada e pronto não me dou muito bem com ela.

(Ent 21 VC_01)

A minha mãe faleceu quando eu tinha quatro anos, na altura nós éramos muito novos, portanto era eu e mais... nós somos sete... quer dizer o meu pai juntou-se mas pronto, somos seis... e todos os que não tinham idade até aos sete anos, que era a idade para entrar na instituição foram para casas de acolhimento da segurança social em que ficamos divididos, fiquei dividido um ano dos meus outros dois irmãos e passado esse tempo juntamo-nos. Sim, foi quando a minha mãe faleceu, automaticamente fomos todos, ficamos à guarda do tribunal, a seguir o meu pai juntou-se com outra pessoa teve mais três filhos, esses três filhos foram também, uma para a Casa Pia, portanto uma teve numa casa de acolhimento...

(Ent 02 E_02)

A minha mãe tinha falecido e o meu pai depois abandonou-nos, depois houve uma vizinha que tomou conta de nós... só que tinha poucas possibilidades também para tomar conta de mim e dos meus irmãos e a assistente social meteu-nos no centro.

(Ent 24 VC_04)

A importância da morte de um dos progenitores dos jovens é um motivo fundamental para a institucionalização, assim também o significativo número de outras mortes durante o período da institucionalização do jovem (parentes próximos), aumentando a precariedade da sua situação, e influenciando directamente o seu quotidiano nos momentos que partilhados com a família.

Outro factor significativo diz respeito à **entrada para instituições de vários irmãos**. Este factor referencia, sobretudo, a dimensão das família, o risco e a precariedade de vida extensíveis a todos os elementos do agregado.



A 'família' mais referenciada pelos jovens define-se precisamente pela ausência de suporte emocional que garanta aos seus membros equilíbrio. Os casos mais problemáticos de desequilíbrio familiar referidos pelos entrevistados incluem problemas de toxicod dependência, alcoolismo, violência doméstica e abuso sexual.

Não, não falávamos porque o meu pai ameaçou-me que se um dia contasse matava-nos a todos e a ele! (...) Eu disse-lhe... "Faça-me a mim o que quiser mas não toque nas minhas irmãs!". "Não é só contigo!" e isso é que me revoltou mais! Saber que as minhas irmãs foram... Eu lembro-me com cinco, mas desconfio que foi mais cedo! Mas lembro-me que ainda estava na casa da minha avó, lembro-me que... por causa de fases, porque eles viveram em casa da minha avó ainda (...) eu já era abusada na casa da minha avó. Calculo que a minha irmã com três era eu também de certeza que era! Ela desconfiava (tia religiosa que a internou) ela vinha cá, simplesmente, ela isolava-se com o meu pai (...) víamos os dois a conversar boras e boras ali e mais tarde eu soube que ela sabia (...) a solução para ela não era o divórcio que era uma vergonha mas era separar os filhos (...) quando a minha irmã com três anos contou o que o pai lhe fazia... com três anos (...) ainda hoje fala, tem sempre resposta na ponta da língua... Ela era muito fofinha, e falava muito bem, a minha mãe diz que nós todos começámos a falar muito cedo, muito bem! E então ela lá contou tudo ao pormenor, o que o pai lhe fez! Ela contou à avó (...) a minha mãe chegou, claro contou (...) enfrentou a menina e nós começamos a descobrir entre toda... Porque eu não sabia das minhas irmãs, nem elas sabiam de mim!
(Ent 11 P_01)

Porque ele sempre foi uma pessoa muito agressiva. É assim agora não bebe. Ele é uma pessoa muito doente, hoje está doente ...
(Ent 10 L_05)

Como eram muitos filhos, uns já eram grandes, maiores já tinham a vida deles, nós éramos os três, os três mais novos, fomos retirados porque não tínhamos condições depois havia agressões entre... pronto a minha mãe agredia-nos e isso e...
(Ent 03 S_03)

Outra variável tida em conta na definição de famílias de risco diz respeito à **relação que estabelecem com o exterior**, sobretudo ao nível do trabalho - ritmo de trabalho e baixos rendimentos. Tratando-se de famílias com problemas económicos, e **de insegurança no vínculo laboral**, encontram-se situações pouco compatíveis com a guarda e acompanhamento das crianças, obrigando a situações que levam, muitas vezes, ao abandono.

As entrevistas aos jovens também revelam esta desorganização familiar, assim como os reflexos na construção da sua personalidade e no percurso pessoal e escolar.

Interessa, neste momento, sistematizar os factores de risco que os jovens reconhecem na sua primeira infância ou já na fase jovem, determinantes para a decisão da sua institucionalização:

Quadro 9 - Problemáticas detectadas pelos jovens no percurso anterior à institucionalização²²

Situações de perigo:

1. Abandono
2. Negligência
3. Abandono escolar
4. Maus tratos físicos e/ou psicológicos
5. Abuso sexual
6. Exercício abusivo de autoridade
7. Prostituição/ pornografia infantil
8. Problemas de saúde
9. Falta de condições socio-económicas
10. Morte de um dos pais ou dos dois

Condutas desviantes:

1. Prática de acto qualificado como crime
2. Uso de estupefacientes
3. Ingestão de bebidas alcoólicas
4. Exposição a modelos de comportamento desviante
5. Mendicidade
6. Corrupção de menores

	Situações de perigo									Condutas desviantes						
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Ent_01																
Ent_02																
Ent_03																
Ent_04																
Ent_05																
Ent_06																
Ent_07																
Ent_08																
Ent_09																
Ent_10																
Ent_11																
Ent_12																
Ent_13																
Ent_14																
Ent_15																
Ent_16																
Ent_17																
Ent_18																
Ent_19																
Ent_20																
Ent_21																
Ent_22																
Ent_23																
Ent_24																
Ent_25																
Total	2	15	1	12	2	3	0	3	15	10	0	0	0	2	0	0

O quadro anterior, complementado com um quadro no Anexo 02 (Modelos, problemas e relações familiares), permite dar conta, de modo detalhado, da complexidade dos agregados familiares dos jovens entrevistados antes, durante e depois da institucionalização (evolução do papel da família na vida do jovem).

Interessa, neste momento, sistematizar duas conclusões:

- a saída de casa e consequente institucionalização pressupõe, de um modo geral, um profundo corte com a família; as visitas são escassas, irregulares, desprovidas de lógica,

²² Baseado na tipologia da Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco sobre as Problemáticas detectadas em crianças e jovens, para sistematização nas Estatísticas da Justiça.



segundo o entendimento dos jovens (não percebem porque vão a casa alguns fins-de-semana e deixam de ir outros, não lhes é explicado o sistema de visitas a casa, nem tomam decisões a esse respeito);

- não é denunciado qualquer trabalho com a família durante a institucionalização, o que explica, em parte, a desestruturação das relações familiares depois da saída (nas relações com os familiares e no modelo de organização da sua própria família).

2. A decisão pela institucionalização

Apresentadas as principais causas da institucionalização das crianças, interessa perceber o modo como os jovens recordam a chegada à instituição, assim como o **modo de acolhimento**. Estes tempos e **modos de separação/perda da família**, correspondem a alguns dos momentos mais críticos das entrevistas.

Pelos discursos dos jovens entrevistados, quem assinala, denuncia ou leva a criança para a instituição são sobretudo **professores, familiares, vizinhos e técnicos**, e o modo de entrada é sentido ora como uma violenta retirada da família (pelo tribunal), ora como uma decisão tomada em conjunto com a família que leva a criança até à instituição.

Uma apresentação contrastada da vivência desse período pode demonstrar a perturbação de muitos jovens entrevistados, sobretudo quando ela correspondeu a um momento inesperado, de retirada violenta.

Embora pela memória possam reconstituir o momento da retirada da família, os discursos acerca dos motivos são geralmente pouco claros, por vezes contraditórios. Alguns jovens continuam a questionar-se do motivo real, não tendo encontrado uma explicação suficientemente consistente junto da instituição ou dos pais.

Retirada violenta da família

Foi uma assistente social, como é que isso surgiu?] Há situações que eu não tenbo acesso, porque ninguém mas disse! (chora) Eu sou assim, começo logo a chorar...sou assim! Com quatro anos, com a idade da minha filha, era muito pequenina, mas tenbo memórias, faz-me um bocadinho de confusão, tenbo memórias! Eu tenbo, tenbo! Isto está a gravar mas quero lá saber... a minha mãe fazia vida sei lá como, ganhava dinheiro sei lá como, o companheiro não fazia nada, vivia às custas dela, drogava-se... e eu na altura não percebia! É assim e a minha avó é que foi pedir, porque não tinha condições, na altura já tinha setenta e tal anos.

Ent_02

Eu recordo-me, porque é assim, recordo-me que na altura... isso recordo-me muito bem... eu ia para a escola, aliás eu vinha da escola e depois foram até uns senhores da GNR que me perguntaram se eu era filha de fulano tal e eu disse que sim e depois eles levaram-me, foi assim. Quer dizer, uma pessoa levada assim! Não é? Pequenina, não é? É que depois eu recordo-me, também, que na altura eu vi passar o meu pai, eu ia com os da GNR e vi passar o meu pai, quer dizer eu não consegui...

Ent_13



Entretanto a mãe fugiu com ele, porque era o único que ainda não tinha saído de casa: "... provavelmente devem ter ido eles primeiro e eu se calhar nem sequer estava em casa, na altura, e depois quando cheguei a casa a minha mãe agarrou em mim, e pronto vamos embora!" Eu queria ficar com a minha mãe, na altura, tanto que a primeira vez que eu fui para entrar no lar eu não fiquei lá nesse dia."

Ent_06

Família entrega a criança na instituição

Não me explicavam muito... Oh pá! não sei, eu já tentei falar com o meu pai, sobre o que é que se passou: mas porquê? E com a minha mãe: o que é que se passou, mas porquê? A história é uma longa história, mas cada um fala a sua versão e eu tenho de acreditar nos dois ou não acredito em nenhum! Um diz que a culpa é do outro, ela diz que a culpa é dele, e não sei... Era a vida era deles, pá, lá esta, eles tomaram aquelas opções... Ela tinha medo do meu pai, e tem medo, várias vezes, muito medo do meu pai! (...) Ao ponto de eu já ter perguntado à minha mãe: - "Então e o pai?" - "Ai, não quero saber do pai" "Não queres saber de mim, é a mesma coisa!"

(Ent 07 L_02)

O meu pai já faleceu, com a minha mãe não tenho porque entretanto aconteceu uma coisa que eu nem gosto de pensar nela, e pronto... Eu até hoje não sei muito bem, sei que a minha mãe e o meu pai brigavam um bocadinho, davam-se um bocadinho mal, deve ter sido por causa disso! Não sei! Não aquilo... eu passava maior parte do tempo com a minha tia e com o meu tio que moravam ao lado da minha casa em baixo, e, pronto, houve um dia que disseram que tínhamos que vir aqui ao tribunal, não sei quê, e prontos, chegámos ali, tivemos uma audiência qualquer, que na altura não me dizia nada, e continua sem me dizer porque não percebo nada e pronto dali fomos directamente para o lar e lá ficámos.

(Ent 21 VC_01)

Ao longo das entrevistas, os jovens são confrontados com duas questões: analisar se houve uma evolução do modelo de acolhimento ao longo do tempo em que estiveram institucionalizados, e se participavam nesses momentos, na chegada de novas crianças à instituição.

As respostas são, sobretudo, negativas, havendo situações excepcionais relacionadas, essencialmente, com o envolvimento do jovem no acolhimento de novos elementos para a instituição.



3. Percursos escolares antes da institucionalização

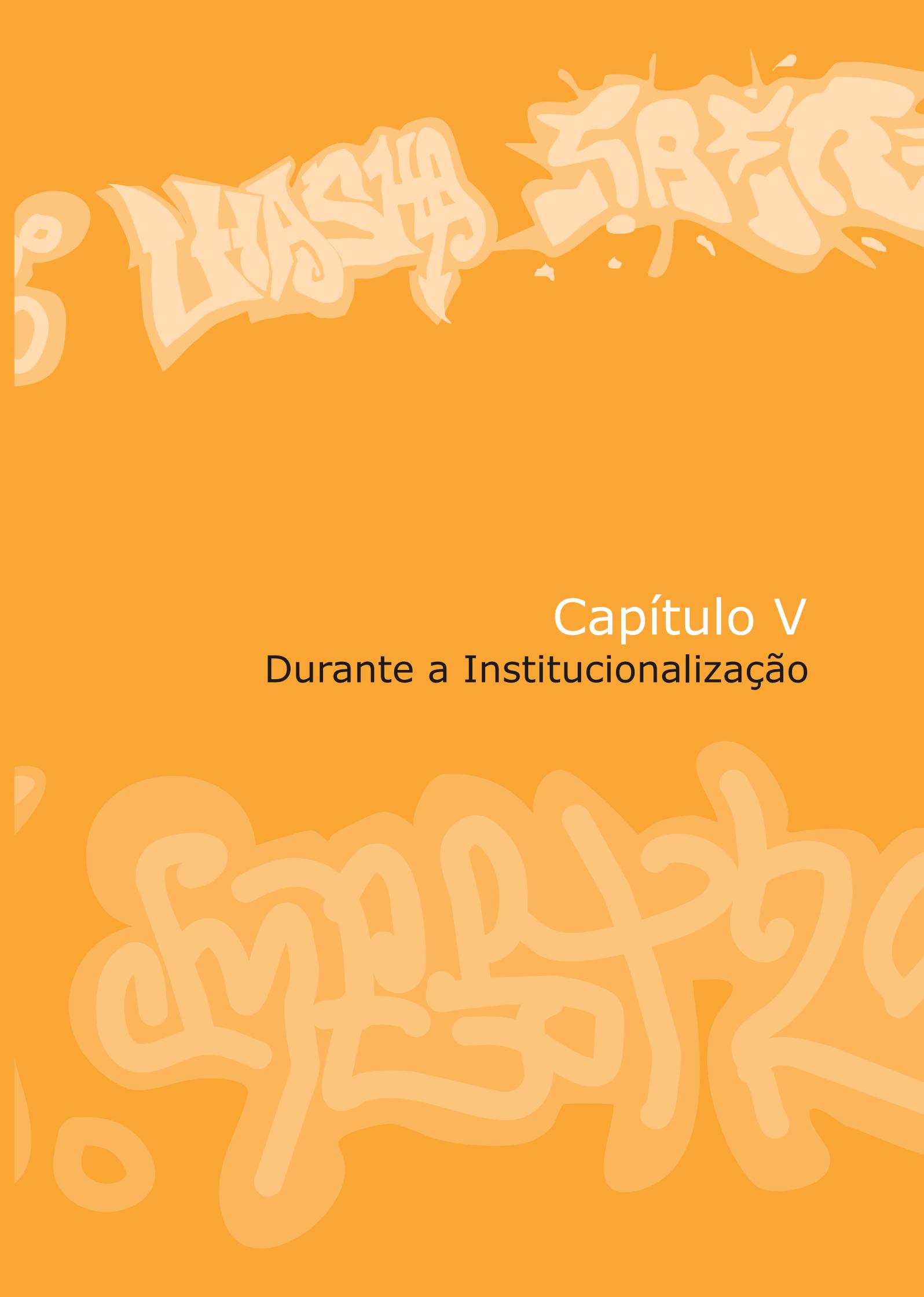
Tendo em conta que o trabalho partiu da análise dos discursos dos jovens e que eles eram, de um modo geral, muito novos no momento da institucionalização, é possível estabelecer algumas características do seu percurso escolar ainda no contexto familiar:

- crianças sem frequência do pré-escolar, mantidas com familiares em casa;
- crianças com escolaridade baixa, com dificuldades de aprendizagem e absentismo/ abandono escolar.

Após a entrada na instituição, todos os jovens retomaram os estudos, o que nem sempre significou um investimento na evolução da escolaridade.





The background is a solid orange color. At the top, there is a horizontal line of stylized white graffiti text. At the bottom, there is a larger, more complex piece of stylized white graffiti text. The central text is in a clean, sans-serif font.

Capítulo V
Durante a Institucionalização



Capítulo V

Durante a Institucionalização

1. O acolhimento na instituição

Ao longo da análise das entrevistas, foi possível distinguir dois momentos essenciais no percurso inicial dos jovens:

- o momento em que sabem que vão ser institucionalizados e são retirados à família;
- a fase da entrada, pela primeira vez, na instituição (o 'acolhimento').

Através dos discursos podemos distinguir três práticas de acolhimento:

1 - Entrada imediata na instituição

Houve um dia que disseram que tínhamos que vir aqui ao tribunal, não sei quê, e prontos, chegamos ali, tivemos uma audiência qualquer que na altura não me dizia nada, e continua sem me dizer porque não percebo nada e pronto dali fomos directamente para o lar e lá ficamos.

(Ent 21 VC_01)

2 - Entrada progressiva (semi-internato numa primeira fase ou outra situação transitória)

Sim, fomos com a minha tia, fomos falar com a assistente social, e com o meu irmão e o meu primo, pronto, e depois fomos conhecer a instituição... e depois tivemos contacto com os alunos, conversas... Agora é que eu já não me lembro bem se... eu penso que ficámos uns dias semi-internos, íamos de manhã para a instituição, íamos para a escola e tudo mais e depois íamos dormir a casa, não sei se foi uns dias ou umas semanas assim, e depois ficamos internos mesmo, ou seja, íamos na segunda-feira e só voltávamos na sexta-feira para casa.

(Ent_03 E_03)

Era pequenino, e depois é que com o tempo, depois de eu aprender a falar português... eu quando fui para lá... sei que eram bastante, porque eu quando fui para lá havia lá raparigas, nós ficamos juntos com raparigas.

(Ent_22 VC_02)

3 - Entrada numa instituição/família de acolhimento e depois na definitiva

Todos os que não tinham idade até aos sete anos, que era a idade para entrar na instituição, foram para casas de acolhimento da segurança social em que ficámos divididos, fiquei dividido um ano dos meus outros dois irmãos e passado esse tempo juntámo-nos, fiquei esses dois anos, portanto dos cinco aos sete numa casa de acolhimento, aos sete anos tinha idade para ir para a instituição, fui para a instituição aos sete.

(Ent_02 E_02)

Mesmo tendo em conta alguma diversidade de modelos institucionais onde estiveram inseridos os jovens entrevistados (instituições grandes, famílias de acolhimento...), o momento da institucionalização é visto, de um modo generalizado, como uma **fase difícil e dolorosa**.

Muitos sentimentos confluem nesta 'recordação', do momento de chegada à instituição, predominando expressões e memórias de medo; desamparo; revolta; confusão; tristeza; sensação de aprisionamento.

Figura 5 - Memória dos sentimentos no momento da chegada



Medo	<i>Tínhamos se calbar um bocado de medo porque eram muitos... éramos muitos, quando eu entrei éramos à volta de sessenta e cinco... setenta alunos... e sei lá, nunca tínhamos estado assim com tantos... pronto, tantos rapazes juntos... não estávamos habituados... àquela educação...</i>	(Ent 03 E_03)
Revolta	<i>Era 'Anda lá' e ninguém podia falar comigo que eu... mandava toda a gente para todo o lado!"</i>	(Ent 06 L_06)
Tristeza	<i>Quer dizer, claro, que chorei, não é? Tinha vindo de Angola, estava-me a separar dos meus pais, e depois eu entrei sozinho, mais tarde é que as minhas irmãs entraram porque a minha irmã era mais novita, portanto eu tenho 34 ela tem 31, portanto ela não entrou logo, provavelmente devo ter chorado muito, aquelas noites e tal.</i>	(Ent 12 P_02)
Desamparo	<i>Foi um bocado à margem... porque é a tal coisa como se diz... a minha mãe veio-me trazer mais umas pessoas amigas à instituição e... e prontos depois toda aquela fase menos positiva de largar a minha mãe, não largar, depois deixaram-me praticamente à deriva com os lobos e... prontos fiquei assim um bocado à deriva e... portanto a inclusão na instituição não... em termos de acompanhamento, prontos era, uma pessoa entrava, a partir do momento que entrava o regime era igual para todos e era assim que as coisas funcionavam...</i>	(Ent 05 E_05)
	<i>Foi... aquilo lá era por vigilantes, era por turnos, chegámos lá, mostrámos tudo... (Quando chegam novas crianças à instituição...) já sabia o que ia acontecer, o que me tinha acontecido a mim já sabia o que ia acontecer aos outros, ia ser mau. Não estarem habituados, uma pessoa antes de ir para lá está em casa dos pais ou familiares...</i>	(Ent 24 VC_04)
Confusão	<i>Eu quando fui para o primeiro quarto fui eu e uma colega minha também daqui (...) A primeira noite eu não dormi, eu simplesmente passei a noite à janela (...) Era muita confusão (...) também com 12 anos!</i>	(Ent 11 P_01)
	<i>Por mais que nós não queiramos há sempre revolta dentro de nós e... e às vezes revoltá-me lá dentro mas era coisas do momento..., porque eu depois chegava à conclusão que era melhor estar ali!</i>	(Ent 08 L_03)
	<i>Não, foi assim um bocadinho traumatizante! Porque apesar de sermos pobres e não termos condições de viver e... foi um bocadinho traumatizante porque... assim tudo de repente, a segurança social chegou lá de repente com a polícia, a minha mãe não estava em casa, levou-nos os três... Estava lá uma senhora... foi uma sensação esquisita!</i>	(Ent 18 S_03)
Sensação de Aprisionamento	<i>Os primeiros tempos sentia-me preso, estava habituado à liberdade de poder sair, estar... livre, digamos não é? E passado um tempo, passado um bocado, naquele sítio, só sair para ir para as aulas e mais nada, foi um bocado frustrante para mim, os primeiros tempos.</i>	(Ent 14 P_04)



Estes sentimentos distinguem-se quando analisamos as entrevistas sobre o acolhimento nas grandes e nas pequenas instituições. Confirmando essa conclusão das entrevistas, podem ser apresentadas **três situações de acolhimento** em três modelos diferentes de instituições:

- **Instituição de pequena dimensão** onde se faz uma aproximação progressiva ao jovem no dia da chegada;

Lembra-se muito bem dos primeiros dias e diz que foram muito bem preparados: uma semana antes de se mudarem, fizeram visitas, ela tinha o cabelo até ao rabo e disseram-lhe que ela tinha que cortar o cabelo... Aceitou bem porque se sentiu muito bem preparada e diz que na altura só viviam lá dez crianças e que depois chegaram aos vinte seis.

(Ent_05 E_05)

Há certos centros que batem por aí fora... e há castigos, a mim falavam-me desses centros e eu pensava que era um deles, depois eu entrei e vi uma coisa completamente diferente do que me tinham dito... Eu por mim não ia, mas depois estive a falar com o meu tio, estive a falar com a minha tia, com a minha sobrinha mais velha...depois lá compreendi algumas coisas, lá fui... Depois fomos para o escritório falar, apareceu a educadora, para me mostrar a casa...depois fui almoçar...Eu tinha treino de vôlei, e eu pedi se podia ir para a escola para os treinos de vôlei, eles...deixaram, depois cheguei à noite, estavam lá os miúdos, todos espantados a olhar para mim... (todos rapazes mais novos, cerca de 15). Depois lembro-me de deitar cedo, não gostava nada mas pronto, isso é outra história...ter regras, explicaram-me tudo... Todos os educadores (o ajudaram), andava muito calado, muito triste, pelos cantos... não falava com ninguém... e eles iam falando comigo: "Tens que reagir! Tens que seguir a tua vida!"

(Ent_09 L_04)

- **Instituição de grande dimensão**

É assim ao princípio, ao princípio eu nem sequer me apercebi das coisas, ao princípio pensei: "Venho para aqui..." e... se calhar nem ganhei muito consciência que possivelmente ia ver a minha mãe dentro de pouco tempo, não me apercebi disso, depois quando me disseram que ia ver a minha mãe em algum tempo, passado um determinado tempo, quinze dias salvo erro e... ia só vê-la durante... só de quinze em quinze dias é que eu a iria ver, isto mediante a predisposição da família para receber as pessoas...podia possivelmente ser de semana a semana, de quinze em quinze dias ou de mês a mês ou a regularidade que fosse. No caso da minha mãe definiu que seria de quinze em quinze dias e eu ia de quinze em quinze dias.

À medida que eu fui vendo colegas meus a entrar nos anos a seguir, foi praticamente tal e qual, não havia qualquer recepção, nem sequer chego a dizer mais formal, era a tal coisa da notificação de que a pessoa ia entrar... supostamente era sempre os monitores que estavam no turno é que recebiam as crianças, e pronto havia ali um acolhimento mínimo, tentavam um envolvimento mínimo, para o dia correr bem, aquela coisa toda... e pronto a partir daí a criança ficava lá... São largados aos lobos porque é assim...eu entrei, não conhecia praticamente ninguém como é normal... fui fazendo umas amizades...muito...pronto aquelas amizades de miúdo... foram tentando integrar-me, integrar isto é foram tentando animar-me, principalmente no dia em que a minha mãe me lá foi levar e... a partir daí comecei a desenrascar-me por mim próprio, depois a integração no ensino preparatório...

(Ent_05 E_05)

➤ Família de acolhimento no primeiro momento

Era muito pequeno e não tem recordações muito claras da sua entrada, sabe que ficou até aos 5 anos junto com as raparigas que tratavam dos mais pequenos, só por volta dos 6 anos é que foi para a camarata dos rapazes. Não se lembra das pessoas mais importantes dos primeiros dias de acolhimento. O pai durante o seu percurso na instituição ia vê-lo e ele ia passar as férias e alguns fins-de-semana com ele.

Era pequenino, e depois é que com o tempo, depois de eu aprender a falar português... eu quando fui para lá... sei que eram bastante, porque eu quando fui para lá havia lá raparigas, nós ficámos juntos com raparigas.

(Ent_22 VC_02)

Existe um reconhecimento generalizado entre os entrevistados de que o **modo de acolhimento** se mantém hoje semelhante, sem se distinguirem técnicas de acolhimento diferenciado por idades ou segundo motivos da institucionalização;

À medida que eu fui vendo colegas meus a entrar nos anos a seguir, foi praticamente tal e qual, não havia qualquer recepção, nem sequer chego a dizer mais formal, era a tal coisa da notificação de que a pessoa ia entrar... supostamente era sempre os monitores que estavam no turno é que recebiam as crianças, e pronto havia ali um acolhimento mínimo, tentavam um envolvimento mínimo, para o dia correr bem, aquela coisa toda... e pronto a partir daí a criança ficava lá...

(Ent 05 E_05)

A **apresentação do espaço físico** da instituição é feita no dia-a-dia, e varia, sobretudo, pelo técnico que recebe a criança ou jovem, pela sua preparação e entendimento deste momento. A maioria dos jovens entrevistados recorda a presença desse técnico (cuja função na instituição varia de caso para caso) e, em casos menos frequentes, o jovem foi acompanhado na primeira visita por familiares ou por outros jovens da instituição.

Nos discursos, os jovens relacionam os seus sentimentos face ao primeiro momento do acolhimento, com variáveis como:

- a dimensão da instituição;
- o rigor e a quantidade de regras;
- irmãos na instituição.

a) **a dimensão da instituição e o número de jovens**, que criava sensações de medo e confusão mas, em alguns casos, de alegria, no momento inicial (3 entrevistados), mas em todas as entrevistas esses momentos mais agradáveis do impacto, antecederam as sensações negativas da entrada na instituição

Nós ficámos encantadas, nós vivíamos ali, no meio do mato, praticamente também muito presas pelo meu pai, não podíamos sair, pronto éramos três irmãs... Tínhamos muito espaço, a casa não era pequena, tínhamos muito espaço no terreno, éramos três, brincávamos muito, pronto não notávamos tanto isso, mas vivíamos também muito fechadas, depois viemos para cá, uma casa tão grande... cheia de crianças eram só muitas crianças, a casa era bonita pronto, grande, enorme, jardim, e não sei o quê, e ficámos todas contentes, grandes armários, grandes camaratas, não sei o quê, ficámos todas contentes... mas nós quando fomos visitar não sabíamos as regras não sabíamos nada...

(Ent 16 S_01)



Ao princípio foi fácil, mas um mês depois... (...) custava porque é assim, eu tenho que ser franca, ao princípio quando entra uma menina nova é tudo um mar de rosas... É o centro das atenções, mas aquilo começa... houve um momento que há ciúmes e então quando começou a haver ciúmes de mais porque algumas me ligavam mais do que às amigas que já lá tinham aquilo começou a ficar um bocado complicado.

(Ent 19 S_04)

b) o rigor e a quantidade de regras a seguir, que separavam claramente o mundo dentro e fora da instituição

Foi um bocadinho complicado, foi um bocadinho complicado porque... ter regras para deitar, para dormir, para... comer, para fazer tudo...

É assim um bocadinho, e eu em casa habituada a comer a qualquer hora, a qualquer bora a minha avó me dava comer, a qualquer hora o meu pai: “Ah, queres comer então vai ao frigorífico”, quando eu cheguei ali eu tinha fome, tinha que ser mesmo aquelas horas, e depois ter que acordar aquela hora, era uma chatice!

(Ent 19 S_04)

c) a importância de ter irmãos na instituição para companhia e protecção

Entretanto as minhas irmãs saíram. Saiu primeiro a mais velha porque foi expulsa... Depois a minha outra irmã... porque havia muitas expulsões! Fiquei até ao fim, foi horrível, não sei explicar, porque eram aqueles laços, primeiro as minhas irmãs depois há aquelas amizades, aqueles laços muito fortes...

(Ent 16 S_01)

2. A vida quotidiana na instituição

Ao longo das entrevistas, os jovens vão 'descrevendo' a instituição onde estiveram inseridos, expressando a sua **apreensão objectiva e subjectiva** do que se passava dentro da instituição e como se foi modificando ao longo da sua permanência. É possível organizar o discurso sobre a vida quotidiana a partir de três parâmetros, que se vão interrelacionando em certos momentos:

- as regras
- as actividades
- a escola, a formação e o emprego.

2.1. As Regras

2.1.1. Aceitar as regras

Uma das primeiras ideias da análise dos discursos acerca da organização interna das instituições reforça o facto da vida quotidiana dos jovens ser rigidamente organizada e controlada nos seus vários momentos:



Estas regras são a primeira percepção que o jovem tem, logo que chega à instituição; ele reconhece as regras pois elas são-lhe apresentadas no primeiro contacto com os adultos da instituição, ou vai tomando conhecimento delas ao ritmo do dia-a-dia na instituição:

A partir do momento que a pessoa entrava ia-se adaptando e a partir do momento que já estava integrada no sistema fazia aquela rotina diária e era assim.

(Ent 5 E_05)



a) Horários de levantar e deitar

Levantávamo-nos às sete da manhã... [Tivessem aulas não tivessem?] Sim, sim, todas, aquilo era assim, mesmo... sete da manhã levantávamo-nos todas (...). Deitávamo-nos por volta das dez. Era sempre tudo igual.

(Ent 16 S_01)

Levantávamo-nos, íamos para a escola, vínhamos da escola, tínhamos que chegar no máximo às sete para ir rezar o terço, jantávamos (...). nós já não podíamos ver televisão, ainda, só as mais velhas (...)

(Ent 11 P_01)

b) Alimentação

Tudo era regra, eu acho que aquilo tudo era regras, todos os nossos passos eram regras, mesmo a brincar tínhamos que estar com determinadas regras, a comer tínhamos que ter regras, não se podíamos levantar, não ...

(Ent 2 E_02)

c) Regras de higiene e limpezas

Sete da manhã levantávamo-nos todas, tínhamos que ir lavar-nos aos balneários (...) íamos lá para baixo, íamos comer o pequeno-almoço, as que tivessem que sair saíam. Depois as tarefas eram já fixas, pronto havia horários, já sabíamos, dia x não sei quem lava a louça, não sei quê, era consoante os horários... Umam iam-se embora outras ficavam a fazer as obrigações, quem não tinha aulas de manhã, tinha sempre obrigações, ou ia para a lavandaria, ou ia para a cozinha ou... jantávamos, fazer obrigações, íamo-nos lavar, descíamos para estudar (...) Era sempre tudo igual. E depois uma instituição deste tamanho não é, nós tínhamos que fazer montes de limpezas... Mesmo no colégio, (...) nós todos os dias tínhamos obrigações, lavar a louça... ir para a cozinha, fazer, ir... não havia trabalhadores de fora, só havia uma pessoa, que foi um antiga aluna lá, que era, que ainda continua lá, que está na cozinha a fazer comer e... entretanto na altura que eu saí e estava lá outra pessoa na lavandaria, mas nós lavávamos a nossa roupa! À mão! Só as mais pequenas não (...) até aos dez, talvez... Nós não tínhamos tempo para nada, tínhamos que lavar a roupa, era sempre uma correria!

(Ent 16 S_01)

d) Momentos de estudo

Sempre fui um bocado... essas professoras, pronto, nós chegávamos às salas de apoio e elas diziam: "Vá façam os trabalhos de casa." Se nós pedíssemos esclarecimentos elas pegavam no lápis ou na caneta e faziam-nos os trabalhos e chegávamos à escola com os trabalhos todos feitos, ou seja acabávamos por não aprender nada e então... prontos, o tempo foi passando e fui crescendo e fui deixando de... se recorria a essas professoras se fosse preciso assinar alguma autorização ou alguma coisa do género.

(Ent 3 E_03)

e) Deslocações fora da instituição

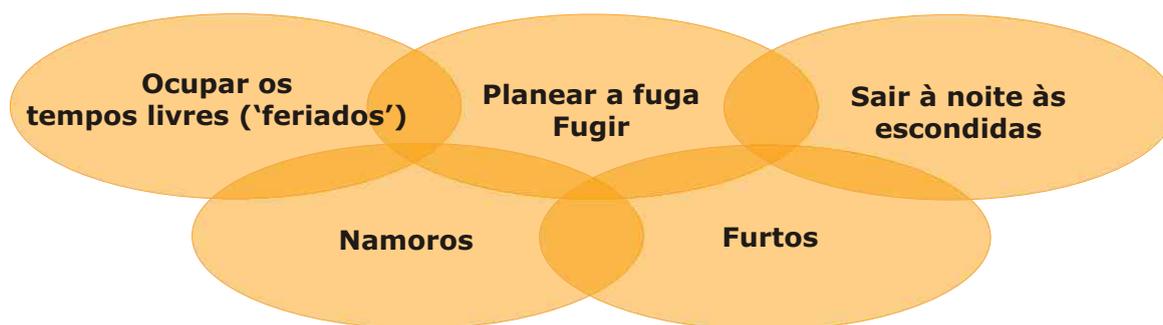
As actividades? As actividades eram ir à missa obrigatoriamente todos os domingos... Mas tínhamos que ir à missa, quando era, até procissões nós íamos, se havia procissão não sei o quê, íamos todas para a procissão, havia não sei quê... coisas que não sei quê, pronto são freiras, íamos todas!

Se não tivéssemos ido à missa domingo de manhã quando estávamos fora da instituição, tínhamos que ir à tarde, à noite, acho que a missa era às sete.

(Ent 16 S_01)

2.1.2. Desobedecer às regras

O *desrespeito das regras* da instituição tem, segundo a generalidade dos entrevistados, fortes repercussões, desde a proibição de certas actividades desportivas ou de lazer até à expulsão. Essa falta à obediência das regras pode tomar diversas formas.



Os **tempos livres ('feriados')** da escola e as saídas para fazer recados da instituição, como espaços de liberdade

Conseguíamos sair, quando havia feriados na escola, que elas não sabiam e aí aproveitávamos eu ia passear com os meus amigos para o jardim de S.Roque, cheguei a ir a um concerto do Luís Represas, numa fase em que houve uma revolta qualquer... de paz, pronto tinha, assim, algumas saídas fora quando havia os feriados, faltas eu não dava porque eu sabia que elas depois viam, a não ser a moral, era a última aula e nós dávamos a volta ao professor, ele também só falava de futebol com os rapazes. Ele não marcava falta...

(Ent 11 P_01)

- **Saindo à noite**, às escondidas

Lembraram-se de sair à noite e conseguiram a hipótese de o fazer porque lembraram-se da capela, tem lá uma capela, não fechavam a capela, claro que eles trancavam... até as janelas têm grades! Não foi só ela, foi ela e mais duas, vão sair à noite, por aquele sítio, chegavam ali, mudavam a roupa e tal e depois iam sair, mas uma coisa assim... com aquele medo todo, porque nós tínhamos pânico, aquilo não eram uma coisa normal! Só saíram um bocadinho e vieram logo a correr, mas depois acharam graça e tal, no outro dia a seguir a minha irmã já não queria sair, porque ela era a mais velha de todas, a minha irmã já não queria sair mas depois as outras duas, insistiram, insistiram, pronto lá vamos nós, lá foram outra vez. A terceira vez houve outra pessoa que soube e que pediu para sair com ela, ela não quis, não quis: "Anda, anda lá é só hoje!" Pronto nesse dia foram apanhadas, as freiras estavam à espera lá na capela...

(Ent 16 S_01)

- **Planeando a fuga**: dois terços dos entrevistados tentaram ou pensaram em fugir

Então eu meti na cabeça que não queria ir para a escola e a minha avó tinha-me me metido na cabeça que me tirava dali e então eu decidi fugir, quando cheguei ao colégio, porque elas entretanto apanharam-me, puseram a polícia atrás de mim, quando me apanharam, eu tinha o cabelo comprido todo aos canudos, foi até desaparecer! Foi mesmo todo, foi o maior desgosto da minha vida, então eu jurei para nunca mais, que nunca mais fugia!

(Ent 19 S_04)

- **Arriscando comportamentos desviantes (furtos, namoros proibidos,...)**

Uma vez foram roubar garrafas de whiskey para o Pingo Doce.

(Ent 5 E_05)



Os jovens associam o caso de descoberta da desobediência aos castigos ou, frequentemente, à expulsão. Muitos jovens denunciam mesmo o castigo da expulsão pela fuga, levando muitos jovens a voltar às casas, expondo-se a situações de risco;

- Castigos

Ai, não me fale em castigos, eu não porque... (no final de cada período as raparigas eram simplesmente espancadas, quem tinha mais de 3 negativas era simplesmente espancada, com um bocado de madeira com uns buracos...) Uma colega minha chegou a ser arrastada pelos cabelos, porque tentou defender-se(...)

Eu estudava muitas vezes sozinha no quarto (...) eu tenho recordação de uma menina, a S. (...) eu cheguei a ver essa imagem, eu não sei porque razão, eu só sei que ouvi os gritos da S., desci do meu quarto e só vejo (as freiras pelo ar) ela a rebentar com as freiras, elas não a conseguiram ... dominar! E eu só disse "S.!" e ela olhou para mim e eu disse: "Anda aqui para a beira de mim!" (E ela veio, elas ficaram a olhar, não disseram nada!) (...) ela era uma menina! Uma mulher bem grande, o ódio por elas era tão grande que mesmo as mais deficientes (...) elas percebem até mais do que nós, elas conseguem atingir mais do que nós! E a S. já não as suportava! Então começou a passar as tardes comigo, sempre que eu tinha as tardes livres, ela já sabia e batia a porta: "Posso entrar?" Podiam ralhar: "você não podem vir para aqui!" mas não, ela diz que levou um estalo que ficou com a marca da freira na mão! (...) E nem toda a gente quer falar do assunto, não é?

(Ent 11 P_01)

- Expulsão

Foram expulsas, foram indo, foram indo... Expulsa, a maior parte das vezes a gente nem sabíamos... elas faziam muito segredo, as freiras faziam segredo, era para não haver aquele... porque na ideia delas era com se fosse... desencaminhar as outras, não queriam que nós que ficávamos soubéssemos o que as outras fizeram para não fazermos o mesmo, pronto! (...) Entretanto as minhas irmãs saíram. Saiu primeiro a mais velha porque foi expulsas... Depois a minha outra irmã... porque havia muitas expulsões!

(Ent 16 S_01)

2.1.3. Comunicação e diálogo. Discutir as regras

No discurso de alguns jovens, em certas instituições parece ter havido algum investimento em estabelecer **canais de comunicação** (conselhos de alunos, conversas com os jovens,...) ou abertura a **novas regras** (espaços para jovens estudarem,...).

Estes momentos são assinalados pelos entrevistados como momentos muito positivos, onde se reforçam novos modelos de organização da vida colectiva, por parceria, pela noção de responsabilidade ou pelo conceito negociação contratualizada;

Essa senhora que está actualmente reformada, tentou (antes de ir para lá a assistente social) "fazer daquilo um bocadinho... tentou, ela desligava a televisão, reuniamo-nos todos a conversar ou ia para o quarto conversar conosco, ensinou-nos a rezar... uma série de coisas, num ritual, tentou aproximar um bocadinho, porque ela tinha estado aqui nas aldeias SOS e eles têm um sistema completamente diferente e ela tentou fazer um bocadinho (...) Ela tinha um jeito, ela ajudou-me imenso ela tentou aproximar-se... ou vamos fazer um doce, ou iam-nos sentar a conversar só... Depois de ela se ir embora... não vi nada próximo de uma família, nada, nada, cada um por si e... só ia para casa quando a outra senhora já lá não estava, era um sistema um bocadinho... Enfim...

(Ent 01 E_ 01)



Sim, agora...pronto na fase mais adulta. Sempre houve sala para os alunos que tinham melhores notas, para os alunos que queriam estudar (...) Era o único espaço que eu tinha para fazer os trabalhos da escola, estudar e conviver um bocado com colegas, amigos, eram nessas salas que nos mais convivíamos e...pronto. Sim, porque nós acabamos por...só nós é que tínhamos essa sala, essa chave dessas salas, ou seja mais ninguém lá entrava nem mesmo os técnicos.

(Ent 03 E_ 03)

De um modo generalizado, são apresentadas algumas **críticas às regras** ao longo dos discursos:

a. As **regras não evoluem e são uniformizadas**, sem se adaptarem à sua idade, ao seu perfil psicológico, às suas vivências dentro e fora da instituição. A disciplina segue os interesses da ordem geral, do bom funcionamento colectivo da instituição e não o perfil (idade) ou as necessidades específicas da criança/ jovem;

Eram três grupos, não eram três grupos divididos por idades, acho muito mal, porque é assim, as regras eram iguais para crianças com três anos e igual para... nós mais jovens, mais velhas até aos 18 anos, e acho mal! Se haviam três grupos, na minha opinião, haviam de haver três grupos com... separados por idades, pronto para ter regras diferentes, pronto!

(Ent 16 S_01)

b. As **regras são pouco flexíveis**, existe pouca ou nenhuma margem de negociação, de adaptação com argumentos de contexto, apenas em duas entrevistas, onde os jovens permanecem em instituições de pequena dimensão, eles descrevem a possibilidade de **'negociar' uma regra** no próprio momento do desejo de transgressão ou do conflito pela tentativa forçada de o fazer

Eu lembro-me de uma vez de eu lá no lar pedir à educadora que queria ir passar a noite, tinha para aí uns 16 anos, eu queria passar a noite na praia com os meus colegas de trabalho porque eu entretanto trabalhava nas férias no McDonalds, e ela a dizer que não e eu fiz uma grande fita lá em casa que ia partindo aquilo tudo lá em casa e deitei-me a chorar todo enervado e passado um bocado ela chega lá e disse-me "Vais mas às oito horas eu quero-te em casa", e eu às oito horas estava lá."

(Ent 06 L_01)

Eu lembro-me de os problemas da adolescência que eu não conseguia dirigir-me directamente às pessoas mas eu escrevia cartinhas e metia-lhe debaixo da porta, às tantas da noite ia lá e punha-las debaixo da porta, pronto era a minha maneira de... de desabafar, punha lá e claro depois vinha falar comigo na altura mas pronto não os enfrentava mas escrevia os papelinhos porque eu sabia que eles lá estavam, não é?

(Ent 04 E_04)

c. As regras servem essencialmente os **objectivos da instituição**, de organização e rigor, e não a vida do jovem, idade, personalidade, estilo de vida; as regras são sempre mais rigorosas nas grandes instituições, onde tudo tenta ser controlado no tempo pelos responsáveis da instituição



Havia horários para tudo, sair, chegar da escola, tudo era controlado... Tínhamos regras para tudo, mesmo para ir para a escola nós tínhamos aqueles minutos contados para chegar da escola para casa porque elas tinham os nossos horários, aqueles minutos muito contados, tinha que ser mesmo a correr. Não tínhamos autorização para ver televisão, só ao fim-de-semana e eram elas que ligavam a televisão punham o canal... elas é que desligavam. A roupa era lavada à mão! Nós não tínhamos tempo para nada, tínhamos que lavar a roupa, era sempre uma correria!

(Ent 04 E_04)

d. Um outro aspecto referido nas entrevistas diz respeito à incapacidade dos jovens assumirem **responsabilidades e iniciativa na organização das regras e actividades**, alguns exemplos são enunciados, como o jovem que ajudava na cozinha mas não sabia comprar alimentos nem fazer uma refeição completa, ou a jovem que obedecia ao horário de vinda e ida da escola, mas não quando saiu da instituição não conhecia uma rua abaixo do Lar

Eu fui comprar cebolas, um pequeno pormenor, peguei nas cebolas e fui pagar as cebolas, eu não tinha noção que era preciso pesar as cebolas! Isso é um pequeno pormenor! Eu não sabia cozinhar, uma vez fui e meti um óleo a aquecer para fritar uns rissóis e fui tomar banho e o óleo aqueceu, cheguei lá: 'Ai, isto deve estar bom! ... pequenos pormenores! Nós tínhamos actividades, nós ajudávamos a limpar a louça, nós ajudávamos a fazer as camas mas não sabia cozinhar!

(Ent 1 E_01)

e. Os jovens entrevistados, reconhecendo algumas **mudanças nas instituições** onde estiveram, afirmando muitas vezes que deixaram de compreender o sentido das regras, denunciando a falta de autoridade actual dos funcionários e técnicos para as imporem

[mas quando saiu de lá...?] Não havia, não havia regras. É uma balbúrdia... Nos últimos dois anos aquilo é uma balbúrdia ninguém... Foi só até ...a partir do momento que foi esta directora para lá acabaram-se as regras. Bom comportamento...nós apesar de não termos sucesso havia um certo respeito pelas funcionárias, respeito esse que acabou, tratarmos das nossas coisas, não estragamos...isso acabou tudo...

(Ent 2 E_02)

Pois, mas dar liberdade em tudo e em todos os aspectos para mim não é a melhor solução... Sim, sim. e há valores que nos foram inculcados que eu também mantinha que também se estão a perder, que eu também acho que está a ser muito prejudicial, porque qualquer dia não temos pessoas...temos vandaloziños a sair! Para...para por adultos são e saudáveis na sociedade, não é? Porque acho que acabam por...há coisas que...regras e não só regras, outras coisas, a nível moral... princípios que se estão a deixar porque: "Eles coitadinhos são criancinhas, estão muito traumatizadas, já não estão com a família"...e às vezes estão a por um estigma de coitadinhos nas crianças e...não é coitadinhos, é uma vida que temos...

(Ent 04 E_04)

Um outro elemento sublinhado noutra ponto, diz respeito à **flexibilidade das regras**, no caso em que os jovens são claramente bons alunos e com bom comportamento. A junção destas duas características garantia alguma flexibilidade aos jovens na gestão das regras, mesmo que estivesse numa grande instituição.



2.1.4. As regras no percurso dos jovens

Retomando a análise dos discursos dos jovens é possível reconhecer algumas vantagens atribuídas ao conhecimento e ao cumprimento das regras ao longo da vida na instituição:

- algumas regras nas instituições pequenas ou nos lares de transição, são reconhecidas como positivas e eficazes na organização da vida quotidiana dos jovens

Sim, tínhamos os horários... tínhamos os horários para cumprir as nossas tarefas, levantávamo-nos de manhã, tomávamos o pequeno-almoço... tratávamos, arrumávamos as coisas do pequeno-almoço, os quartos, íamos para a escola, depois vínhamos à noite, normalmente vínhamos sempre à noite, comíamos na escola e ... havia os trabalhos da escola, depois ajudávamos a tratar da parte do jantar, a por as mesas e essas coisas... Lavávamos a louça do jantar e depois depende, ou íamos para a cama, ou estudávamos ou ficávamos a ver televisão, depende(...) via-se mais como uma família um bocado alargada... (risos) era uma família alargada, ali em Vendas Novas notava-se mais isso porque éramos menos, eram praticamente os directores, uma monitora e éramos nós que éramos umas quinze, como éramos todas maiorzinhas já...

(Ent 04 E_04)

- as regras ajudam o jovem a organizar-se para o emprego, no cumprimento de horários, higiene pessoal ou organização da vida quotidiana

Isso é tudo igual, continuamos a ir ao refeitório. A diferença é que não temos educadores, temos regras mas... temos regras mas não temos. Exacto, é como se estivéssemos cá fora, é para nos irmos preparando!

(Ent_08 L_03)

2.2. Actividades

A cerca das **actividades** desenvolvidas nas instituições, é importante salientar:



- têm uma natureza muito diversa
- servem de prémio ou castigo
- não estão articuladas com um projecto de escola
- estão directamente relacionadas com as férias

- a sua **natureza é muito diversa** de instituição para instituição e mesmo dentro de cada uma: desportiva, musical, religiosa, cultural, educativa

Quando viemos para Lisboa fui para o Judo, fui para o Ginásio Club Português, houve uma altura lá com o meu mestre, cai mal, ele agarrou em mim lá para fazer aquilo, torci o pé, andei quatro meses a fazer fisioterapia, nunca mais meti os pés no judo, não quis saber mais daquilo, depois entretanto fui para o rugby a ali no Benfica, ali no glorioso... (risos) ... o meu treinador não vai de modas: 'olha vais dar voltas à pista de tartan!' e treinar é mentira! ele em vez de me por a treinar punha-me a correr então eu corria, houve um dia que me chamou para treinar e eu, pronto, cheio de raiva comecei-lhe ao soco à barriga, mas estava mesmo cheio de raiva, ele também já está habituado com aquilo que ele já foi jogador de futebol americano!

(Ent 06 L_01)



E...chegamos inclusivamente a frequentar aulas de musica...não só a nível de solfejo como também a nível de instrumento propriamente dito, saxofone...

(Ent 05 E_ 05)

Mas tínhamos que ir à missa, quando era, até procissões nós íamos, se havia procissão não sei o quê, íamos todas para a procissão, havia não sei quê... coisas que não sei quê, pronto são freiras, íamos todas!

(Ent 16 S_01)

- são consideradas por muitos jovens como um **prémio** pelo bom comportamento, e sobretudo, por terem bom aproveitamento na escola (podendo também servir de **castigo** ou chantagem quando algo corre mal, pela sua suspensão)

Então fizeram uma experiência, como eu nesse mês, deixaram-me fazer treinos e disseram-me "Isto é uma experiência se vires que consegues conciliar com os estudos, se as notas não baixarem, nós deixamos." As minhas notas não baixaram e eu continuei. Eu tive essa sorte, porque elas tinham em mim, como eu estava a dizer, para já tinha boas notas e elas... Valorizavam por isso e não era uma criança assim rebelde, eu aguentava tudo para dentro, sempre fui aguentando, não era que estivesse bem mas era uma pessoa que aguentava, fica cá dentro comigo e então tinha alguns benefícios em relação as outras. Comecei a ir ao atletismo porque o meu treinador, que depois foi meu treinador, não é, insistiu porque eu era boa, não sei quê, e elas deram-me esse voto de confiança, lá me deixaram ir uma vez. Fui logo, nem fui a treinos, fui logo a provas (...) e ganhei a elas todas e vim com uma medalha para casa, e elas ficaram todas contentes, aquilo era não sei quê.

(Ent 16 S_01)

- em nenhum caso entrevistado estão associadas a um projecto educativo da própria instituição, dependendo da lógica administrativa e raramente do perfil do jovem

Nós pedíamos (para fazer desporto) se podíamos ir e eles diziam que sim e íamos, na altura quando lá estava.

(Ent 01 E_01)

Porque houve um funcionário que saiu, depois a pessoa que ficou responsável por aquilo era um ex-aluno, acabou só por se interessar por ténis de mesa, portanto só havia ténis de mesa! (Risos)

(Ent 02 E_02)

- poderem estar directamente relacionadas com o período de férias, com a ida frequente a colónias e pouco frequentemente a passeios ou a visitas

Ficava na instituição, mas tínhamos alternativas íamos para a praia... íamos para a praia... colónias de férias tive até aos 12 aqui no Século... na Parede, S. Pedro do Estoril, não é? Íamos para o Algarve, para Albufeira, íamos em colónias ou nós mesmos pela instituição.

(Ent 1 E_01)

O levantamento das actividades por instituição obrigaria a uma outra metodologia, pois os jovens falam somente das actividades que eles próprios praticam, ou praticavam, de um modo geral de forma interrompida por mudança de actividade ou por abandono a curto prazo.



2.2.1. Actividades Informais

A além das actividades de carácter mais organizado, os jovens também tinham **ocupações 'informais'**, algumas lúdicas, outras revestidas de um carácter proibido (jogar à bola no pátio da instituição com jovens vindos de fora) e outras de carácter obrigatório (coser, bordar).

Ensinaram-nos a fazer ponto-cruz, essas coisas...

(Ent 17 S_02)

[Podiam levar pessoas à instituição?] *Nunca cheguei a saber se podíamos se não podíamos... Agora ultimamente, nos últimos anos sim, jogávamos à bola com colegas nossos e tudo o mais...mas... Mas ninguém sabia, era só nós que organizávamos que... Lá na instituição. Mas nós tínhamos as camaratas e o refeitório num lado e tínhamos um...pronto, aquilo antes era uma oficina e acabamos por transformar aquilo num campo de futebol. Como não nos ouviam ou não nos queriam ouvir, nós optávamos por fazer as coisas à nossa maneira! Só os mais velhos porque nós...aquilo era mesmo...pronto, o pavimento era mesmo alcatrão e nós tínhamos sempre...e havia muitos perigos e...tínhamos sempre medo...havia balizas que caíam, tínhamos sempre medo que... e então jogávamos só mesmo entre os mais velhos embora os pequenos assistissem aos jogos mas nunca jogavam connosco.*

(Ent 03 E_03)

2.3. Escola, formação e emprego

Os jovens entrevistados reconhecem-se, de um modo geral, como casos de 'excepção' ao nível da sua escolaridade, afirmando correntemente (sobretudo os jovens que tiraram o 12º ano) como pertencendo ao grupo dos 'bons alunos' da instituição, o que se reflectia em algumas regalias pessoais (fazer desporto, ter um espaço de estudo, etc.).

Numa análise dos discursos acerca da **escolaridade** no período de institucionalização é possível compreender que:

- a frequência da escola era valorizada pelas instituições, depois de um jovem ser 'bom aluno', podendo atribuir prémios e regalias a quem tivesse boas notas

... Era um grupo, eu...depois acabou ... Sim, os melhores alunos... (distinguíamo-nos) pelo comportamento e pelas notas. Mesmo até ao fim muitas coisas que nós podíamos fazer que eles não podiam fazer. Uma minoria muito pequena.

(Ent 2 E_02)

- o acompanhamento escolar era feito na instituição, por uma técnica/ auxiliar que trabalha com todas as idades

(E ao nível de apoio escolar, vocês tinham apoio escolar?) Eu nunca precisei, porque eu sempre fui boa aluna, sempre passei, não estudava mas passava mas havia pessoas que... agora vê-se mais, mas havia quem fosse acompanhado. Que era a vigilante que não tinha formação académica era mais a responsável.

(Ent 1 E_01)

Aquele exemplo que eu dei, um exemplo claro, tinha boas notas mas preferiu sair, havia um acompanhamento porque quando nós saíamos da escola, as pessoas que nos apoiavam eram pessoas interessadas. Eu lembro-me que se preocupavam comigo, davam-me apoio, eu lembro-me no 8º e 9º ano tive apoio, as pessoas não estavam preparadas, as próprias pessoas que lá estavam não tinham conhecimentos para dar apoio a partir do 6º ano, não tinham, simplesmente. Nos fazíamos perguntas a que elas não sabiam responder....

(Ent 2 E_02)



Os critérios reconhecidos pelos jovens para a **escolha de uma via profissionalizante** estão geralmente associados a opções da própria instituição, seja pelo conhecimento que têm do perfil do jovem, seja pelo seu contexto familiar. Entre muitos jovens entrevistados, isso é um factor de conflito que, de um modo geral, é imposto pela instituição;

[E em que pensavas? Pensavas tirar o quê com... antes de teres feito a opção? O que é que gostavas de ter sido?] Educadora de infância. Sempre foi o que eu quis tirar, mas no colégio como o meu primo tem o restaurante, a directora enfiou na cabeça que eu tinha mesmo que ir para cozinha! Era, e elas quando nos perguntaram o que é que nós queríamos ser eu disse: "Eu quero ir para educadora de infância." "Não, tu vais para cozinha porque o teu primo tem um restaurante e tu vais ajudá-los!" "Está bem!" eu fiz o que elas queriam, mas desde o princípio eu disse: "Eu nunca meto os pés no restaurante do meu primo!" Até hoje.

(Ent 19 S_04)

Ao **nível do ensino superior** existem três situações:

- duas jovens que tiraram um curso superior (enfermagem e educadora de infância) e que se mantiveram ligadas à instituição depois de completarem o curso, a primeira por voluntariado, a segunda trabalha na creche da instituição onde esteve interna;
- dois jovens que frequentaram o ensino superior, numa primeira fase ainda institucionalizados, noutra fase já autónomos, sentem-se incapazes de continuar a estudar, por razões sobretudo financeiras;

Só me falta acabar o seminário, o projecto final que não vejo maneira porque fiquei desempregada, não paguei o último mês de propina! (risos) isto é muito complicado e então... vou ter que arranjar maneira de poder voltar-me a inscrever para fazer o projecto final, o resto tenbo tudo feito!

(Ent 23 VC_3)

- um jovem ingressou no ensino superior no ano em que saiu da instituição e não consegue, apontando também razões financeiras, suportar os custos da frequência das aulas.

Entreí só que não havia condições. Nem sequer fui ao 1º ano. Matriculei-me num dia, cancelei a matrícula no dia seguinte. Se me sair o Euromilhões! Só mesmo assim. Porque não havendo bolsa de estudo, não tendo sítio para ficar, portanto tenbo que me sustentar sozinho é impossível. Não dá. Tenbo que pagar casa, tenbo que pagar comida, roupa, transportes é impossível. Para os que trabalham já é difícil, os que têm pais e estudam e trabalham já é difícil. Mas eu tenbo média de dezassete.

(Ent 2 E_ 02)

Estou, estou a estudar aqui em Évora. Neste momento tenbo o curso suspenso por devidos financeiros e pessoais e familiares e... pronto estou aqui na universidade, tenbo o curso suspenso, talvez um dia mais tarde pense em acabar... comecei-me a ir a baixo e comecei a deixar de ir às aulas, as primeiras notas que tive comecei a ver que não eram as mais indicadas, comecei-me a ir a baixo e no 2º semestre já não fui às aulas... Justamente por isso é que estou a tentar arranjar uma actividade profissional para enquadrar, para contrabalançar as coisas e talvez mais tarde ou mais cedo tente acabar o curso, se bem que... acho que errei na escolha... Não sei... se calhar foi demasiada e exagerada expectativa que eu pus no curso e quando lá cheguei comecei a ver que as coisas não estavam a correr como eu estava à espera e a partir daí comecei-me a deprimir, além do mais já vim aqui para Évora com 22 anos para a universidade... as coisas não estavam a correr bem e... prontos foi um bocado por aí que eu deprimi. Eu no início sentia-me preparadíssimo! (risos) Só que depois...

(Ent 05 E_ 05)



É possível traçar o percurso escolar e profissional dos jovens entrevistados durante o período da institucionalização:

Quadro 10 - Percurso escolar e profissional

	Durante a institucionalização	Depois da institucionalização
Ent_01	Estudou, nunca trabalhou	Tirou um curso de italiano e foi trabalhar para uma agência de viagens como tradutora e guia de italiano. Actualmente trabalha numa creche onde também tem a filha. Vai tentar voltar a estudar.
Ent_02	Tirou o 12º ano. Desde o 10º ano trabalha num café e estuda ao mesmo tempo.	Veio para Lisboa e trabalha numa operadora de telemóvel (há 3 anos). Já entrou em dois cursos universitários (turismo e letras) mas não consegue frequentar as aulas por não ter bolsa.
Ent_03	Frequentou até ao 11º, nunca trabalhou.	Falta-lhe uma disciplina para completar o 11º ano. Trabalhou em empregos temporários como empregado de balcão, empregado de mesa e nas obras. Actualmente está desempregado.
Ent_04	Tirou o curso de enfermagem. Saiu da instituição para casar.	Exerce enfermagem, pediatria. Vai à instituição dar apoio, regularmente.
Ent_05	Estudou até ao 12º ano. Entrou na Universidade, no curso de Sociologia.	Estava na instituição mas apenas formalmente. Estudava fora e tratava dos seus assuntos. Desistiu do curso, sente-se mal, não consegue continuar. Anda a concorrer a empregos.
Ent_06	Tirou um curso de artes visuais (de 3 anos com equivalência ao 9º ano) na casa Pia. Foi para o ETIC - curso de fotografia (equivalente ao 12º ano) mas não acabou o curso, desistiu no último ano Trabalho: 16 anos foi trabalhar nas férias para o McDonalds; enquanto esteve na ETIC esteve à noite na Pizza Hut.	Agora é porteiro no Parque das Necessidades
Ent_07	9º ano profissional - curso profissional de jardinagem (considera que a opção foi muito precipitada)	Na instituição arranjaram-lhe o 1º emprego, não gostou e saiu. Já trabalhou em duas oficinas, esta última é estável.
Ent_08	Trabalhou numa oficina. Tirou um curso (técnico-profissional) de bate-chapa	Foi à tropa. Quando saiu arranjou emprego numa oficina.
Ent_09	Fez o 6º ano. Estava a fazer um curso profissional de hotelaria mas saiu porque não se empenhava. Aprendeu o trabalho de lavador de viaturas. Foi empregado de mesa no Colombo (2 meses)	É empregado de mesa nas Docas.
Ent_10	Saiu estava a terminar o 9º ano.	Terminou o 9º ano. Foi empregada num hotel (engravidou e os horários eram maus). Hoje é empregada de café.

Quadro 10 - Percurso escolar e profissional (cont.)

	Durante a institucionalização	Depois da institucionalização
Ent_11	8º incompleto	12º ano Curso de Esteticista Operária de fábrica, trabalho no campo, costura. Esteticista
Ent_12	8º ano incompleto	Cuidou de crianças na Suíça. Em Itália trabalhou numa fábrica. Está desempregada
Ent_13	12º ano incompleto Trabalhou numa empresa onde fez um estágio.	Trabalha noutra empresa.
Ent_14	Tirou o 9º ano.	Já trabalhou no MacDonalDs. Trabalha num café. Gostava de estudar ou ir para a Marinha.
Ent_15	Tirou o 12º ano.	Foi monitor na instituição onde foi criado durante 4 anos. Entrou na Escola de Polícia. É polícia de intervenção.
Ent_16	Estava a fazer o 12º ano quando saiu.	Não terminou uma cadeira do 12º ano, quer terminar e continuar a estudar. Fez um curso de informática. Foi empregada de bar à noite. Está num café ao balcão, de dia (saiu porque estava grávida). Está desempregada.
Ent_17	Estudou (foi adoptada)	Hoje estuda no 10º ano.
Ent_18	Tirou um curso técnico profissional de hotelaria (12º ano).	Saiu da instituição com o curso, procurou emprego no jornal e está a trabalhar num hotel.
Ent_19	Tirou o 12º ano de hotelaria, queria ser educadora de infância.	Hoje é doceira num snack-bar.
Ent_20	Tirou o 10º ano.	É empregada de supermercado
Ent_21	Tirou o 12º ano de auxiliar de acção educativa. Fez um estágio remunerado.	É auxiliar no Lar onde cresceu.
Ent_22	Tirou o 9º ano, desistiu no 10º ano Frequentou a Universidade.	Foi servente na construção civil. É estucador.
Ent_23	Trabalhou nas férias em trabalhos que a instituição arranjava. Saiu porque não conseguia sustentar os estudos e quer trabalhar.	Está desempregada.
Ent_24	9º ano completo (frequência do 10º)	Trabalhador com máquinas (de obras)
Ent_25	Curso Superior de Educadora de Infância	Está a trabalhar como educadora na instituição onde cresceu, com crianças externas. Faz part-time no internato.

Podem ser concluídos alguns elementos a partir do quadro anterior:

- maioritariamente, os jovens entrevistados trabalham, predominando o trabalho precário e instável;
- nenhum dos jovens que saiu para estudar no ensino superior, mesmo mantendo alguma ligação à instituição, conseguiu continuar a estudar;
- os jovens que tiraram um curso superior mantêm-se ligados à instituição dando apoio às suas actividades;
- alguns jovens trabalham na própria instituição onde estiveram internados.

3. Vida pessoal e relacional

A instituição, mais do que guardar, ou ensinar para instruir, é um agente da educação social com objectivos como a transmissão de conhecimentos e a socialização da criança. Esse papel atribui-lhe uma dupla função:

- respeitar os jovens na sua condição individual, com necessidades específicas, aspirações pessoais, potencialidades e limitações que serão conhecidas pelos educadores;
- preparar os jovens para a vida futura, tendo em conta a adequação das suas capacidades às exigências sociais.

3.1. Projecto de vida

O enquadramento de uma intervenção para a socialização do jovem pressupõe metodologias específicas e um **projecto de vida** da instituição, articulado com o projecto de vida de cada jovem. Quando questionados sobre o facto de reconhecerem no tempo da institucionalização a construção de um projecto de vida, os jovens afirmaram dicotomicamente:

a) por um lado, os que estiveram em instituições de menor dimensão, reconhecem, mesmo que não fosse de forma muito rigorosa ou explícita, a tentativa de desenvolvimento de **um projecto pessoal**

*(Mas lá no lar faziam um projecto de vida para cada uma de vocês ou era um bocadinho consoante a oferta que existia elas...)
Não, nós é que fazíamos o nosso projecto de vida... (E elas estavam abertas a isso?) Elas apresentavam... por exemplo chegava o nono ano: "O que é que tu queres fazer?" (...) E isso anualmente? Anualmente, sempre. "O que é que tu queres fazer?" e nós escrevíamos, escrevíamos mesmo e depois íamos falar com ela, isto e isto, depois a irmã aconselhava: "Isto eu acho que não." Ou "Não tens capacidade para isto, não tens capacidade para tanto." Ou "luta, se achas que consegues lutar!" Era assim, incentivava, também, a fazer as coisas, e acho que isso...*

(Ent 18 S_03)

b) por outro lado, nenhum jovem que esteve institucionalizado em grandes instituições reconhece qualquer **intencionalidade ou prática de construção de um projecto pessoal**;

(Sentes que por exemplo na instituição fazem um projecto de vida para cada uma de vocês?) Não, eu penso que não, não sinto isso, nunca senti e não sinto isso.

(Ent 25 VC_05)

3.1.1. Sentimentos em relação à instituição

Os momentos que os jovens falam dos seus **sentimentos durante o período de institucionalização**, oscilam entre a sensação que podia ter sido pior se tivessem ficado na família, e considerarem como negativo esse período.

No conjunto das entrevistas, a **apreciação global que os jovens fazem da institucionalização é negativa** e isso repercute-se, fundamentalmente, em três aspectos:

- no seu desenvolvimento psicossocial,
- na sua capacidade de se relacionarem com os outros e
- de sentirem pouco preparados para a saída.

Quando falam dos sentimentos face à instituição e reflectem a sua permanência durante anos, uma parte significativa das entrevistas é feita no reforço de **sentimentos pessoais negativos**:



Não é bem regime tropa, havia... apesar de haver alguma... determinados comportamentos, havia um bocado de desleixo por parte das pessoas que lá trabalhavam, depois era função pública.

(Ent 5 E_05)

... as pessoas não têm noção do quanto nós estávamos carentes ali! É assim, nós temos tudo mas não tínhamos colinbo, não tínhamos beijinhos, não tínhamos assim essas coisas!

(Ent 1 E_01)

(pensaste alguma vez fugir?) Cheguei a fugir! (com que idade mais ou menos?) foi no meu sétimo ano, nessa altura devia ter, para aí os meus... antes de trabalhar... dezasseis, dezassete. Cheguei a fugir de bicicleta, de autocarro, fugi duas vezes de bicicleta, de Albarraque quase a Ericeira! (fugas para onde? ou fugias só?) ia ter com o meu pai, ia ter com o meu pai. E muitas das vezes a meio do caminho chegaram-me a apanhar, fugi a pé fui burro, também ainda não havia dinheiro para os transportes.

(Ent 7 L_02)

Contudo, alguns **sentimentos de carácter mais positivo** também vão sendo referenciados pontualmente:





3.1.2. Vontade de fugir

Os sentimentos de raiva ou de aprisionamento justificam frequentemente, no discurso dos jovens, as tentativas de **fuga**, consideradas recorrentes nas instituições onde estiveram

Apetecer apeteceu (fugir) mas preferi não porque não ia resolver nada só ia piorar mais a situação, lá tive que ficar lá...
(Ent 9 L_04)

O resultado da fuga era frequentemente a expulsão e o regresso à família (mesmo em casos em que a institucionalização era devida a situações familiares críticas). Os jovens por vezes não voltavam a ver os colegas que fugiam, e ficavam sem saber como tinha sido decidido, as razões e as decisões finais. Ao longo da sua vida, os jovens presenciavam situações problemáticas, mas são mantidos à parte, ouvem rumores, às vezes sabem por vias não institucionais, mas raramente detêm o conhecimento completo dos problemas. Isto passa-se em relação à expulsão e muitas vezes à saída de jovens, durante as férias, sem que saibam bem porquê.

Foram expulsas, foram indo, foram indo... Expulsa, a maior parte das vezes a gente nem sabíamos... elas faziam muito segredo, as freiras faziam segredo, era para não haver aquele... porque na ideia delas era com se fosse...desencaminhar as outras, não queriam que nós que ficávamos soubéssemos o que as outras fizeram para não fazermos o mesmo, pronto!
(Ent 16 S_ 01)

Houve, houve miúdos expulsos. Voltavam para o seio familiar ou para ou...ou para de onde tinham vindo ou...
(Ent 5 E_05)

3.2 Vida relacional com os adultos

Apreciação que os jovens fazem é, de um modo global, sentida como negativa ou neutra, em relação:

- aos adultos dentro e fora da instituição (pais, professores, treinadores),
- aos pais ou outros familiares próximos.

3.2.1. Com os técnicos da instituição

Os **adultos da instituição** são frequentemente considerados pelos jovens pouco competentes para a função que exercem, sobretudo ao nível de acompanhamento mais personalizado: nos afectos, carinho, acompanhamento e interesse

... as pessoas não têm noção do quanto nós estávamos carentes ali! É assim, nós temos tudo mas não tínhamos colinho, não tínhamos beijinhos, não tínhamos assim essas coisas! Não tínhamos nada disso!
(Ent 1 E_01)



Em relação ao **perfil das relações que os jovens têm com os adultos** é possível sintetizar algumas características apontadas pelos jovens como negativas e como positivas na definição do adulto com que se relaciona na instituição:

NEGATIVAS

perenidade das relações (motivos: rotatividade, transitoriedade, sobretudo ao nível do pessoal técnico e dirigente da instituição)

Ora era um, ora era outro, não dava para as crianças se adaptarem, pronto começavam-se a familiarizar com as pessoas, entretanto as pessoas iam-se embora vinha uma nova pessoa tinha que haver aquele processo de adaptação

(Ent 5 E_05)

indiferença (motivos: fraca preparação técnica/ experiência/ frieza na relação)

agressividade

Responsável "...tinha uma postura muito fria em relação à nós, e... era má! Chegava a ser má!" Por exemplo nós íamos falar com o provedor da misericórdia que era, que por acaso era lá responsável pela nossa valência mas ... Ela era uma pessoa muito complicada..., não sei se ela era um bocadinho frustrada em relação a... Há pessoas que tiram cursos, se calhar daquilo que não... se calhar porque acham que têm piada, mas depois não têm jeito nenhum para aquilo, e depois fazem aquilo que... parece que é de má vontade, não sei!

(Ent 5 E_05)

desconfiança (principalmente face a alguns profissionais)

E existe um psicólogo que não tem qualquer utilidade, primeiro porque as consultas deviam ser confidenciais... Com o psicólogo, ... Eu fui lá uma vez, nunca mais lá apareci porque o que eu contei no tarde seguinte a directora veio-me perguntar porque é que tinha dito aquilo, então eu nunca mais lá apareci.

(Ent 2 E_02)

POSITIVAS

protecção/ confiança/ amizade

Havia o quadro superior, que era da Misericórdia, mas depois havia responsáveis, que era a assistente social... que eu não tinha muito boa relação... Depois havia as vigilantes.

... eu costume ir passar o Natal, amanhã vou para lá, vou para casa duma senhora que foi ela que por acaso estava lá...

Essa senhora que está actualmente reformada, tentou (antes de ir para lá a assistente social) "fazer daquilo um bocadinho... tentou, ela desligava a televisão, reuníamos todos a conversar ou ia para o quarto conversar connosco, ensinou-nos a rezar... uma série de coisas, num ritual, tentou aproximar um bocadinho, porque ela tinha estado aqui nas aldeias SOS e eles têm um sistema completamente diferente e ela tentou fazer um bocadinho (...) Ela tinha um jeito, ela ajudou-me imenso ela tentou aproximar-se... ou íamos fazer um doce, ou íamos nos sentar a conversar só...

Depois de ela se ir embora... não vi nada próximo de uma **família**, nada, nada, cada um por si e...

(Ent 1 E_01)



Nestas relações, reside a maior cumplicidade dos jovens com os adultos durante a fase de institucionalização, sendo uma figura muito referenciada positivamente os **monitores** das colónias de férias, e em alguns casos os pais de amigos exteriores à instituição.

A construção de uma relação entre os jovens e os adultos da instituição é complexa, muito esporádica, frequentemente indiferente ou conflituosa. Quando é positiva, repercute-se no futuro do jovem, pela memória que guarda desse tempo ou pelos contactos que ainda tem.

Existe uma clivagem clara entre a relação jovem/ adulto nas pequenas e nas grandes instituições. Nas primeiras existem relações mais profundas e mais duradouras, para além do período institucional.

As relações com os adultos que trabalharam nas instituições, que se mantêm para além do período de institucionalização do jovem, são residuais no conjunto de todos os actores com que se relacionou durante mais de metade da sua vida.

3.2.2. Com a família

A relação do jovem com os familiares é complexa e assume diferentes níveis ao longo do discurso e da sua trajectória, oscilando entre um sentimento de responsabilização do adulto (geralmente um dos pais), a um sentimento de desresponsabilização e, até, de uma certa protecção dos pais.

Esta situação é recorrente ao longo dos discursos e, em muitos casos analisados, o jovem vive simultaneamente sentimentos contraditórios em relação aos pais, inclusive sentindo-se abandonado em criança, mas acolhido quando teve de sair da instituição:

... responsabiliza-o / culpa-o e simultaneamente

... desresponsabiliza-o/ compreende-o

Ainda há bem pouco tempo ele teve que ser internado! Porque ele também tem bronquite asmática, e também está forte... e depois era a tal coisa que não queria ir ao médico, não queria ir ao médico, eu passei-me mesmo com ele, eu: "Olha estou-me a borriçar para ti, também te borriçaste para mim, agora só eu a borriçar-me para ti, morre para aí se quiseres! disse-lhe mesmo assim, até que teve que ir lá ambulância busca-lo, ele não queria mas olha, teve que ser, foi à força! Ainda teve uma semana internado!"

(Ent 6 L_01)

Partindo do quadro já referenciado, no Anexo 02 (Modelos, problemas e Relações Familiares), é possível concluir que não há modelos de trajectórias familiares durante o período de institucionalização:

- há jovens que visitam famílias onde sofreram agressões psicológicas, físicas e sexuais;
- há famílias desestruturadas, que nunca visitam o jovem na instituição ou o recebem, mas que virão a ser o acolhimento do jovem a partir dos 18 anos;
- há jovens que deixam de ver a família sem nunca terem sabido a razão, nem o modelo de visita dos pais.



Reflectir sobre o enquadramento familiar dos jovens entrevistados obrigaria a traçar um perfil individual de cada família, uma história de vida familiar, capaz de se articular com a entrevista biográfica realizada, de forma a evidenciar pistas para uma intervenção coerente e eficiente.

3.2.3. Com outros jovens da instituição

Os amigos durante o período de institucionalização são sobretudo os jovens que estão também institucionalizados, muitas vezes durante a entrevista chamados 'como irmãos'. Essa amizade funde-se num sentimento prevaiente a cumplicidade. Outra relação muito forte é a que se estabelece entre irmãos na mesma instituição.





Capítulo VI

Depois da Institucionalização





Capítulo VI

Depois da Institucionalização

1. Momento da saída

Os jovens entrevistados sabiam toda uma informação fundamental: aos 18 anos podiam ter de sair da instituição.

As situações em que souberam que tinham de sair assumiram diferentes formas:

- **com preparação prévia**, inclusive num caso passando por uma casa de transição, e tendo um acompanhamento posterior (encontrar casa, emprego, pedir auxílio) situação pouco comum:

O processo de autonomização acho que deve começar mal a gente entra na instituição e não, por exemplo, a três, quatro anos de gente sair, mas isso, nesse sentido, já está melhor. Porque já nos começam a preparar mal a gente entra... (...) O meu processo de autonomização foi para aí três anos antes de eu sair do lar. Começaram a dizer “olha que depois se tu saíres isto vai ser assim, e assado...”

(Ent 6 L_01)

- **sem preparação prévia, mas com algum acompanhamento**, principalmente para encontrar emprego

Eles arranjaram-me emprego. Em Lisboa, eu viva nos Anjos na altura, com o meu pai. arranjaram... A minha primeira experiência de trabalho foi horrível. Foi, para já eu passei lá um mês a estagiar pá... não gostei, ao início foi: “então e tal”, muitos amigos mas depois lá para o fim do mês acabar começaram, a ser um bocadinho agressivos e eu até disse para o meu mestre não quero ficar aqui... não sei quê... eles insistiriam que eu ficasse. Foi uma má experiência, não gostei. Eu nessa altura arranjei sozinho!

- **sem preparação prévia e sem qualquer acompanhamento** depois de sair da instituição

- situação mais comum entre os jovens entrevistados

E então nós saímos dali e não estamos preparadas para nada, o que é que acontece? Desorientamo-nos, quando saímos dali nós queremos é tudo! ... Vamos e fazemos e... o que é que acontece? A maior parte delas engravidam ou metem-se na droga ou... prostituem-se ou não sei quê, é tudo assim! Nós naquela idade, nós éramos completamente, nós éramos muito ingénuas, também, não estávamos preparadas para nada, éramos, como aqueles burros que têm aquelas palas de lado, não víamos mais nada, não sabíamos nada! Eu quando sai lá do colégio, não sabia... eu não conhecia Santarém! Eu não conhecia Santarém e eu não sabia, não sei, que São Domingos, São Domingos é aqui em baixo, é aqui perto, eu não sabia, mas toda a gente era de São Domingos: “Mas onde é que será São Domingos...” quando eu fui a São Domingos, eh, São domingos para mim era como se fosse, era como se estivesse... Lá no outro mundo... sei lá! Quando sai de lá não sabia onde é que se pagava a luz, não sabia se era EDP se era não sei quê... não sabia onde é que era a Segurança Social, não sabia nada, nada, nada! Nós saímos dali completamente desorientadas...

(Ent 16 S_01)

Deviam-nos preparar..., é assim preocupavam-se muito se sabíamos lavar a louça ou sabíamos fazer a cama, isso é uma coisa que não é muito... há coisas muito mais importantes para nos preparar para vida cá fora! Eu senti-me de repente, parecia que estava no escuro, eu parece que ia dar um passo e sentia-me mal... Eu fui comprar cebolas, um pequeno pormenor, peguei nas cebolas e fui pagar as cebolas, eu não tinha noção que pesar as cebolas! Isso é um pequeno pormenor! Eu não sabia cozinhar, uma vez fui e meti um óleo a aquecer para fritar uns rissóis e fui tomar banho e o óleo aqueceu, cheguei lá: ‘Aí, isto deve estar bom!’ ... pequenos pormenores! Nós tínhamos actividades, nós ajudávamos a limpar a louça, nós ajudávamos a fazer as camas mas não sabia cozinhar!

(Ent 1 E_01)



Alguns jovens saem mesmo sem o desejarem

acabei as aulas em Junho, as minhas aulas acabaram em Junho, em Novembro começaram-me a dizer que tinha que sair, em Dezembro saí.

(Ent 02 E_02)

Foi péssimo! Porque eu acabei o curso no dia em que sai do colégio e então foram duas emoções no mesmo dia, foi assim um bocadinho... elas...um mês antes avisaram-me...eu já sabia que tinha que sair de lá, alias por norma aos 18 temos que sair, mas elas esperam que eu acabasse o curso, elas...se eu acabasse o curso lá elas...de doze em doze meses depositam na minha conta um x, e se eu não acabasse o curso e me viesse embora isso já não acontecia, então como eu acabei o curso e fiz os 18 lá, elas fizeram isso.

(Ent 02 S_02)

E eu dou-lhe um exemplo, eu acabei o 12º ano com média de 17 não tive nenhum apoio para entrar para a universidade. Isto foi um exemplo, e foi agora, não foi... quanto mais...à... [E falou com a instituição?] Sim. E a resposta foi o quê, que não... Que já não tinha idade, disseram que já tinha 20 anos...porque havia uma regra na instituição, que eu não concordo, que é só se podia estar na instituição até aos 18 anos. Esta é uma regra muito antiga, em que há cinquenta anos fazia sentido, uma criança saía...só para ter uma ideia, os meus monitores eram antigos alunos... Portanto fazia sentido se calhar à cinquenta anos, ou à vinte, aos 18 anos uma pessoa estar preparada profissionalmente para um emprego, hoje em dia não conheço ninguém, não tenho amigos nenhuns que aos 23 tenham..., ou se calhar aos 23 estão a acabar a universidade e é preciso não terem chumbado nenhum ano. Não tinham razões de queixa, eu portava-me bem, tinha boas notas, não havia muito por onde pegar. Aos 20 acabei o 12º ano e... disseram-me que estava na altura de sair.

(Ent_02 E_02)

2. Sentimentos após a saída

Os **sentimentos** na saída são contraditórios, onde o jovem identifica a sensação de se libertar do compromisso com a instituição mas, simultaneamente, insiste a sensação de abandono e solidão. Muitas vezes é utilizada a expressão 'lá fora' (mundo quotidiano), 'lá dentro' (instituição), como se fossem dois mundos separados. A formação psicossocial do jovem faz-se, de um modo geral, em cenários separados, contrastantes e até hostis.

... satisfação / liberdade

*Aos 18 fui eu que me quis vir embora! Grito de independência!
Podia ter ficado mais tempo uma vez que estava ainda a estudar... Mas entre liberdade e ficar ali... a gente chega a uma certa idade e as nossas colegas podem fazer certas coisas nós não podemos e...*

(Ent 1 E_01)

... abandono / desamparo

Deviam-nos preparar..., é assim preocupavam-se muito se sabíamos lavar a louça ou sabíamos fazer a cama, isso é uma coisa que não é muito... há coisas muito mais importantes para nos preparar para vida cá fora! Eu senti-me de repente, parecia que estava no escuro, eu parece que ia dar um passo e sentia-me mal.

(Ent_01 E_01)

Quando voltei lá. [As pessoas conheciam-no todas!] Pois, mas mesmo assim era um número. Voltamos: "Olha!" mas é um número não... [E voltou lá para quê?] Para ver, porque senti-me um bocado perdido, saí, saí de lá vim para Lisboa e... o que nós sentimos, o que eu senti, de certeza que muitos sentem é que são, os meus vinte anos passados não são nada, portanto acabei por não ter nada dos vinte anos...

(Ent 2 E_02)

Não sei especificar o momento... sou sincera. Aquilo foi uma fase de saída... foi sai não sai, sai não sai, foi uma decisão muito complicada de tomar, não é? ... eu lá estava muito bem, eles gostavam muito de mim e da minha porque também estava com receio de vir cá para fora, não é? O mundo cá fora é diferente... Quanto mais não seja nós ali temos sempre um abrigo! ... ingenuidade

(Ent_23 VC_03)

Exacto, é assim quando eu tive a fase da revolta e não sei que é... eles nem sequer sabem que eu sou mãe! eu senti uma revolta, eu cheguei a uma altura que eu senti uma revolta tão grande... É assim, mesmo no colégio em si, por ter medo de me perder cá fora! Sim, sim, cá fora já. (...) há muitas coisas que...houve uma fase que eu fiquei sem trabalho, eu tive um ano, quase dois anos em casa sem trabalho. Já estava viver sozinha, eu só tive na casa dessa família um ano, dos 19 aos 20... é que estive na casa deles... Não, não, como eu achei tão revoltante essa fase que eu a partir daí... nunca mais! Não vale a pena, acho que está mal! Se uma pessoa precisa de trabalho, se uma pessoa precisa de (...) para uma casa, sabe como é que é? Cheguei a dormir no chão. E começar uma vida sem nada é muito complicado!

(Ent_10 L_05)

Primeira experiência de alugar um quarto correu muito mal, era um subaluguer, o caso está em Tribunal (é testemunha).Eu levei com a parte toda, pronto fui eu que num sábado de manhã, ia trabalhar ao sábado, aparece-me dois "romanhov", pronto dois ucranianos, mais a mulher! Aquilo foi uma confusão, nem sei como hei-de explicar! Foi mau! E ainda esta em tribunal, ainda vou ser testemunha. E roubaram-me 60 contos, e... foi uma má experiência, para começar... A minha primeira experiência de trabalho foi horrível.

(Ent_07 L_02)



... Solidão

Foi na altura que vem novamente para Évora que fez a transição da instituição para a residência de estudantes. (Embora, oficialmente só tenha saído aos 24 anos, na altura em que lhe pedem para assinar um papel, para se desvincular. Nessa altura não sente “qualquer apoio” e deprime-se. No entanto, não foi obrigado a sair da instituição, podendo manter assim alguns apoios como ir lá comer e continuar a lavar lá a roupa. No entanto refere ... Aquilo já não era o meu mundo, já não fazia parte dali e prontos... a partir do momento que fiquei na residência comecei a fazer as coisas por mim e lavar a roupa por mim e a passar a ferro por mim, comia na cantina...

(Ent_05 E_05)

Sinto-me sozinho!

(Ent_07 L_02)

A solidão, porque o primeiro ano estive a viver completamente sozinho, ainda não estava lá a minha irmã, mas eu também já estava farto de viver no lar, tanto que ainda faltava dois meses para minha saída oficial e eu mal recebi a chave da casa, sem colchão sem nada já dormia lá em casa!” (Tem uma casa em seu nome). Eu nessa altura já tinha deixado de ir à psicóloga, porque é assim... tanto tipo eu hoje vou lá... tanto que já bouve uma altura em que eu andava com a paranóia que me queria matar e não sei quê, e fui lá e ela encaminhou-me para outra psicóloga porque aquilo já não é... entre nós já não era trabalho... Depois de ter saído, eu tive aí uma quebra! (...) entretanto fui para outra psicóloga, onde continuo a ir.

(Ent_06 L_01)

Um bocado difícil os primeiros meses, um bocado difícil. Os primeiros tempos foi um bocadinho difícil... ter que pagar certas coisas, acordar sozinho que não estava habituado... Preparado a cem por cento não mas podemos dizer a cinquenta por cento saí, depois abri o olho. Precisava de abrir o olho e acordar para a vida, foi o que eu fiz. Um bocado difícil os primeiros meses, um bocado difícil.

(Ent_09 L_04)

... Ingenuidade

Nós naquela idade, nós éramos completamente, nós éramos muito ingénuas, também, não estávamos preparadas para nada, éramos, como aqueles burros que têm aquelas palas de lado, não víamos mais nada, não sabíamos nada! Porque nós estamos naquela situação e nós vivemos o nosso mundo todas juntas, pronto é como se fossemos muitas irmãs todas juntas, não é? E então nós saímos dali e não estamos preparadas para nada, o que é que acontece? Desorientamo-nos, quando saímos dali nós queremos é tudo! Vamos e fazemos e... o que é que acontece? A maior parte delas engravidam ou metem-se na droga ou... prostituem-se ou não sei quê, é tudo assim! É muito complicado haver aquele controlo, ou têm um apoio de fora, um grande apoio, alguém que consiga... pronto, sustentar a situação...

Pronto há aquela coisa de revolta, de sair do colégio, aquela coisa de explorar o mundo, não sei quê, comecei um bocado para os maus caminhos, acho que toda a gente faz, pelo menos as que saem de lá é tudo assim! Sair á noite, saia quase todas as noites, comecei a apanhar bebedeiras, comecei a namorar, mas aquilo não era bem namorar, era aquela coisa...

(Ent_16 S_01)

Eu não tenbo a culpa de a minha vida ter sido o que foi até hoje, não é? Parte da minha vida não fui eu que a vivi, foram pessoas que pegavam em mim e, prontos! Uma peça de xadrez, até que eu chego a uma altura que eu dou por mim e espera lá, e agora? Faltou um bocadinho mais, em termos até de explicarem... cá fora é diferente! As pessoas cá fora têm uma maneira diferente de pensar! E em termos de finanças, em termos de papelada, essas coisas, os deveres de cidadão... eu...

(Ent_07 L_02)

Pois e não é, a gente chega cá fora e levamos um trambolhão valente. É, não nos preparam ao máximo. Não estamos prontas para enfrentar qualquer dificuldade da vida, não estamos, qualquer coisa a gente cai.

É, o único problema lá dentro é elas não as formarem para o que acontece cá fora. Por exemplo um dos factos é as relações... tanto afectivas como amorosas... a gente não vem... eu posso dizer que quando saí do colégio... eu passado alguns meses namorei e apanhei um choque horrível, porque namorei três meses e fui deixada da pior maneira, então aquilo foi péssimo, e elas não vem preparadas para isso... elas não estão preparadas para o perigo que está cá fora e então...

(Ent_19 S_04)



... Medo

É assim eu senti um bocadinbo de medo, dizia: “Ai tu não imaginas o que é lá fora! Tu pensas que é um mar de rosas!” É assim uma pessoa vai com um bocado de medo! É assim eu penso que elas tentam fugir dali... acho que... uma pessoa tem que admitir até hoje, isto cá fora... não é... uma pessoa te contas a pagar, e tem que ir buscar rendimentos a algum lado! Nesses aspectos acho que sim. Porque é assim, quanto mais não seja comida e cama não nos falta que é o essencial para uma pessoa sobreviver não é mas... não é que eles não nos avisem, avisam mas é mais como ameaça... mais... é assim algumas fazem questão que a gente lá fique outras não.

(Ent_23 VC_03)

3. Autonomização pessoal, escolar, profissional

3.1. Relação com a instituição depois da saída

O sentimento predominante (salvo algumas exceções que correspondem aos jovens que estiveram em instituições de menor dimensão), a **instituição 'desaparece' das suas vidas** e, mesmo quando tentam voltar, não encontram qualquer possibilidade de retomar contactos e afectos com técnicos ou jovens que estiveram institucionalizados;

...Gostava de ter contactos com as colegas que saíram porque com a pressa de sair não fiquei com o contacto de ninguém. É assim, essas pessoas se eu as vir eu conheço-as, não tenho contacto mas também não são pessoas que eu me desse... Elas próprias (alusão às freiras) não têm contacto de muita gente! (...) [Quais são os contactos que tu hoje tens com as tuas amigas?] Não tenho quase nada, porque é assim.

Sim, nós, é assim, eu ainda hoje tenho sonhos como se estivesse lá, porque foi, a minha infância foi lá como se fosse a minha casa e também por um lado revolta-me um bocado, eu vivi lá nove anos, vivi lá minha infância toda... a minha fase de criança e adolescência que é uma fase mais importante da nossa vida, vivi tudo lá, e eu agora se quiser lá ir, eu não tenho a liberdade de lá entrar!

Para já houve muitas alterações ali, a maior parte de freiras que estão ali são diferentes das que lá estavam, e então não nos conhecem. Nós entramos temos de ficar na portaria, vem alguém que agora eu nem sequer conheço a pessoa que vem, que ela também tem regras, obrigações, porque elas, há uma freira x para a portaria... vem a freira, pergunta o quê, não sei quê, eu digo, a última vez não me deixaram entrar, eu só queria ver o colégio para me... Para recordar! Não me deixaram entrar, ela não me conhece, não é?

(Ent 16 S_01)

Eles nem sequer sabem que eu sou mãe!

(Ent_01 E_01)

Entre os entrevistados das pequenas instituições dá-se um retorno e até um apoio pontual à instituição, mas entre as de grande dimensão, existe uma verdadeira separação, uma ruptura, com o espaço físico, com os técnicos e com os colegas.

Pequena instituição:

Quase todos os fins-de-semana estou lá! (risos) Sim, todos os fins-de-semana estou lá, passo muito tempo, criam-se laços muito grandes, não é? São muitos anos!

[E amigas, mantém as colegas de lá?] Mantenho de facto cada pessoa... Claro que cada pessoa acaba por ir para a sua vida não é mas...algumas perdemos o contacto, mas principalmente quem, jovens que saíram por revolta, por...ou porque quiseram sair ou...perde-se um bocado...agora aquelas que saíram por vias normais ou porque casaram ou porque foram trabalhar, quase todas mantemos os contactos.

(Ent_04 E_04)

Quando vou lá dão-me comida e dão-me dormida! Agora assim não, temos de ser... claro se eu tivesse algum problema, assim alguma coisa, tenho a certeza que eu tinha a porta aberta! Mas elas têm que nós deixar voar, com se diz, somos nós...

(Ent_18 S_03)



Grande instituição:

Foi por esse motivo que eu, passado algum tempo voltei à instituição e a partir daí nunca mais lá voltei. Porquê? Porque vêem que nós estamos a voltar, estivemos lá 14 anos... estão lá as pessoas todas e que nós não significamos nada... Acho que é o maior desgosto que nós podemos ter. É voltarmos a casa... não é ser mal recebidos é simplesmente não sermos recebidos. Porque o que eu mais senti enquanto aluno foi que sai da instituição, estive lá catorze anos e voltei lá passado um mês... e era um número, não era uma pessoa, não era... Quando voltei lá. [As pessoas conheciam-no todas!] Pois, mas mesmo assim era um número. Voltamos: "Olha!" mas é um número não... [E voltou lá para quê?] Para ver, porque senti-me um bocado perdido, saí, saí de lá vim para Lisboa e... o que nós sentimos, o que eu senti, de certeza que muitos sentem é que são, os meus vinte anos passados não são nada, portanto acabei por não ter nada dos vinte anos... mesmo amigos e tudo acabamos sempre por nos afastar um pouco devido às circunstâncias e em termos de pessoas de... amigos, pessoas mais velhas... acabamos por não ter referências ou por não ter ninguém... um filho quando sai de casa, acaba sempre por ter um sítio onde voltar e o que nós, o que o que eu mais senti, e o que ainda hoje sinto é isso, sei que estive vinte anos e... e acabo por não guardar nada desses vinte anos.

(Ent_02 E_02)

3.2. Relação com amigos / família

Tal como já foi parcialmente analisado noutros pontos do relatório, é possível concluir que praticamente todos os entrevistados voltam a entrar em contacto directo com a família²³, em situações por vezes precárias, recorrendo à família para encontrarem algum envolvimento afectivo, sentido e expectativas para o seu futuro. Neste 'retorno' à família dificilmente é possível observar o modelo clássico de família, e os jovens, vão compondo e recompondo o seu agregado, na maioria dos casos dividido ou agredido por gerações de múltiplos problemas de exclusão.

²³ Exceptuando E_14 que está com a família que o acolheu e E_17 que é adoptada.

Retomam-se laços de pais e filhos, irmãos, padrinhos e madrinhas, tios, sem que a qualidade desses laços possa ser avaliada num trabalho desta natureza.

Eu saí do lar e fui viver com ele (pai) e não estive lá muito tempo, porque não consegui! (...) Entravamos sempre em conflito, eu acho que já é normal, ele passou-nos a infância a massacrar, agora maiores levantamos sempre a voz, agora já é diferente, agora já conheço o meu pai de jingeira, já não me engana. A minha vida é a minha vida, o meu pai é o meu pai, não dá! Porque hoje eu vivo em cima o meu pai vive em baixo, mudei de casa há pouco tempo. Não dá, não dá, para estar na mesma casa que ele, nem com a minha mãe, porque ela queria, e antes de mudar para esta casa queria que eu fosse viver com ela, mas também não dá! Pá, eu olho para ele, quer dizer isto é o meu pai? Dizer viu-me numa instituição podia ter, espera lá o meu filho quando sair eu vou-lhe dar tudo que nunca dei, é pá não sei, já sou eu a pensar, não é? Eu faria isso! Deixou-se desmazelar, desmazelar... Se calhar pensou que eu e a minha irmã quando saíssemos da instituição, pronto, estávamos formados, ou uma coisa assim, e podéssemos trabalhar e ajudá-lo porque a ideia do meu pai é essa, ter sempre alguém ao lado dele para poder, pá porque ele sozinho, pá...

(Ent_07 L_02)

Por vezes há dias que sim... há dias (que sente vontade de mandar embora o padastro) mas sinto pena, mas pronto. Ele não trabalha (diz que é doente, não vê bem da vista) e vive à custa do irmão. Eu vivo à minha custa... Ele e o tio dividem as despesas. Ele vai lá de quinze em quinze dias, dá-lhe de comer a ele, buscar as contas e...

(Ent_09 L_04)



No caso dos jovens que não têm família, ou em que esta se encontra muito fragilizada para servir de suporte em situações de crise, recorrem a amigos que não estiveram institucionalizados com eles;

É assim eu saía de lá, resolvi eu, cá para mim, não disse nada a ninguém, partilhava uma casa com mais três raparigas, dividíamos a casa, então foi assim! (Três que saíram na mesma altura?) Não, não. Colegas minbas de fora. Por exemplo quando sai da maternidade... é assim eu vim cá para Lisboa para não ficar sozinha, porque eu morava sozinha na minha casa, porque entretanto arranjei uma casa, fui morar sozinha, e... na altura que senti que ela ia nascer telefonei a uma amiga minha que mora cá em Lisboa, que era do Alentejo mas veio cá para Lisboa, e ela disse para eu não ficar sozinha e vinha cá para casa dela, então nasceu cá, mas entretanto fui para baixo e tive sempre pessoas a apoiar-me. É assim, ela sabe que o pai está longe, começa a falar com os amigos 'pois o meu pai não está cá, o meu pai está longe'. Porque eu tive que lhe explicar, falei com uma psicóloga, para ver o que é que havia de dizer... mas acho que ela tem o meu amor todo... é assim, nunca serei pai, tenbo a noção que nunca serei um bom pai mas sou uma boa mãe, isso sei que sou!

(Ent_01 E_01)

3.3. Vida escolar e profissional

O percurso escolar fica claramente comprometido com a saída da instituição, seja ao nível médio ou superior. Nenhum jovem entrevistado, mesmo quando estava a meio do ano escolar, conseguiu continuar a estudar quando saiu da instituição, por razões económicas, organizacionais ou familiares

(Porque é que deixaste de estudar?) Sei lá... porque... necessitava de dinheiro para mim mesmo. (E nunca sentiste essa necessidade? Porque deixaste de estudar precisamente quando saíste, não é?) Teve, acho que sim...

(Ent 3 E_03)

Entre os entrevistados, 10 jovens gostariam de voltar a estudar, dois interromperam o ensino superior por questões económicas e um 'entrou', mas ainda não tem condições económicas para estudar. Os outros 7 jovens pretendem tirar uma especialização ou concorrer a cursos que lhes proporcionem uma profissão que gostem.

Ao nível profissional, 20 entrevistados trabalham. No entanto, excepto o caso das duas jovens licenciadas, os jovens desenvolvem um trabalho pouco qualificado, contratualmente instável e insatisfatório

Isso é uma coisa que me frustra bastante é ver amigos meus que andaram comigo na escola neste momento estão a fazer um tipo de profissão que eu podia estar a fazer, não é que o meu emprego não seja bom mas ambiciono muito mais do que isso e acho que tenbo capacidades, sobretudo isso, tenbo capacidades de fazer muito mais. Por isso é que eu vou acabar...

(Ent 2 E_02)

3.4. Projectos pessoais, expectativas

Uma questão fundamental centrava-se na aferição das perspectivas de futuro que teriam estas crianças. As expectativas face ao futuro, dos próprios ou de suas famílias - são cada vez mais entendidas como fornecendo um capital cultural essencial para a auto-estima e a inserção. Projectar e planear futuros possíveis implica, necessariamente, experiências de vida importantes ao nível da vida individual, de forma a influenciar a personalidade do jovem e a organizar a sua identidade pessoal; uma auto-estima positiva, uma identidade integrada; e um sentimento de controlo pessoal a nível pessoal (do corpo, do modo de pensar e de agir).

Estas premissas são salientadas na pergunta sobre o *futuro desejável*, ao que os jovens respondem de forma destacada: por um lado viverem o dia-a-dia da melhor maneira possível, por outro, conseguirem estudar mais. Isso torná-los-ia distintos de muitos outros jovens que viveram na mesma instituição e cujo percurso de vida se complexificou, sofrendo o impacto de uma má integração na sociedade, no dia-a-dia da 'vida real'. Para desenvolverem esses dois projectos fundamentais, muitos entrevistados pressupõem o desenvolvimento da sua própria família, em diversos discursos com a preocupação de proteger os filhos do mesmo destino que tiveram: a institucionalização.

... um futuro difícil para muitos colegas que viveram na instituição

Era o que eu estava a indicar há pouco, como não havia liberdade ..., por isso é que quando muitos saíram nessa altura... e da minha geração, da minha geração dos 18, 19 anos tirando eu, o meu amigo e outro estão todos presos, ou presos ou não, droga, porque nunca houve uma... e nós se calhar nós só conseguimos tirar porque sempre tivemos mais liberdade, sempre pudemos sair. Eu saía muito com pais de amigos meus que iam lá buscar... Chegavam ao 6º ano, portavam-se mal na escola, eram sempre expulsos da escola... Deixaram de ser aceites, a escola tinha que aceitar mas portavam-se tão mal, tão mal, tão mal... Começavam a trabalhar, portavam-se mal na instituição, a instituição não os podia mandar embora, chegavam aos 18 anos a instituição mandava-os embora.

(Ent_02 E_02)

Pronto há aquela coisa de revolta, de sair do colégio, aquela coisa de explorar o mundo, não sei quê, comecei um bocado para os maus caminhos, acho que toda agente faz, pelo menos as que saem de lá é tudo assim! Sair à noite, saía quase todas as noites, comecei a apanhar bebedeiras, comecei a namorar, mas aquilo não era bem namorar, era aquela coisa... E eu ganhei muito dinheiro nessa altura, nós as três irmãs fomos para essa casa, foi a minha irmã primeiro, a do meio, ela escondia de nós e fui muito contra isso, fiquei a saber por outros e (...) fui investigar e fui lá ter com ela e ela estava lá mas depois comecei a ver que aquilo não era o que eu pensei, não era tão mau assim, não se fazia nada de especial e ganhava-se muito bem... e depois nós, era aquela aventura, eu não levava aquilo mal aquilo para mim foi até uma boa experiência, nós éramos três irmãs ali e mais uma rapariga, todas muito novas, não sei quê... Era divertido. Estávamos ali na boa, não sei quê, e nessa altura ganhei muito dinheiro, ganhava-se muito bem! Ganhava muito dinheiro mas também derretia-o todo, nós não tínhamos dinheiro, ora víamo-nos ali com dinheiro foi só derreter, nem sei em que é que o gastei... depois comecei a sair muito à noite, a apanhar muitas bebedeiras, comecei a ter relacionamentos, que não era assim... (risos) Foi naquela fase que nos tínhamos curtes, não é!? Aquelas curtes, não era bem relacionamentos!

(Ent_16 S_01)



... um emprego melhor, estudar

Sei lá... agora para já... a minha primeira prioridade é arranjar um emprego... Eu não sou português. Porque agora... os meus documentos estão a renovar... renovam todos no SEF, Serviços de estrangeiros e fronteiras mas agora a documentação é toda nova e há uma série de coisas que... e agora vai demorar um... os meus documentos já estão a renovar há um mês e quinze dias e disseram que ainda vai demorar um pouco...

Arranjar um emprego... sei lá... Eu queria acabar os estudos e ser professor de Educação Física mas isso é uma coisa que ainda não sei quando.

Sim. sei lá... já pensei na hipótese de trabalhar na instituição... mas também penso que isso agora é um bocado impossível porque...

(Ent_03 E_03)

... o futuro é o dia-a-dia

[Que projectos é que tem? Neste momento.] Nenhuns, nenhuns, completamente. [Vive o dia-a-dia?] Acho que sim, acho que estou numa fase assim um pouco perdido, tento encontrar-me, tento encontrar a pessoa que sou... e também tentar organizar-me de alguma forma, por isso agora... uma coisa que eu gostava mesmo de fazer era ir para a universidade e acabar um curso, tenbo a certeza que seria um passo muito importante. Até porque acho que é a coisa que eu mais me vou arrepender é... ter tido e eu vejo, eu tenbo muitos amigos meus mesmo aqui que estão a trabalhar comigo que tentam entrar para a universidade e não conseguem porque não têm nota e eu saber que tenbo as notas e que não fui e que não... isso é uma coisa que me frustra bastante é ver amigos meus que andaram comigo na escola neste momento estão a fazer um tipo de profissão que eu podia estar a fazer, não é que o meu emprego não seja bom mas ambiciono muito mais do que isso e acho que tenbo capacidades, sobretudo isso, tenbo capacidades de fazer muito mais. Por isso é que eu vou acabar...

(Ent_02 E_02)

Não faço previsões de futuro, faço sim viver cada dia, hoje está a ser assim, amanhã como é que há-de ser, não estar a fazer projectos, não dá certo, eu já reparei nisso, sempre eu programo qualquer coisa, falha, por isso...

(Ent_10 L_05)

[E o que é que tu pensas, por exemplo agora estás a viver sozinho na tua casa, o que é que tu pensas daqui a cinco anos?] Isso é muito à frente! A minha filosofia é viver o melhor possível, o contrário da minha infância mas sempre para a frente, sempre bem disposto, pronto e as ideias vão surgindo, não tenbo pressa nem gosto de me precipitar! Sempre a pensar no amanhã, a gente tem que pensar assim! Um sonho! Eu já sonhei tanto em criança, eu passei a minha infância a sonhar, toda a gente sonha e sonha-se muito... Agora já mudei de casa estou a viver por cima do meu pai, estou a viver sozinho. Eu sustento-me, tenbo que estar feliz com a minha vida, não peço nada a ninguém, eu trabalho, tenbo o meu dinheiro, tenbo a minha casinha, tenbo o meu carro... tenbo o meu carro! Eu sou privilegiado, eu tenbo tudo, não me falta nada em casa, lá está... E eu comecei do zero mesmo, a minha casa era só paredes, as coisas que me foram dando, o sofá da minha irmã, era aquilo emprestado, aquilo emprestado, agora tudo o em casa é meu! Por isso é que eu digo, eu não quero estudar agora, porque estou-me a sustentar sozinho e gostava de ter um bocado mais de apoio, é pá não sei!

(Ent_07 L_02)

É não conseguir aquilo que eu quero, por mais que eu tente, ou por mais que lutamos, ou desistimos ou continuamos a lutar e a sofrer, a lutar e a lutar e a lutar... mas o meu maior medo, nem sequer é a morte é mais não ser feliz e não conseguir realmente o que eu, mostrar as pessoas que pessoas sem família também conseguem ser felizes e conseguem realizar os sonhos... quando se luta consegue-se tudo, é preciso é saber lutar e lutar e lutar e lutar...

(Ent_18 S_03)



... um futuro melhor para a família

Uma coisa que eu não quero é que os meus filhos vão ter que ir para uma instituição, e eu não sei se vou conseguir isso, mas... Penso, penso muito. Principalmente numa família nuclear, nesse sentido, no que posso vir a dar aos meus filhos, nisso penso muito... em termos de estabilidade... acaba por ser uma fuga para nós próprios (...). Podemos a seguir rever a nossa vida ou... fazer que as pessoas vivam a vida que nós não tivemos. E daí a necessidade de enquanto jovens e enquanto crianças termos um bom acompanhamento psicológico porque se não tivermos, mais cedo ou mais tarde os fantasmas acordam!

(Ent_02 E_02)

[Pensa criar família mas, quando lbe foi perguntado se poria a hipótese de abrir uma instituição do género da que a acolheu responde] Não é uma incógnita, também não vou dizer um desejo mas também não é uma coisa que eu digo que nunca farei... fiquei com uma boa recordação, não tenho qualquer tipo de mágoa. Por exemplo, percebo e sei que há pessoas que têm e há jovens se calhar as coisas não correram sempre bem para todas, não é, não vou dizer que aquilo foi cem por cento, que nunca houve problemas porque há sempre, não é? E nem todas as pessoas encaram as coisas da mesma maneira, eu tenho uma personalidade, nem todas as pessoas têm a mesma personalidade do que eu, se calhar para outras pessoas as coisas não são tão bonitas como eu as vejo, não é?

(Ent_04 E_04)





Capítulo VII

Reflexão Crítica e Propostas







Capítulo VII

Reflexão Crítica e Propostas

Todas as propostas partem e remetem à análise dos discursos dos jovens. Não se trata de sistematizar apenas um conjunto de propostas consideradas fundamentais para uma intervenção sobre as instituições de internamento de crianças e jovens em risco, mas de evidenciar as propostas que ressaltam do discurso dos jovens.

Nas linhas e nas entrelinhas, 25 entrevistas remetem para uma análise rigorosa de uma realidade a institucionalização de crianças e jovens em Portugal. Nesse contexto, 25 jovens dispuseram-se a registar o seu testemunho de vivência como internados numa instituição.

Nas **propostas**, e uma vez que se verifica também que os percursos de vida são multidimensionais (saúde, educação, segurança social, administração interna...etc) talvez fosse importante reforçar **Medidas e Políticas** não por sectores mas sim por ciclos geracionais (infância e juventude...) e a imprescindibilidade de uma actuação concertada, integrada e estratégica dos vários ministérios, nomeadamente através da intervenção da Comissão Nacional de Protecção das Crianças e Jovens em Risco e das suas atribuições (DL 98/98).

Fica o desafio. A brevidade das propostas não subestima a urgência da sua reflexão e, sobretudo, da acção e da intervenção atempada.

Promover uma estratégia nacional e uma nova realidade das instituições de internamento de crianças e jovens.

1. Organizar um **documento estratégico** (“livro branco”), de âmbito nacional, mas com especificidades regionais/ concelhias para a definição do papel do Estado face às crianças e jovens em risco, em situação de pré-acolhimento ou institucionalizados (objectivos, metodologias e modelos de gestão mais participativos ...).
2. **Avaliação.** Proceder a uma **avaliação externa** de todas as instituições de internamento de crianças e jovens, com uma equipa nacional e internacional (de modo a haver simultaneamente uma discussão de diferentes modelos institucionais que ainda não são implementados em Portugal, ou têm fraca presença na sociedade).
3. Propor **modelos de intervenção diversificados**, com situações de acolhimento de pequena dimensão e famílias de acolhimento (rede extensiva), sujeitos a uma estrutura de planeamento, regulação, monitorização e avaliação.
4. **Organizar uma intervenção interministerial.** Reavaliar as necessidades específicas dos internatos, de serviços disponíveis por entidades ministeriais como a educação, a saúde, o desporto ou a cultura, desenvolvendo programas integrados.

Lançar uma operação de relançamento urgente das instituições de internamento como uma resposta moderna aos problemas.



1. Orientar, com equipas especializadas, de projecto e monitorização, **um projecto específico para cada instituição (ou agrupamento de instituições)**, com um sistema de monitorização e avaliação externa previamente determinados, apostando fortemente na flexibilidade e diversificação de respostas para o acolhimento de crianças e jovens, face à complexidade actual do público-alvo e das sociedade contemporânea;
2. **Retomar o conceito de “tempo útil” para a intervenção.** É fundamental intervir precocemente, de modo a que as crianças e jovens não desenvolvam processos de degradação física e psíquica e, sobretudo, para que a intervenção possa ser mais eficaz.
3. No processo de decisão para a institucionalização, é necessário repensar **modelos de intervenção precoce com a criança/jovem e com a família, numa intervenção prévia à institucionalização.**

²⁴ Entre os jovens entrevistados, nenhum tem memória de um acompanhamento técnico anterior à institucionalização, no espaço da casa, da escola ou em alguma instituição na zona de residência.

É importante discutir esta perspectiva integrada, considerando o momento que antecede a institucionalização como um período fundamental para a intervenção equilibrada e eficaz com a criança e jovem. Não se trata de definir uma metodologia rígida mas, no entanto, essa intervenção exige um rigor técnico no acompanhamento de crianças e jovens para uma eventual institucionalização²⁴.

a) A institucionalização não deverá ser necessariamente a primeira intervenção sobre uma situação de crise. O período que se desenrola entre a 'sinalização' e a retirada da criança/jovem da família é fundamental, podendo aplicar-se nessa fase diferentes perspectivas e técnicas de intervenção (diagnóstico, acompanhamento psicossocial, trabalho sobre o comportamento cognitivo, aconselhamento, terapia familiar, intervenção em situação de crise, etc.).

b) Essa intervenção prévia permitirá

b.1) o início da construção de um **projecto individual, com objectivos pedagógicos**, de acordo com um diagnóstico dos problemas e necessidades da criança/jovem, partindo de uma tipologia de risco (classificação de cada situação segundo um grau), podendo estudar-se todas as hipóteses possíveis de uma intervenção técnica, desde evitar a retirada imediata (nomeadamente através de apoio financeiro à família) ao seu retorno após algum tempo de institucionalização;

b.2) o início da construção de um **projecto familiar, com objectivos pedagógicos**, de acordo com um diagnóstico dos problemas e necessidades da família; a decisão da institucionalização não pode ser vista como um 'castigo', mas como um factor de 'protecção' e facilitador do crescimento da criança/ jovem e da família;



b.3) avaliar a necessidade de **institucionalização** e o modelo de **instituição** adequado (flexibilidade na possibilidade de respostas), o que pressupõe uma tipologia de instituições segundo objectivos e projectos terapêuticos;

b.4) iniciar um trabalho preparatório de aproximação à criança ou ao jovem para a resposta institucional programada ('Quem deve dizer a notícia?', 'Quando deve ser dada a notícia?', 'Como deve ser dada a notícia?'), com metodologias que envolvam a família nuclear e actores envolvidos no processo, como familiares, professores, outros (rede de apoio à decisão).

4. O processo de institucionalização não deverá ter, necessariamente, um carácter irreversível, a **avaliação da situação de institucionalização deve ser contínua**, quer na avaliação do desenvolvimento e equilíbrio do jovem, quer da estrutura familiar ou de qualquer outra estrutura de apoio à situação de crise;

Repensar modelos de gestão e de parceria nas instituições

1. Organizar um grande **debate público** sobre a institucionalização de crianças e jovens em Portugal.
2. Organizar **conselhos de parcerias alargadas**, interministeriais e interdisciplinares, com universidades, institutos, associações.
3. Organizar equipas especializadas, multidisciplinares, que intervenham de imediato nas instituições de acolhimento, de modo a organizarem 'modelos de gestão provisórios', capazes de preparar cada instituição para receber a curto/médio prazo, **orientações estratégicas para a mudança**. Estas equipas devem estar preparadas para reforçar dois eixos fundamentais: a intervenção ao nível dos afectos e a reformulação das regras de forma mais moderna e participada.
4. Mais formação técnica e supervisão das **equipas** (todos os membros).

Lançar áreas de intervenção prioritária:

Trabalho para o processo de autonomização

Um processo de autonomização, deve começar a ser preparado no momento da entrada da criança (direito de cada criança a ter um projecto de vida único), bem como num trabalho contínuo com a família. Por não existir um ambiente facilitador de movimentos de reparação internos, o processo de autonomização e integração futuros do jovem, ao nível pessoal, social e profissional ficam verdadeiramente comprometidos.



As emoções, os afectos

A intervenção junto destas crianças inclui dar-lhes condições para que desenvolvam a sua resistência aos inevitáveis desafios e dificuldades das suas vidas. Estas crianças/jovens são vulneráveis e necessitam de muito apoio e aconselhamento. Têm carências educativas e de desenvolvimento, sendo responsabilidade dos técnicos dar respostas às suas carências como se de uma responsabilidade parental se tratasse (co-parentalidade). É importante dar uma particular importância aos primeiros anos de vida destas crianças, uma vez que constituem a base da construção emocional individual.

A relação com o 'exterior' (espaço físico, individual e social)

É necessário promover actividades/contactos dos jovens com o exterior, como experiências de enriquecimento e crescimento individual e institucional, facilitadoras da reinserção social.

O trabalho com a família

É fundamental, em qualquer modelo institucional, garantir uma intervenção apropriada e atempada que passe pelo trabalho com a **família**. Segundo o “grau de risco” de cada criança/situação envolver e trabalhar com as famílias (principalmente com as que mantêm vínculos afectivos com as crianças), não só para minimizar as privações inerentes ao processo de institucionalização, como no sentido de restabelecer um equilíbrio emocional das crianças e a retoma das funções parentais, quando possível.

O trabalho diferenciado com a criança e com o adolescente

É importante distinguir o modelo de intervenção respeitando a idade de criança/jovem e, sobretudo, adequando-o às características intrínsecas, circunstanciais e estruturais da fase de vida em que se ele encontra.



The background of the page is a solid orange color. It features large, stylized Chinese calligraphy in a lighter shade of orange. The characters are highly decorative and fluid, typical of cursive script. One set of characters is positioned at the top, and another larger set is at the bottom. The central text 'Bibliografia' is in a clean, black, sans-serif font.

Bibliografia



Bibliografia

- AMADO, João, (coord.), (2003), A escola e os alunos institucionalizados, Ministério da Educação Departamento da Educação Básica, Lisboa
- AZEVEDO, Joaquim (1999), Inserção precoce de jovens no mercado de trabalho, Cadernos PEETI, BOSWELL, Gwyneth (1996), *Young and dangerous*, Avebury, England
- BOTAS, J. Luís e PINTO, Feliciano (1995), Integração social-profissional de jovens em risco in *Infância e Juventude*: 95, 3
- BUENAVENTURA, Delgado, (2000), *Historia de la infancia*, Editorial, Ariel, Barcelona
- BELLO, Roger. Dir. - *Travail social et éducatif en internat*. - Paris : Conseil supérieur du travail social, 1995. - 89 p.
- BROYER, G. *Faut-il encore interner des enfants ?*. Lyon : Ateliers lyonnais de pédagogie, [s.d.] (Lyon : Impr. CRDP). 9 p.
- BUC RESSOURCES. - *L'acte éducatif : une pensée en action ?*. Buc: Buc Ressources, 1998. 172 p.
- CARRE, C. *Les internats publics : état des lieux, état d'esprit*. Rapport de l'Inspection générale de l'Education nationale. [Non publié], 1994. 161 p. *Ce document n'est pas disponible au CRDP mais peut être consulté au CNEFEI*.
- CNEFE-PJJ, CENTRE NATIONAL DE FORMATION ET D'ETUDES DE LA PROTECTION JUDICIAIRE DE JEUNESSE (Vaucresson, France). *Journées d'études ; 1991 ; Vaucresson. - Qu'est-ce que l'éducation ?*. Vaucresson : CNEFE-PJJ, 1992. 223 p.
- CORBILLON, M. Dir./ HELLINCKX, W/ COLTON, M.-J. *Suppléance familiale en Europe : l'éducation en internat, les familles d'accueil et les alternatives au placement dans les pays de l'Union européenne*. Vigneux-sur-Seine : éd. Matrice, 1994. 251 p.
- CORBILLON, Michel. Dir. - *Suppléance familiale : nouvelles approches, nouvelles pratiques*. - Vigneux : Matrice, 2001. - 241 p.
- CORTEZ, Fernand. *L'internat aujourd'hui, de l'internat scolaire aux institutions thérapeutiques*. Paris : ESF, 1976. 175 p.
- CANÁRIO, Rui, et al, *Territórios educativos de intervenção prioritária: entre a igualdade de oportunidades e a luta contra a exclusão* in *Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, Temas de Investigação*, 12 pp 139- 170
- CARAMELO, Paulo e COSTA, Luísa (1999), *Construção das políticas sociais de protecção às crianças* in PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel Jancinto, *Saber sobre as crianças*, Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança, Braga
- CARMO, Hermano (coord.) (1996), *Exclusão social: rotas de intervenção*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa
- CARVALHO, Angelina (1998), *Da escola ao mundo do trabalho uma passagem incerta*, Instituto da Inovação Educacional, Lisboa
- CARVALHO, M. J.(1997), *Atelier da palavra projecto de animação sócio-pedagógico no colégio Padre António de Oliveira Caxias* in *Infância e Juventude*: 97, 4
- CARVALHO, Maria J. Leote (2003), *Entre as malhas do desvio*, Celta Editora, Oeiras
- CASTRO, Paula, et al (1992), *Crianças em risco Análise longitudinal dos cenários de desenvolvimento e da resposta escolar das crianças em processos de transição (ano II)*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa
- Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco (1999), *Relatório de actividades de 1998 / Plano de acção para 1999*, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Lisboa
- Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco (2000), *Avaliação da actividade das Comissões de Protecção de Menores em 1999*, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Lisboa



Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco (2001), Relatório de actividades de 2000 / Plano de acção para 2001, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Lisboa

CRUZ, Manuela (2000), Guia pratico de métodos e técnicas de pedagogia activa- dinamização social, Célula 2000, Braga

DIGNEFFE, Françoise (1995), Os jovens e a lei penal: as significações da sanção penal na adolescência in Infância e Juventude: 95,1

DURNING, P. Education et suppléance familiale en internat. Paris : CTNERHI, 1986. 250 p.

ESPERT, Francisco (1987), Abertura e humanização institucional, Programa Regional crianças em circunstancias difíceis, Unicef

EURYDICE, A luta contra o insucesso escolar: um desafio para a construção Europeia (1994), Departamento de Programação e gestão Financeira do Ministério da Educação e do Programa Educação para todos, Lisboa

FIGUEIREDO, Alexandre Lemos (1999), Jovens em Portugal: análise longitudinal de fontes estatísticas 1960 1997, Celta, Oeiras

FERREIRA, Pedro Moura (1997), Vitimação juvenil, Gab. de Estudos Jurídicos-sociais do Centro de Estudos Judiciários, Paço de arcos

FABLET, Dominique. Dir. Les interventions socio-éducatives : actualité de la recherche. Paris : L'Harmattan, 2002. 295 p. (Savoir et formation)

GERIS. L'enfant placé, actualité de la recherche française et internationale. 1986

GARCIA, José Luís (1999), Guia de recursos para jovens na área de Lisboa, ISSScoop- informage, Lisboa

GERSÃO, Eliana (1989), Carência socio-familiar e delinquência juvenil, in MEDEIROS; Carlos L. (coord.), do desvio à instituição total sub-cultura estigma trajetcos, Cadernos do CEJ, Ministério da Justiça, Lisboa

GASPAR, Ana Micaela (2000), Crianças e jovens que vivem em lar: caracterização sociográfica e percursos de vida; lares de crianças e jovens: caracterização e dinâmicas de funcionamento, Instituto para o desenvolvimento Social, Lisboa

GOFFMAN, Erving (1988), Estigma, Editora Guanabara, Rio de Janeiro

ITURRA, Raul (1990), A construção social do insucesso escolar memória e aprendizagem em vila ruiva, Escher publicações, Lisboa

LOFF, Pedro (1988), Guião de caracterização e diagnostico numa instituição, Instituto Superior de serviço social, Lisboa

MARINHEIRO, A. Marcos (1997), Intervenção pedagógica e trabalho de equipa em colégio de acolhimento, educação e formação Reflexão e análise a partir da experiência no colégio Padre António de Oliveira in Infância e Juventude: 97,4

MUCCHIELLI, Roger (1979), Como eles se tornam delinquentes: génese e desenvolvimento e da socialização e da dissociabilidade, Moraes Editores, Lisboa

NAVES, Pierre. Rapp./ CATHALA, Bruno. Rapp./ INSPECTION GENERALE DES AFFAIRES SOCIALES (Paris, France)/ INSPECTION GENERALE DES SERVICES JUDICIAIRES (Paris, France). Accueils provisoires et placements d'enfants et d'adolescents : des décisions qui mettent à l'épreuve le système français de protection de l'enfance et de la famille. Paris : Ministère de l'emploi et de la solidarité, 200. 73 p.

PEROL-DUMONT, Marie-Françoise. Rapp. MINISTERE DE L'EDUCATION NATIONALE, DE LA RECHERCHE ET DE LA TECHNOLOGIE/ INSPECTION GENERALE DE L'EDUCATION NATIONALE (Paris, France). - Une nouvelle actualité pour l'internat scolaire. - Paris : Ministère de l'Education nationale, de la recherche et de la technologie, 2001. - 57 p.

PARRILLO, Vincent (1989), Contemporary Social Problems, Mcmillan Publishing Company, New York



- PINTO, Manuel e SARMENTO, Jancinto (1999), Saberes sobre as crianças: para uma bibliografia sobre a infância e as crianças em Portugal (1974-1998), Universidade do Minho: Centros de Estudos da Criança, Braga
- PINTO, Manuel, SARMENTO, Manuel Jacinto (1997), As crianças - contextos e identidades, Universidade do Minho, Centro de estudos da criança, Braga
- PINTO, Manuel, A infância como construção social
Comentário: conceito de infância. Perspectiva histórica do conceito.
- PLANELLO, Jordi (1997), A violência como forma de comunicação nas crianças e adolescentes em situação de risco social in *Infância e Juventude*: 97, 4
- QUORTRUP, Jens, et al, *Childhood Matters Social theory, practice and politics*, Avebury, England
- RUXTON, Sandy (1996), *Children in Europe*, NCC action for children, London
- ROUZEL, Joseph. *Le travail d'éducateur spécialisé: éthique et pratique*. Paris : Dunod, 2000. 149 p.
- RAMIREZ, M. Eduarda (1987), Criança português: que acolhimento?, Instituto de apoio à criança, Rede Europeia de acolhimento de crianças, Comissão das comunidades Europeias, Lisboa
- RODRIGUES, Elisabete C. Almeida (1997), Menores em risco: que família de origem? in CARNEIRO, M. do Rosário Da Costa (1997), *Crianças de risco*, Instituto Superior de ciências Sociais e Políticas, Lisboa
- SAGEL-GRANDE, Irene (1995), O sistema de sanções penais de menores nos países baixos: sobre as vias para o futuro in *Infância e Juventude*: 95,4
- Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (2005), *Trajectórias de vida das crianças e jovens saídos dos lares da SCML: 1986/2001*
- SILVA, Danilo, et al, (org) (1995), *Actas do congresso "os jovens e a justiça"*, Apport, Lisboa
- SOARES, Natália Fernandes (1997), *Direitos da criança: utopia ou realidade?* In *Infância e Juventude*: 97,4
- SOARES, N Fernandes (1997), *Crianças em risco: Passado e Presente. Alguns contributos para a compreensão histórica-social de problemática das crianças maltratadas e negligenciadas* in *Infância e Juventude*: 97,1
- VITAL Fernanda, et al, *Respostas institucionais às crianças privadas de meio familiar natural. Uma experiência na Sta. Casa da misericórdia de Lisboa*
- STRECHT, Pedro (1998), *Crescer vazio repercussões psíquicas do abandono, negligencia e maus tratos em crianças e adolescentes*, Assiro e Alvim, Lisboa
- SUDAN, Dimitri(1997), *Da criança culpada ao sujeito de direitos: alterações dos modos de gestão da delinquência juvenil (1820-1989)*, in *Infância e Juventude*: 97,3
- VASCONCELOS, Ana M. de Carvalho et al (1973), *Problemas da criança em internato in Inadaptação Social de menores, internos e reeducação, Comunicações apresentadas ao Seminário sobre a criança na comunidade Luso-brasileira, Santa casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa*





Anexos



anexo 1: Guião da Entrevista

I. Caracterização geral do entrevistado no momento actual

- 1 - Género: Feminino Masculino
- 2 - Ano de Nascimento: 19____
- 3 - Estado civil actual: Solteiro(a)
 União de facto
 Separado
 Divorciado
 Viúvo(a)
 Casado 3.1 Desde que ano: _____
- 4 - Nível de escolaridade
(mais elevado que completou) _____
- 5 - Nº de filhos: 5.1 Ano de nascimento: _____; _____; _____
- 6 - Naturalidade: _____ (Especifique concelho)

 Se estrangeiro (especifique país): _____
- 7 - Nacionalidade: Portuguesa
 Estrangeira (especifique país): _____
- 8 - Ocupação profissional
(na actualidade) _____

II. Caracterização da situação anterior ao acolhimento em lar²⁵

Objectivos:

- Aferir de, **forma breve**, os motivos que levaram ao acolhimento institucional atendendo à caracterização do agregado familiar de origem

9. Percurso de vida anterior ao (primeiro) acolhimento institucional	9.1 Percurso geográfico e biográfica da 'família' antes de entrar no Lar	<ul style="list-style-type: none">- Onde nasceu e onde viveu (espaço geográfico) antes de entrar para a instituição?- Com quem vivia nessa altura? (especificar as relações de parentesco)- Tinha familiares (pais, irmãos, tios, avós, padrinhos,...) com que se relacionava? De que modo e com que frequência?- Como era a sua família? Como se relacionavam uns com os outros (compreender as dinâmicas familiares)
	9.2 Representações e memória das pessoas com quem viveu antes de entrar no Lar	<ul style="list-style-type: none">- Como eram as suas condições de vida antes de entrar para a instituição? Como era viver com a sua família/com essas pessoas (no caso de não viver com familiares)?
	9.3 Percurso escolar antes da institucionalização	<ul style="list-style-type: none">- Desde que idade frequentou a escola?- Antes de ir para o Lar em que ano estudava?- Como corriam as aulas (caso estudasse)? Porquê?
10. Motivos e memórias da institucionalização	10.1 Razões para a institucionalização	<ul style="list-style-type: none">- Lembra-se porque teve que ir viver para o Lar? O que pensa de terem tomado essa decisão?- O que aconteceu antes de ir para a instituição, mudou de casa, de família, ...? [Aferir as medidas tentadas antes do acolhimento em lar / os serviços que prestaram suporte antes de ir para Lar]- No caso de ter irmãos:<ul style="list-style-type: none">- foi sozinho ou com os seus irmãos- permanecerem com a família;- entraram no mesmo lar/foram para outro lar; outra situação [especificar]
	10.2 Representações e memória das razões de entrada no Lar	<ul style="list-style-type: none">- O que sentiu quando soube que ia para a instituição?
	10.3 Percurso institucional	<ul style="list-style-type: none">- Nome do último (ou único) Lar onde viveu:- Tempo que permaneceu nesse Lar:- Há quantos anos saiu:- Caso tenha vivido em mais do que um Lar, indique o nome do(s) outro(s) Lar(es) onde esteve e o tempo que aí permaneceu

²⁵ Apesar de cronologicamente este grupo de questões dever vir antes da "Avaliação do acolhimento institucional", optou-se por evitar iniciar a entrevista com estas questões dado que podem apelar a memórias mais dolorosas do passado. Caso o entrevistador sinta que é ainda prematuro colocar estas perguntas nesta fase (devido ao gelo inicial ainda não ter sido quebrado), pode colocá-las um pouco mais à frente no sentido de garantir uma aproximação cuidadosa a estas memórias. O importante é captar estes aspectos mais genéricos de enquadramento dos motivos que levaram ao acolhimento institucional, não sendo necessário um aprofundamento exaustivo do mesmo.



III. Avaliação do percurso na instituição

Objectivos:

Modelo educativo: funcionamento do acolhimento institucional

- caracterizar a auto-percepção do entrevistado sobre a forma como no quotidiano institucional foi sendo preparado o seu processo de autonomização, aferindo diferenças de género ao nível das oportunidades oferecidas pelo enquadramento institucional²⁶;
- caracterizar o percurso escolar dos adolescentes de ambos os géneros no sentido de identificar situações de insucesso e abandono escolares precoces;
- aferir, no quadro da aprendizagem ao longo da vida, dificuldades e expectativas sentidas por ambos os géneros face a novos métodos de aprendizagem e qualificação profissional;
- caracterizar a auto-percepção do entrevistado da proximidade entre a vivência em lar e a vivência num ambiente familiar.

(caso o entrevistado tenha estado em mais de uma instituição, deverá falar da sua experiência nas várias instituições onde passou mais de 1 ano)

III.1 O acolhimento institucional (1ºs tempos)

11. Avaliação do momento de acolhimento institucional	11.1 Práticas de acolhimento na instituição	- Como foi recebido nos primeiros dias? Quem o recebeu? (tente descrever-nos a primeira semana na instituição, as actividades, o dia-a-dia)
	11.2 Representações e memória da chegada à instituição.	- Como se sentiu nesses seus primeiros dias na instituição? (bem/mal, protegido/desprotegido, acompanhado/sozinho, bem disposto/triste, ...)? - Diga-nos uma boa e uma má memória desses primeiros dias (algo que aconteceu de bom e algo que correu mal)
	11.3 Práticas e espaços da sociabilidade na fase de acolhimento	- Quem foram as pessoas mais importantes nos primeiros dias de entrada na instituição, em quem se apoiou mais nos primeiros tempos? Em que sentido? (companheiros da instituição, familiares, pessoal/técnicos da instituição, amigos, etc.) - Fez amigos da mesma idade na primeira semana na instituição? Manteve-os? Como foram as suas primeiras relações na instituição? - Manteve o contacto com as pessoas com quem se dava anteriormente? Com quem? Como?
12. Dimensões valorizadas no acolhimento institucional	12.1 Sugestões de mudanças no modo de acolhimento	- Pensa que o acolhimento hoje é semelhante ou diferente do que foi feito no seu tempo? Em que sentido? E é melhor ou pior? - Mudava alguma coisa na forma como os jovens são acolhidos pelas instituições, à luz da sua vivência dos últimos anos na instituição?

²⁶ No sentido de caracterizar o ambiente de vida institucional julga-se pertinente a introdução de questões sobre rotinas, tarefas e ocupações diárias, não sendo no entanto desejável que estas descrições tornem demasiado exaustivas para não prolongar demasiadamente a entrevista, na medida em que o fundamental é caracterizar a forma como o entrevistado perceciona a intervenção educativa da instituição na aquisição de competências sociais, pessoais e profissionais para a preparação do seu processo de autonomia.

III.2 O quotidiano na instituição: vida pessoal, familiar, social/relacional e escolar

<p>13. Caracterização e apreciação das práticas quotidianas na instituição</p>	<p>13.1 Descrição e representações do dia-a-dia na instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> - De um modo geral, como era o seu dia a dia na instituição durante a <u>semana</u> (do levantar ao deitar)? - O que gostava mais e menos no dia a dia? - Que actividades no Lar gostava mais e menos de fazer? - Os <u>fins-de-semana</u> eram diferentes? Porquê? O que fazia nessa altura e com quem? - Como e com quem costumava passar o período das <u>férias ou feriados</u>? (páscoa, natal, férias grandes, ...) - O que recorda como mais e menos agradável dos fins-de-semana e das férias? - Quais eram as principais regras na instituição? Dê alguns exemplos das que se lembra melhor? (horários, tarefas, rotinas) Quem definia as regras? - Como foi a sua adaptação às novas regras? Havia espaço para as discutirem em conjunto? Foram importantes para si?
	<p>13.2 Participação nas actividades da instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participava em actividades desenvolvidas pela instituição? - Especifique, dando exemplos de actividades desenvolvidas <u>dentro e fora</u> da instituição - Participava de livre vontade ou era pressionado a participar? - Participava no planeamento das actividades e podia propor outras actividades? - Que recordações (boas e/ou más) guarda dessas actividades? - Quem participava nessas actividades? (todos os colegas da instituição, actividades organizadas de acordo com os grupos etários, participação de outras crianças/jovens que não vivam na instituição, etc...) - Fora do tempo de aulas, participava em actividades lúdicas/recreativas? (desportivas, catequese, etc...) Especifique quais. - Se não participava, porquê? (aferir se era por vontade própria ou por obstáculo da instituição) - As actividades extracurriculares em que participava foram escolha sua? Podia mudar de actividades se desejasse? Em que local (ais) praticava essas actividades? [apurar se era fora da instituição]
	<p>13.3 Percepção e avaliação do modo de organização da instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Como foi a sua adaptação às novas regras da instituição? - No Lar procuravam explicar-lhe o sentido das rotinas/regras? Havia espaço para discutirem em conjunto? - Cumpria as regras? O que acontecia se não cumprisse? Dê alguns exemplos das que se lembra melhor? - Alguma vez fez propostas para mudarem regras? Porquê? - Existiam regras específicas para as visitas? Quais? - E regras para a escola? Quais? - Essas regras foram importantes para si, ou prefere esquecê-las? - Sentiu alguma vez que a instituição tinha organizado um projecto de vida para si (Qual era)? Só para si ou era o mesmo para todos os jovens da instituição? - O modo de organização da instituição pensa que era semelhante a uma família, ou muito diferente? Em quê? - Em caso afirmativo: O que acha que permitiu que sentisse que o ambiente institucional era semelhante ao ambiente de vida numa família?



		<ul style="list-style-type: none"> - Em caso <u>negativo</u>: O que acha que devia ser diferente no acolhimento na instituição para que as crianças/jovens se sentissem num ambiente familiar? - Alguma vez pensou em sair da instituição? Porquê? Se sim, fez alguma coisa para tentar sair? - Na instituição, ao longo do tempo que ali passou, sentiu-se ali 'livre', ou 'preso'? - Durante o tempo que esteve na instituição teve comportamentos que a instituição considerou preocupantes? Que idade tinha? A que acha que se deveu essa situação? <ul style="list-style-type: none"> - Teve problemas com as autoridades/Justiça - Teve problemas de ordem comportamental - Teve problemas aditivos: álcool/drogas - Praticou pequenos furtos, etc
14. Quotidiano pessoal e social/relacional durante a institucionalização	14.1 Percepção e práticas da vida pessoal	<ul style="list-style-type: none"> - Qual era o seu espaço favorito na instituição? - Onde gostava menos de estar? - Tinha quarto próprio? Foi uma escolha sua, ou foi indicado pela instituição? - Com quem partilhava o seu quarto? Podia decorar o seu quarto como desejava? Porquê? - Se às vezes tinha vontade de estar sozinho, conseguia arranjar um lugar para estar à tua vontade? - Onde era esse espaço? - Quando é que podia estar sozinho?
	14.2 Percepção e práticas da vida social/relacional (perfil dos amigos/relações, sentimentos, actividades e práticas quotidianas) 14.2.1 ... os técnicos da instituição	<ul style="list-style-type: none"> - Como recorda a relação que tinha com: <ul style="list-style-type: none"> - os técnicos afectos à instituição - director da instituição - outras pessoas que trabalhavam na instituição (auxiliares, vigilantes, administrativos, voluntários, etc) - Dê exemplos de acções desenvolvidas por parte dos técnicos/pessoal afecto à instituição que tenham sido importantes para a preparação do seu futuro - Considerava algum deles seu confidente, alguém com quem podia desabafar? [especificar quem, se possível dê um exemplo] - Havia algum adulto de quem não gostava? Porquê? - Alguma vez teve necessidade de ter um apoio especial, na vida pessoal (psicólogo), na escola (explicador)? Como correu?
	14.2.2 ... os amigos na instituição	<ul style="list-style-type: none"> - Como recorda a relação que tinha com os outros jovens que estavam também <u>na instituição</u>? Era boa, má, porquê? O que fazia com eles? - Como recorda a relação que tinha com o(s) seu(s) companheiro(s) de quarto? Era boa, má, porquê? - Considerava algum desses companheiros seu confidente, alguém com quem podia desabafar? - O que costumavam fazer juntos? - Costumava haver conflitos? Como os solucionavam?

		<ul style="list-style-type: none"> - Mantém contacto com alguns deles? - Que tipo de contactos ainda mantém (encontro, carta, contactos telefónicos, etc) e com que periodicidade (especificar quantas vezes por ano)?
	14.2.3 ... as visitas	<ul style="list-style-type: none"> - Costumava receber visitas ou ir visitar a sua família/amigos (especificar quem e com que frequência): <ul style="list-style-type: none"> - durante a semana - fim-de-semana - férias - O que fazia nessas visitas? - Em caso negativo, quando via os seus familiares? - Como se sentia quando os via menos vezes? - Podia <u>visitar</u> amigos e familiares no exterior? Em caso negativo, porquê? - Quando desejava falar com alguém de fora da instituição, podia contactá-la/ <u>telefonar</u> quando queria? - Como é podia fazer os telefonemas: tinha de pagar? - Falava em privacidade, ficava sozinho? - Gostava de sair para fazer visitas? Porquê? - Como é que ia visitar a sua família: ia sozinho, levavam-no, vinha um familiar buscá-lo...? - Como se sentia no tempo que estava fora da instituição? - Alguém da instituição lhe falava da sua família? Como lhe falavam? (definiam a sua família como amiga, esforçada, desinteressada...?) - Gostava de ter podido passar mais tempo fora da instituição? Porquê?
	14.2.4 ... os amigos fora da instituição	<ul style="list-style-type: none"> - Na altura tinha amigos <u>fora da instituição</u> com quem se relacionava? Quem eram, onde os conheceu? O que costumava fazer com eles?(Se não tinha, tente explicar porquê.) - Podia receber amigos na instituição? Quando e com que frequência? Onde? Como (em privacidade...)? - Que amigos foram mais importantes para si durante o tempo que esteve na instituição, os que lá viviam consigo ou os de fora da instituição? Porquê? O que distinguia uns dos outros? - Ainda mantem contacto com eles (os de fora e de dentro da instituição)? - Que tipo de contactos ainda mantém (encontro, carta, contactos telefónicos, etc) e com que periodicidade (especificar quantas vezes por ano)?
	14.3 Percepção e práticas da vida escolar durante a institucionalização	<ul style="list-style-type: none"> - Ia à escola quando estava na instituição? - Qual foi o teu percurso escolar ao longo da vida (vários lugares onde estudou, quantas vezes chumbou, notas, relacionamento com colegas e professores) - Se <u>não ia à escola</u>, porquê? Como encara o facto de não ter frequentado a escola? - Até que ano escolar frequentou? Porque não continuou? Especificar se frequentou e concluiu: <ul style="list-style-type: none"> - Ensino recorrente (caso não tivesse concluído o ensino obrigatório) - Ensino especial - Cursos de formação profissional. Qual? - Cursos de formação profissional contínua. Qual? - Cursos de educação-formação para jovens. Qual? - Ensino Tecnológico/ Cursos de Especialização Tecnológica



		<ul style="list-style-type: none"> - Formação em Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) / internet - Formação através de <i>e-learning</i>²⁷ - Programas de estágios curriculares - Gostaria hoje de voltar a estudar, porquê? - Acha que todas as crianças/adolescentes deveriam estudar? - O que gostava mais e menos na escola? - Tanto as outras raparigas como os rapazes que estavam consigo na instituição também frequentavam a escola? - Tinha apoio para estudar na instituição? E na escola? Se sim, quem o ajudava? - Dava-se bem com os colegas de escola? Considerava algum seu amigo/confidente? - A instituição contactava regularmente a escola ou vice versa? - Quem era o seu encarregado de educação? - Sentiu dificuldades ao nível da progressão escolar? Porquê? - Conseguiu ultrapassar essas dificuldades? Teve apoio escolar? - Alguma vez teve problemas na escola ou sentiu-se discriminado por viver num Lar? Como reagiam os seus colegas e os professores a esse facto?
	<p>14.4 Percepção e práticas da vida profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quando estava na instituição exerceu alguma actividade profissional? Se sim, especifique: <ul style="list-style-type: none"> - idade que tinha quando começou a trabalhar - o seu horário de trabalho - vínculo contratual - nível de satisfação com o salário que recebia - Como recorda essa experiência? Foi um opção sua? - O facto de trabalhar influenciou o seu percurso escolar? De que forma? - Os outros jovens acolhidos também exerciam alguma actividade profissional? Se <u>sim</u>, tanto as raparigas como os rapazes?

²⁷ Aprendizagem à distância através das novas tecnologias de informação, como internet, chat, o e-mail, do forum e de audioconferência.

IV. Da cessação do acolhimento institucional ao presente - trajetória do processo de autonomização

Objectivos:

- caracterizar a passagem da institucionalização à integração social e familiar, induzindo a comparação entre a vida em instituição e a experiência de vida autónoma, e aferindo dificuldades e potencialidades sentidas no processo de autonomização;
- caracterizar o percurso de vida autónomo até à situação presente ao nível das várias dimensões: pessoal, escolar, familiar e social;
- caracterizar o processo de inclusão sócio-profissional dos adolescentes após a saída dos lares de infância e juventude e suas representações e expectativas face ao emprego, diferenciando as disparidades existentes entre os géneros;
- aferir, no quadro da aprendizagem ao longo da vida, dificuldades e expectativas sentidas por ambos os géneros face a novos métodos de aprendizagem e qualificação profissional.

<p>15. Preparação para o processo de saída e autonomização do jovem</p>	<p>15.1. Avaliação do modo e processo de saída da instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Que idade tinha quando deixou de viver na (última) instituição? Foi uma opção pessoal? Ou um projecto de vida da própria instituição para si? - Como recorda o momento da sua saída da instituição? Foi importante para si? Porquê? - Se <u>sim</u>, como encara o facto de ter permanecido na instituição? Acha que havia outras soluções para poder ter saído mais cedo da instituição? - Se <u>não</u>, como imaginava o dia em que sairia da instituição? - Em que aspectos sentiu que foi apoiado pela instituição na preparação da sua futura autonomia? De que forma? (pedir para exemplificar e se necessário recorrer a exemplos como concluir os estudos, trabalho, formação, treino para maior responsabilização, etc...) - Quem foram as principais pessoas com quem foi falando e preparando o seu processo de autonomia? - Quando e como soube que se ia embora? Quem lhe comunicou? - Como foi a despedida? - Se não imaginava que iria ter sair, era algo em que não queria pensar? Porquê? - Quando saiu da instituição para onde foi viver? - Foi uma escolha sua? - Especificar com quem foi vivendo desde que saiu da instituição: sozinho, com familiares, com amigos, namorado(a)/ mulher ou marido, etc. Foi uma escolha sua? - Hoje acha que estava preparado para sair da instituição? Porquê? <p>Se <u>não</u>, o que acha que deveria mudar/ser feito para permanecerem menos tempo?</p>
<p>16. Análise da primeira fase de integração na vida autónoma</p>	<p>16.1. Avaliação do modo e processo de integração fora da instituição (primeiros momentos)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Descrição do tipo de habitação onde mora agora, especificar se é casa própria, alugada, emprestada, partilhada, etc - Como se sentiu no novo ambiente? Foi ao encontro do que desejava? <ul style="list-style-type: none"> - Se <u>regressou à família</u> biológica: Como se sentiu quando regressou à sua família? Sentiu-lhe diferenças? O que é que mudou, em si e nos seus familiares? - Se <u>não regressou à família</u> biológica: Porque não foi viver com a sua família biológica? Mesmo assim foi mantendo contactos? Porque acha que não foi possível regressar? - Que dificuldades sentiu e o que julga que correu melhor na organização da sua vida diária? - Após a sua saída, que mudanças ocorreram ao nível: <ul style="list-style-type: none"> - das pessoas com quem foi morando; - das localidades; - do espaço habitacional/tipo de casa

<p>17. Análise da integração na vida autónoma</p>	<p>17.1 Percepção e práticas da vida pessoal e social/Relacional</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desde que saiu da instituição a quem recorre quando precisa de falar com alguém sobre: <ul style="list-style-type: none"> - aconselhamento sobre os seus projectos - desabafo pessoais - partilha de alegrias, etc Especificar se são amigos, familiares, profissionais, técnicos/auxiliares da instituição, etc. - Como se conheceram? De que forma contactam? - Manteve contacto com: <ul style="list-style-type: none"> - técnicos/pessoal afecto à instituição - companheiros da instituição - amigos Actualmente ainda contacta com eles? Com quem? Especificar com quem, tipo de contactos estabelecidos (encontro, telefone, etc.) e a periodicidade - Quem considera ser hoje a sua verdadeira família? Que relações estabelece com essas pessoas (o que faz com elas, como contam elas consigo, etc.)? - Com quem tem vivido ao longo da sua vida desde saiu da instituição? - Se não tem vivido com os dois pais, relata o percurso de vida dos pais e irmãos - Como é constituída a tua família actual (composição, idades, ocupação) - Como te dás com os vários membros da tua família? - O que fazes em casa, ajudas a tua família, em quê? - O que corre bem e mal na vida da tua família? - Quando há problemas na família és chamado o dar opinião? - Os irmãos : qual o teu papel face aos irmãos mais novos, e aos mais velhos? - Diz um acontecimento que te lembres na tua família: positivo/negativo - Gostas de ter esta família ou gostavas que fosse diferente, porquê, como? - O que mudarias na tua família, se pudesses fazê-lo já?
	<p>17.2 Percurso profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Após a saída da instituição como foi o seu percurso profissional até hoje? - Quando saiu do Lar teve dificuldades em encontrar emprego? Porquê? - As actividades profissionais que tem exercido vão ao encontro das suas expectativas? - Gosta do que faz actualmente? - Especificar caso tenha exercido actividade profissional quando estava na instituição fazer a ponte com o percurso profissional posterior: <ul style="list-style-type: none"> - as profissões exercidas; - condições de trabalho; - horários; - os motivos que levaram à mudança profissional; - satisfação com o salário auferido; - se permitiram assegurar estabilidade financeira. - Se está desempregado qual é o seu principal meio de vida? Especificar se está a cargo da família, quais os subsídios que usufrui (se subsiste com ajuda de amigos/familiares, etc) - Acha que tanto as mulheres, como os homens têm as mesmas oportunidades de inserção profissional? E ao nível das condições de trabalho (salário, progressão na carreira, vínculo contratual, etc)

		<ul style="list-style-type: none"> - De que forma acha que o ter vivido numa instituição influenciou (positiva e negativamente) as suas oportunidades de inserção no trabalho? - Beneficia de alguns apoios da segurança social? - Especificar tipo de subsídio: Subsídio de desemprego, rendimento social de inserção, subsídios eventuais, renda de casa, etc
	17.3 Percurso escolar	<ul style="list-style-type: none"> - Desde que saiu da instituição, ou mais recentemente? - Após sair da instituição, continuou a estudar? - Especificar o grau de ensino que concluiu <p>Especificar se frequentou e concluiu:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ensino recorrente (caso não tivesse concluído o ensino obrigatório) - Cursos de formação profissional. Qual? - Cursos de formação profissional contínua. Qual? - Cursos de educação-formação para adultos. Qual? - Ensino Tecnológico/ Cursos de Especialização Tecnológica - Formação em Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) / internet - Formação através de e-learning²⁸ - Programas de estágios curriculares <ul style="list-style-type: none"> - Se não, ainda pensa em voltar a estudar? Porquê e qual é o objectivo que deseja alcançar? - Se sim, como conseguiu conciliar a actividade profissional com a frequência escolar? - Se frequentou algum curso de formação profissional/ educação-formação para adultos/novas tecnologias de informação, de que forma foi o curso importante para o percurso profissional?
	17.4 Práticas de lazer	<ul style="list-style-type: none"> - Que outras actividades / ocupações de lazer gosta de fazer nos seus tempos livres? - Praticas-as actualmente? Caso contrário, o que o leva a não as fazer?
18. Perfil e projectos pessoais	18.1 Avaliação do confronto entre as expectativas e a realidade	<ul style="list-style-type: none"> - Que sonhos tinha para o seu futuro quando estava a viver na instituição? - Como recorda os primeiros tempos fora da instituição? - Que dificuldades sentiu? (Aferir se teve problemas com as autoridades/ Justiça; consumo de álcool / drogas; ordem psicológica depressão, instabilidade emocional, ansiedade excessiva, etc.) - Como conseguiu resolvê-las? - Que diferenças encontra na forma como pensou que a vida ia correr fora da instituição e o que efectivamente aconteceu em relação: <ul style="list-style-type: none"> - Sonho com a independência pessoal - Sonho com uma família - Sonho com uma casa - Sonho com uma profissão - Sonho com exercício actividades lazer/ viagens... - [focar outros aspectos decorrentes da entrevista, no sentido de conseguir por parte do entrevistado um balanço global de tudo o que foi dito nesta dimensão de análise (Integração na vida autónoma)] - Como acha que teria sido a sua vida se não tivesse vivido num Lar? ²⁹ - Actualmente gosta da casa e do local onde mora? Vai ao encontro do que sonhou? - Vive com a família que sempre desejou? Se pudesse, há alguma coisa que gostaria de mudar na sua vida familiar? E no seu dia-a-dia? - As outras crianças/jovens que estiveram acolhidas consigo permaneceram ainda na instituição por muito tempo? - Acha necessário / vantajoso que as crianças permaneçam vários anos nas instituições?

²⁸ Aprendizagem à distância através das novas tecnologias de informação, como internet, chat, e-mail, fórum e audioconferência.

²⁹ O objectivo desta questão é detectar os adultos que sempre acharam que o seu lugar teria sido na família e que assim teriam sido mais felizes (o que significa igualmente que a experiência do acolhimento possa ter menos positiva) e os que consideram que o acolhimento foi fundamental para serem quem são hoje.



	4.2 Projectos pessoais para o futuro	<ul style="list-style-type: none">- Vives o dia a dia ou tens projectos para o futuro?- Quais são os seus planos/ projectos de futuro, ao nível:<ul style="list-style-type: none">- profissional / escolar- familiar/ habitacional- local geográfico para viver- hobbies /actividades complementares, etc...- Pensas concretizá-los sozinho ou com ajuda, de quem?- Pensas que tens futuro pela frente ou não tens alternativas?- Como imaginas a tua vida daqui a 5/10 anos?- O que gostaria que acontecesse para considerar que é feliz?
--	---	--

anexo 2: Grelha comparativa-síntese das entrevistas sobre “Modelos, problemas e relações familiares”, nos períodos: antes, durante e após a institucionalização

	Antes da Institucionalização	Durante a Institucionalização	Depois da Institucionalização
Ent 01	<p>Viveu com a mãe e padrasto até aos 4 anos. Tinha irmãos e desconhecia-os.</p> <p>Tinha uma avó muito idosa com quem ficava por vezes.</p> <p>.....</p> <p>Mãe prostituta e padrasto toxicodependente.</p> <p>Mãe tinha problemas psicológicos para cuidar da filha.</p> <p>.....</p> <p>Foi institucionalizada a pedido da avó</p>	<p>Nunca ia a casa nos fins-de-semana ou férias</p> <p>.....</p> <p>A mãe vivia em Lisboa e ia de vez em quando visitá-la a Évora</p> <p>Ela sentia-se sem família:</p> <p><i>Não, sentimos, sentimo-nos um bocadinho rejeitados ... [Quando olhavam para os outros que é que sentiam falta?] Uma família!</i></p>	<p>Ela é mãe solteira, de um homem mais velho que nunca assumiu a filha (o caso está em Tribunal)</p> <p>.....</p> <p>Quem a apoiou no momento da gravidez e parto foi uma amiga exterior à instituição</p> <p>.....</p> <p>Tem relações pouco estáveis com a mãe</p> <p><i>Eu tento, eu tento, mesmo por mim, eu tento estar com ela! não consigo estar muito tempo, sou sincera! (...) ela é um bocadinho desequilibrada mas eu tento estar porque, penso... enfim, ela é minha mãe... Já sou mãe, é um bocadinho consciência disso também, tento estar mas não me envolver porque... incomoda-me! (...) gostava de... as minha amigas vão beber café com a mãe, eu não!</i></p> <p>.....</p> <p>A família dela hoje é ela e a filha</p>
Ent 02	<p>Vivia com os pais, tinha 1 irmã adoptada e 4 irmãos.</p> <p>Com 4 anos a mãe morre.</p> <p>.....</p> <p>O pai voltou a juntar-se com outra mulher e as crianças foram institucionalizadas.</p>	<p>Estava institucionalizado com mais 2 irmãos no mesmo colégio.</p> <p>O pai teve mais 3 filhos de um segundo casamento.</p> <p>Nessa fase, vai regularmente de visita a casa.</p> <p>.....</p> <p>Quando tinha 11 anos, o pai suicidase junto ao portão da instituição.</p> <p>.....</p> <p>Os 3 irmãos da parte do pai também foram institucionalizados.</p> <p>.....</p> <p>Os tios ficam como tutores. Vai alguns fins-de-semana a casa dos tios com 2 irmãos durante 2 ou 3 anos.</p> <p>Deixa de ir pois os tios não concordam com a tutela, discutiam entre si.</p> <p>.....</p> <p>Durante 2 anos vai visitar 2 meios-irmãos gémeos à instituição onde estão. Deixa de ir e nunca mais soube deles.</p> <p>.....</p> <p>Retoma o contacto com a irmã adoptada, quando ela vai procurar uns documentos.</p>	<p>Tem contacto regular por telefone com os dois irmãos que estiveram institucionalizados com ele. Sente-se emocionalmente ligado a eles</p> <p>.....</p> <p>Também tem alguma relação com a irmã adoptada e não tem contacto com os restantes irmãos.</p> <p>.....</p> <p>Relação actual com os tios: não os vê muito, refere ter saudades deles</p> <p>.....</p> <p>Tem 4 sobrinhos dos 2 irmãos que estiveram institucionalizados com ele, preocupa-se com eles e com o seu futuro</p> <p>.....</p> <p>A família actual são os dois amigos com quem vive (exteriores à instituição) e os dois irmãos com quem viveu na instituição.</p> <p>A sua ideia de família é complexa, reconhece que não construiu uma imagem coerente, real:</p> <p><i>Quando nós crescemos com pai e mãe, acabamos por dar, por ter uma ideia diferente do que é uma família e quando nós não temos, acabamos por fantasiar talvez um pouco ... E esse fantasiar é que faz... É que faz com que a seguir fiquemos pior. Porquê? Porque vamos querer uma coisa que... Que nem sequer é a realidade, se calhar não existe em família nenhuma! ... e hei-de me preocupar mais com o meu filho do que com a minha esposa, se calhar isto vai dar em divórcio mas...</i></p>
Ent 03	<p>Vivia em Cabo Verde com os pais e 1 irmão.</p> <p>A mãe morre quando ele tinha 3 anos e vem com o irmão para casa da tia em Portugal.</p> <p>.....</p> <p>Vive com o irmão, a tia, o companheiro e dois sobrinhos deste que também estavam órfãos.</p> <p>.....</p> <p>Com 6 anos muda de cidade com o agregado e entra na instituição com o irmãos e os 2 primos por afinidade.</p>	<p>Vai todos os fins de semana e férias a casa da tia.</p> <p>.....</p> <p>O irmãos tem problemas de comportamento na instituição e sai mais cedo do que ele.</p>	<p>Quando sai volta para casa da tia.</p> <p>.....</p> <p>Vive com a namorada em casa comum</p> <p>.....</p> <p>Continua a relacionar-se com a família</p>



	Antes da Institucionalização	Durante a Institucionalização	Depois da Institucionalização
Ent 04	<p>Vivia com os pais e 7 irmãos era a filha mais nova.</p> <p>.....</p> <p>As condições económicas eram muito difíceis o que obrigou os irmãos a começarem a trabalhar muito cedo no campo e a deixar de estudar.</p> <p>.....</p> <p>Foi para a instituição com 7/8 anos. Foi uma irmã e uma professora que trataram do processo de institucionalização</p>	<p>Vai aos fins de semana e férias a casa dos pais.</p> <p>.....</p> <p>Às vezes ia aos meus pais, a minha, a minha irmã que já na altura era casada, ou eles vinham lá instituição visitar-me...</p>	<p>Saiu da instituição para casar.</p> <p>.....</p> <p>Continua a relacionar-se com a família</p>
Ent 05	<p>Vivia com o pai e a mãe.</p> <p>.....</p> <p>O pai morre quando ele tinha 4 anos.</p> <p>.....</p> <p>Entra para a instituição com 10 anos por problemas de saúde da mãe.</p>	<p>Vais aos fins-de-semana e férias para casa da mãe.</p> <p>.....</p> <p>A mãe morre quando ele tem 14 anos.</p> <p>.....</p> <p>Tem laços afectivos com os pais da madrinha</p>	<p>Fins-de-semana</p> <p>Iam a casa dos pais mas "continuava tudo na mesma até que chegou uma altura que eu também me fartei e disse "não, não vou mais, não quero ir mais a casa. Passava noites a limpar a casa e depois na semana a seguir chegava lá e já estava tudo na mesma!</p> <p>Passou então a ir para casa da avó</p> <p>Ia lá levá-los (os irmãos) por exemplo a uma sexta-feira à noite e depois seguia para os meus avós...e depois no domingo ia lá buscá-los outra vez.</p>
Ent 06	<p>Vivia com a mãe, o pai e dois irmãos mais velhos (que nunca foram institucionalizados).</p> <p>A mãe vivia com o pai mas também tinha outro homem do qual depois nasceu uma irmã (que tem um atraso) e que ficou sempre com o pai dela.</p> <p>.....</p> <p>Vivia com a família numa casa sem condições</p> <p>.....</p> <p>Entretanto a avó apresentou queixa à Misericórdia pela falta de condições. Foram todos parar à Instituição.</p> <p>.....</p> <p>Do mesmo pai foram para lares 4 irmãos: dois rapazes para o mesmo lar (o entrevistado e outro que ainda está institucionalizado), um rapaz para um lar diferente (está institucionalizado) e uma irmã para outro (está institucionalizada)</p>	<p>Fins-de-semana</p> <p>Iam a casa dos pais mas "continuava tudo na mesma até que chegou uma altura que eu também me fartei e disse "não, não vou mais, não quero ir mais a casa. Passava noites a limpar a casa e depois na semana a seguir chegava lá e já estava tudo na mesma!</p> <p>Passou então a ir para casa da avó</p>	<p>Quando saiu foi para uma casa sua. Actualmente vive com o pai, a irmã, o companheiro da irmã e as suas duas filhas.</p>
Ent 07	<p>Vivia com a mãe, o pai e uma irmã.</p> <p>.....</p> <p>Tinha 8 anos quando a mãe saiu de casa e ele e a irmã foram institucionalizados</p>	<p>Passava os fins-de-semana em casa do pai.</p> <p>Eu ia de fim-de-semana a casa do meu pai e o meu pai estava sempre revoltado " só me apetece é desaparecer, não sei quê" e depois entravamos sempre em conflito, eu acho que já é normal, ele passou-nos a infância a massacar (...)</p> <p>.....</p> <p>O pai era uma pessoa emocionalmente instável.</p>	<p>Quando saiu da instituição foi para casa do pai mas a relação entre eles era muito conflituosa, saiu de casa do pai e alugou um quarto.</p> <p>.....</p> <p>Relaciona-se com a mãe e com o pai mas acha que não dá para viver com nenhum deles.</p> <p>.....</p> <p>Vive sozinho num apartamento alugado</p>
Ent 08	<p>A mãe deixou o pai levando os filhos até eles entrarem todos para a mesma instituição. A família estava sujeita aos maus tratos físicos pelo pai.</p> <p>.....</p> <p>Entraram todos para a mesma instituição. Na altura tinha 6 anos.</p>	<p>Passava a maior parte dos fins-de-semana com a mãe. As férias eram, também, passadas com a mãe até que começou a trabalhar nas férias</p>	<p>Relativamente aos primeiros tempos cá fora, teve um grande apoio da namorada. Ela é que lavava a roupa, passava a roupa e ainda estava a morar com os pais e os pais dela sempre me trataram como um filho (...)</p> <p>Actualmente é casado e vive com a mulher</p>



	Antes da Institucionalização	Durante a Institucionalização	Depois da Institucionalização
Ent 09	<p>Viveu com a mãe, com os sobrinhos (filhos da irmã mais velha, filha do padrasto, que é toxicod dependente) com o padrasto e com o primo até aos 16 anos, altura em que a mãe faleceu não sabe de quê.</p> <p>.....</p> <p>Após a morte da mãe foi institucionalizado tal como os sobrinhos</p> <p>.....</p> <p>Havia maus-tratos físicos do padrasto quer à mãe, quer a ele.</p>	<p>Ia a casa passar os fins-de-semana e as férias (a casa por morte da mãe passou para a sua posse)</p> <p>O padrasto continuou a viver na casa</p> <p>.....</p> <p>Manteve contacto com os sobrinhos e com o padrasto</p>	<p>Actualmente vive na sua casa com o padrasto e mantém contacto com os sobrinhos e com a irmã</p>
Ent 10	<p>Vivia com a mãe, o pai e um irmão.</p> <p>.....</p> <p>Tinha 9 anos quando a mãe saiu de casa e ela e o irmão foram institucionalizados</p> <p>.....</p> <p>O pai e a mãe davam-se muito mal: a mãe e ela levavam grandes tarefas do pai. Diz que o pai lhes tinha aversão e batia-lhes.</p> <p>Aos 9 anos, a mãe simplesmente desapareceu e ela levou uma tarefa tal que ficou dois dias sem ir à escola porque fica marcada. Terá sido a partir dessa situação que a Segurança Social intervém e retira os miúdos ao pai.</p>	<p>Às vezes ia passar os fins-de-semana com o pai.</p> <p>.....</p> <p>Perdeu o contacto com a mãe quando ela desapareceu e reencontrou-a aos 18/19 anos</p>	<p>Actualmente tem um companheiro, uma filha.</p> <p>.....</p> <p>Mantém contacto com a mãe e com o pai.</p>
Ent 11	<p>Era uma família muito pobre, vivia numa casa de 2 divisões. Pai, mãe e cinco filhos, dois rapazes e três raparigas a irmã mais nova nasceu pouco tempo depois de ela ser institucionalizada. O pai violava as raparigas, batia muito nos irmãos e na mãe. Praticamente não trabalhava e bebia muito.</p> <p>.....</p> <p>Foi uma tia, freira, que sabia das violações, que tratou do processo de institucionalização</p>	<p>Ia a casa aos fins-de-semana e férias</p> <p>.....</p> <p>Os problemas mantinham-se</p>	<p>É expulsa do lar com 14 anos e volta para casa (tem um namorado, com quem há-de casar mais tarde)</p> <p>.....</p> <p>As violações continuaram até que a irmã de 3 anos falou do que se passava desenvolvendo-se a partir daí um processo judicial que resultou em 7 anos de cadeia para pai.</p> <p>.....</p> <p>Actualmente a mãe está divorciada do pai. A jovem é casada, vive com o marido e está grávida do primeiro filho.</p>
Ent 12	<p>Nasceu em Angola e com 4 anos a mãe e os irmãos vieram para Portugal, para o Porto.</p> <p>A sua mãe veio separada do pai de Angola, mas depois encontrou-o cá em Portugal e juntaram-se de novo e "ainda fizeram uma data de filhos!</p> <p>.....</p> <p>Os pais discutiam e o pai batia na mãe.</p> <p>.....</p> <p>Os pais não tinham condições financeiras para criar os filhos</p>	<p>Foram as 3 irmãs mais novas para o mesmo colégio e ainda outra para o Abrigo. Depois nasceu mais uma irmã (aos 45 anos da mãe) que já não esteve em colégios. Na altura já estavam todas crescidas e ajudaram a criá-la.</p> <p>.....</p> <p>Aos fins-de-semana e férias ia a casa dos pais</p> <p>.....</p> <p>Quando eram pequenos os irmãos davam-se todos bens</p>	<p>Quando saiu da instituição foi para casa da mãe</p> <p>.....</p> <p>Actualmente os pais estão separados</p> <p>.....</p> <p>Actualmente, o relacionamento com os pais e irmãos é mau Quando todos eram pequenos davam-se bem, actualmente apesar de manterem o contacto dão-se muito mal ("feitios!")</p> <p>.....</p> <p>Actualmente vive sozinha, o companheiro e pai da filha morreu e a filha está na mesma instituição em que ela esteve</p>
Ent 13	<p>Vivia com os pais e 5 irmãos. Eram, 6 irmãos, duas raparigas e quatro rapazes.</p> <p>.....</p> <p>Falta de recursos económicos</p> <p>"Sim, recordo, nós, os meus pais tinham seis filhos, não tinham possibilidades de nos ter a todos, não é, possibilidades financeiras e isso e de maneira que através de familiares nossos meteram-nos em instituições. Eu tinha oito anos, a fazer nove quase".</p>	<p>As visitas de fim de semana não podiam ser em casa dos pais, ia para umas tias.</p> <p>Depois eu... o meu pai não ia lá assim muitas vezes, era raro, raro mesmo, a minha mãe é que praticamente todos os dias ia lá.</p> <p>.....</p> <p>Às vezes os irmãos iam vê-la</p>	<p>Saiu da instituição para casar</p> <p>.....</p> <p>Actualmente é casada e grávida do segundo filho</p>

	Antes da Institucionalização	Durante a Institucionalização	Depois da Institucionalização
Ent 14	<p>Até aos dois anos vivi em Amarante com os meus padrinhos, com os meus avós, com os meus padrinhos, depois quando ela...não conhece o pai. (Tinha ainda mais um irmão mais velho que estava com ele em casa dos avós)</p> <p>.....</p> <p>A mãe era empregada interna na casa de uma família com recursos financeiros. Quando ele tinha dois anos os patrões pediram para ela o trazer para a casa pois não tinham crianças. A mãe trabalhou nessa casa mais dois anos, depois saiu e deixou lá o filho, com 4 anos de idade. Ele ficou lá até aos 12 anos.</p> <p>Todos cuidavam dele até essa altura</p> <p>Com 12 anos a família adoptiva enviou-o para casa da mãe. Teve conflitos com o padrasto, acabou por ser atropelado. Depois do acidente, foi 'adoptado' família de acolhimento) por uma amiga da família que antes o tinha acolhido em bebé, a quem ele chama avó. Ela trouxe-o novamente para o Porto e por ele ter problemas de disciplina, internou-o, indo buscá-lo todos os fins-de-semana</p>	<p>Ia passar os fins-de-semana e férias com a madrinha</p> <p>.....</p> <p>Tinha pouco contacto com a mãe</p>	<p>Entretanto a madrinha ficou doente e ele, já fora da instituição, está novamente com a família que o acolheu em criança</p>
Ent 15	<p>Viveu com o pai a mãe e 2 irmãs até aos 9 anos, numa aldeia.</p> <p>A mãe e o pai viviam em condições socio-económicas muito precárias</p> <p>.....</p> <p>Foi institucionalizado</p>	<p>Manteve a relação com os pais (visitas regulares ao fim de semana e férias) e irmãs.</p>	<p>Quando saiu da instituição manteve-se um tempo como monitor. Depois entrou para a Polícia e veio para Lisboa.</p> <p>Mantem uma relação com os pais e irmãos.</p>
Ent 16	<p>Viveu com o pai a mãe e 2 irmãs até aos 9 anos, numa aldeia, perto de Almeirim, altura em que a mãe se suicidou (sofria de esquizofrenia). Era a filha mais nova.</p> <p>A mãe e o pai tinham uma grande diferença de idade (36 anos de diferença).</p> <p>.....</p> <p>Foi institucionalizada mais a irmãs, todas na mesma instituição, após a morte</p>	<p>Ia todos os fins-de-semana e férias a casa do pai até que lhes foi permitido ir apenas de quinze em quinze dias. Nos fins-de-semana em que não podia ir a casa o pai ia visitá-las</p>	<p>Quando saiu da instituição voltou para casa do pai durante pouco tempo</p> <p>.....</p> <p>Mantém uma boa relação com o pai e com as irmãs</p> <p>.....</p> <p>Vive, actualmente com o companheiro e com a filha</p>
Ent 17	<p>Nasceu em Alcântara e viveu em Rio Maior com a avó materna e dois tios, até aos 7 anos.</p> <p>Conheceu a mãe mas não se davam e o pai não chegou a conhecer. Foi sempre a avó que cuidou dela.</p> <p>.....</p> <p>A família dava-se bem apesar de viver com dificuldades.</p> <p>.....</p> <p>A avó adoeceu, a jovem ficou a cargo de uma vizinha que depois tratou do processo de institucionalização.</p>	<p>A avó morreu durante o seu período de institucionalização</p> <p>.....</p> <p>Manteve contacto com a senhora, vizinha da avó onde ia passar o Natal</p>	<p>Foi adoptada, vive actualmente com os pais adoptivos. Não tem irmãos.</p> <p>.....</p> <p>Continua a manter contacto com a senhora, vizinha da avó</p>
Ent 18	<p>Nasceu em Alenquer e viveu com a mãe e os irmãos. (a mãe separou-se do pai)</p> <p>São 9 irmãos: sete raparigas e dois rapazes. (Todos do mesmo pai e mãe)</p> <p>É a terceira mais nova, tem um irmão mais novo e outro no meio...</p> <p>.....</p> <p>Eram pobres, não tinham condições (a mãe trabalhava na agricultura),</p> <p>.....</p> <p>Foi com mais uma irmã para a mesma instituição</p>	<p>A mãe morreu enquanto estava na instituição.</p> <p>.....</p> <p>Não mantinha contacto com os outros irmãos porque eles não as visitavam</p>	<p>Só mantém uma relação próxima com a irmã que esteve institucionalizada com ela no mesmo lar</p> <p>.....</p> <p>Actualmente vive sozinha</p>



	Antes da Institucionalização	Durante a Institucionalização	Depois da Institucionalização
Ent 19	<p>Nasceu em Santarém, vivia com a mãe, o pai e a avó de parte do pai. O pai morreu e a mãe abandonou-a com um tio.</p> <p>.....</p> <p>A morte do pai e a desorganização familiar que se seguiu foram o motivo do seu internamento, tinha cinco anos.</p>	<p>Até aos dez anos não teve fins-de-semana. Depois começou a ir nas férias para a casa de uma tia que veio a falecer, mais tarde começou a ir alguns fins-de-semana para casa de um primo, com a vinda de França da tia (mãe do primo) passou a ir todos os fins-de-semana.</p>	<p>Quando saiu da instituição foi para casa de uma tia, com quem vive actualmente.</p>
Ent 20	<p>Vivia com os pais.</p> <p>Agressões e más condições de vida.</p> <p>Foi internada com todos os irmãos</p>	<p>Manteve o contacto com a família mas irregular.</p>	<p>Veio para Lisboa, contacta com a família por telefone</p>
Ent 21	<p>Nasceu em Arcos de Valdevez onde viveu com o pai a mãe, duas irmãs e 2 irmãos, refere que praticamente vivia com a tia que morava em baixo dos pais</p> <p>.....</p> <p>Apresenta como razão de ter ido para o lar o internamento de uma irmã mais nova, mais à frente, diz que não sabe porque foi para o lar, que perguntou a razão mas a mãe não lhe quis dizer e então também nunca mais quis saber, no entanto o seu internamento foi decidido pelo tribunal.</p> <p>Com ela entrou uma irmã mais nova e os 2 irmãos foram para outro lar, de rapazes.</p> <p>A irmã mais velha, filha de um primeiro casamento da mãe também mais tarde foi para um lar em Braga.</p>	<p>O pai faleceu.</p> <p>.....</p> <p>Ia passar os fins-de-semana a casa dos tios.</p>	<p>Quando saiu do lar foi viver com o namorado. Actualmente é casada e vive com o marido.</p> <p>.....</p> <p>Raramente fala com a mãe. Relaciona-se com os tios e os irmãos.</p>
Ent 22	<p>Nasceu em Paris, filho de mãe Espanhola e pai Português. Aos dois anos a mãe desaparece e o pai regressa a Portugal, onde reside durante um tempo na rua, é internado na instituição com dois anos de idade.</p>	<p>Nunca mais teve contacto com a mãe. O pai visitava-o mas morreu tinha ele 12 anos.</p> <p>.....</p> <p>Tem uma madrinha que conheceu na instituição que considera como sua mãe.</p>	<p>Tem pouco contacto com a família do pai.</p> <p>.....</p> <p>Mantém uma relação muito boa com a sua madrinha.</p> <p>.....</p> <p>Está casado e vive com a mulher, não tem filhos.</p> <p>.....</p> <p>Gostava de reencontrar a mãe mas mais ainda o irmão que sabe que tem mas que não conhece.</p>
Ent 23	<p>Morava com os meus pais e com o meu irmão. É meio-irmão. A minha mãe casou com o pai do meu irmão, ficou viúva e depois casou com o meu pai.</p> <p>É, o meu irmão tem trinta e quatro.</p> <p>.....</p> <p>O pai era alcoólico, batia na mãe e ela revoltava-se contra o pai, fugia e ia fazer queixa a policia.</p> <p>.....</p> <p>Foi a mãe que decidiu a sua institucionalização.</p>	<p>Mantinha contacto com a mãe, ela ia visitá-lá muitas vezes mas às escondidas do pai.</p> <p>.....</p> <p>Esteve 7 anos sem falar com o pai.</p> <p>.....</p> <p>Os três primeiros Natais, não o meu primeiro Natal fui passar a casa de uma tia minha, que eu lembro-me que estava na mesa e ela virou-se para mim: "Ah mas comes com a boca fechada!" São coisas que marcam, não é? Eu não sou um animal, não sou uma pessoa selvagem, não é? Depois eu tinha a minha madrinha do baptizado, pronto foi ela que de vez em quando ia-me lá buscar, mas fora isso eu estava sempre lá dentro, sempre.</p>	<p>Actualmente vive sozinha.</p> <p>.....</p> <p>Mantém uma boa relação com a mãe.</p> <p>.....</p> <p>Fala com o pai.</p> <p>Mas a relação com ele nunca chegará aos calcanhares da minha relação com a minha mãe.</p> <p>.....</p> <p>Actualmente vive sozinha.</p>



	Antes da Institucionalização	Durante a Institucionalização	Depois da Institucionalização
Ent 24	<p>Nasceu em Arcos de Valdevez. São 4 irmãos ao todo: uma rapariga mais velha, ele, outra irmã e um mais novo.</p> <p>.....</p> <p>Viveu com ambos os pais até aos 11 anos. Quando a minha mãe faleceu a avó foi morar com eles. Depois o pai abandonou-os.</p> <p>.....</p> <p>Ele e o irmão mais novo foram para a mesma instituição enquanto que as irmãs foram para o lar das freiras.</p> <p>.....</p> <p>Quem tomou a decisão da institucionalização foi a assistente social porque o pai desapareceu.</p>	<p>Vinha todos os fins-de-semana para casa dos padrinhos do irmão. Vinham os 4 irmãos. Férias também ia para lá.</p> <p>.....</p> <p>O pai raramente os visitou.</p>	<p>Quase não tem relação com o pai</p> <p>Tive notícias dele... está cá nos A. mas...liga pouco (...) Às vezes passo por ele só que não...</p> <p>.....</p> <p>Continua a relacionar-se com os padrinhos do irmão</p>
Ent 25	<p>Vivia com os pais, e as irmãs. O pai morre e a irmãs são institucionalizadas. Ela fica sozinha com a mãe. A mãe arranja um emprego e decide coloca-la com as irmãs na instituição.</p>	<p>Mantém contacto com a mãe. Passa os fins-de-semana e férias com a mãe.</p> <p>.....</p> <p>Tem uma boa relação com a mãe e com as irmãs</p>	<p>Quando sai da instituição volta para casa da mãe com quem vive até hoje.</p> <p>.....</p> <p>Tem uma boa relação com a mãe e com as irmãs</p>

